

PARTE 2 – *Episódios* 51 AO 90

FANFICTION 2013

Lua Vermelha

3ªtemporada Não-Oficial



Este documento contém todos os textos publicados no blog
luaverm2temporada.blogs.sapo.pt
e no site luavermelha.ga
referentes à 3ªtemporada Não-Oficial da série de vampiros da SIC,

Lua Vermelha

por Cláudia Silva



AGRADECIMENTOS:

Leitores e seguidores, amantes do submundo e da leitura, que me fizeram - e fazem! - acreditar que posso sempre fazer mais, escrever melhor, sonhar demais e tornar qualquer coisa possível.

Obrigado!

A Minha Lua Vermelha: uma história por detrás da fanfic

Estávamos em 2012, o fim da série juvenil em que a televisão mais investiu criatividade em Portugal, ameaçava terminar. Sim, Lua Vermelha foi e será sempre icónica, pois marcará a história da televisão portuguesa pela quantidade de coisas que nunca tinham sido feitas antes. Portugal amou tanto Lua Vermelha e os seus vampiros, quanto pareceu querer livrar-se da febre que eles causavam. Se Lua Vermelha tivesse sido seguida naturalmente, teria começado e acabado em 2010, e talvez aí sim, houvesse espaço para uma verdadeira 2ªtemporada na SIC. Mas não, a série que tanto foi amada, foi condenada por esse mesmo amor. Lua Vermelha foi vítima da própria glória. Mudanças de horários constantes e a perda de seguidores que se sentiram desprezados, fez com que a produção se estendesse até 2012 com míseros episódios de 25 minutos, por vezes. É triste. Os poucos que ainda viviam o espírito, detinham-se entre a alegria de ter Lua Vermelha por 2 anos, e a tristeza de a ver morrer em sofrimento.

Mas, como eu ia a dizer, estávamos em 2012, e existia um blog maravilhoso chamado *Movimento Lua Vermelha*. Esse blog, de fãs para fãs, lançou o desafio: criar uma 2ªtemporada fanfic e tentar salvar a história. Vários fãs aderiram. É isso mesmo de que se trata a fanfic, é uma adaptação da história que já existe, pelos fãs. E eu fui um desses fãs. Ainda pouco ou nada sabia escrever na altura, mas gostava de o fazer e sentia que devia contribuir para a história não acabar. Passados uns meses, o blog *Movimento Lua Vermelha* encerrou, e eu e outra fã, continuámos a escrever independentes dele, criando o nosso próprio cantinho online. Até hoje, apenas o meu persiste. Escrevi uma 2ªtemporada com 200 episódios, uns melhores que outros, com muito amor e pouco profissionalismo, com dedicação e o tempo que conseguia dispor. Eu tinha 15 anos apenas quando comecei, e ninguém, amigos e família, sabia no que eu me estava a meter. Fui criticada na internet, insultada até – esses anónimos! -, mas os que me apoiaram foram mais e mais importantes e têm até hoje o meu carinho. Foram esses que, depois da loucura que foi a 2ªtemporada me encorajaram a arriscar na 3ªtemporada, ainda por terminar. Melhor preparada, mas ainda assim claramente amadora, e infelizmente um pouco vítima da minha vida privada inconsequente.

Alterei a introdução deste último PDF para vos contar **como foi a jornada da minha Lua Vermelha**, e para partilhar convosco o motivo pelo qual actualmente só publico uma vez por mês, mais coisa menos coisa.

Hoje tenho 19 anos, e a história começa assim... Uma adolescente com 18 anos, eu, percebeu que não era feliz, não sabia que rumo de vida tomar, nem o que fazer dela. A única coisa em que tinha sucesso era a estudar, mas eu não queria continuar a

estudar, enquanto a juventude se perdia nas páginas de livros que já não me ensinavam absolutamente nada de útil, apenas mais cultura geral e inteligência que só serviu para questionar a vida inconsequentemente.

O que eu precisava era de viver mais, e estudar menos. Sempre fui aquilo a que se chama uma “betinha”, com excelentes notas e bom comportamento, e uma necessidade fora do vulgar de agradar aos outros. E foi tudo isto que me destruiu, principalmente esta última necessidade. Que fique claro, primeiro, que eu adoro ler e aprender, mas nunca gostei da escola, embora lhe reconheça valor. Depois os problemas que tive em casa, fizeram-me viver dias em que, se de manhã não queria ir à escola, à tarde não queria voltar para casa. E os meus amigos da época até hoje não sabem de nada, talvez não tenham tido culpa de achar que só eles tinham problemas, e ignorar que todos os têm. Talvez a culpa tenha sido mesmo minha, por me entregar a tudo isso, e ser a heroína cuja alma chorava e os olhos sorriam para dar conforto aos outros.

Foi assim, até que se chegou o momento de ir para a Universidade. Todos vão, hoje em dia! E eu que desde o meu 10º ano dizia que tinha muito tempo para pensar no que seguir, bati de cabeça nesse momento que chegou demasiado depressa. Na verdade, chegou na devida altura, mas é imposto da forma errada. O que eu sempre quis era simples: ser artista. Mas nem professores, nem colegas me incentivavam, diziam que eu era louca, que devia estudar para ter um plano B. E em casa eu tinha vergonha de dizer: “Mãe, pai, quero ser artista, de palco e de tela”. Não me perguntem porquê, eu era simplesmente insegura, nunca vivi nos holofotes de ninguém, e ainda assim fui tomada por arrogante e cheia de sorte muitas vezes, ainda sou. Disse a toda a gente que ficaria um ano sem estudar para pensar bem e organizar a minha vida. Isso aceitaram melhor, do que a ideia de não ir para a Universidade. Porque hoje em dia, num país escolarizado, em que a escola obrigatória é o 12º, não ir para a Universidade, é um escândalo! - Até parece que já se esqueceram do tempo em que o 9ºano era suficiente, e pior, do tempo em que o 4ºano já era bom! – Continuando.... Eu vivi um ano a tentar entender as coisas, quanto mais pensava, mais certezas tinha, e tentei explicar-me, tentei avisar as pessoas, mas passado todo esse tempo apenas me parece que fiquei a dever alguma promessa que não fiz. Os meus pais foram os únicos que acompanharam o processo, nunca me julgaram e dão-me a oportunidade que eles não tiveram: de escolher. E alguma da família mais próxima também. Amigos? Tenho poucos, e nenhum é o melhor, já não acredito em melhores ou piores. Ou se é, ou não é. E os que eu escolho hoje são os que me respeitam e não me questionam com gozo na língua.

Isto tudo para vos dizer que a infelicidade, e a indecisão, me deixaram sem palavras. Durante muitos meses, e até hoje, sinto dificuldade em fazer coisas que antes amava fazer e fazia espontaneamente. E ainda amo. Senti que a minha criatividade se foi embora, e retorna agora aos poucos, com muito esforço e dedicação. Esses, que foram os responsáveis por, pelo menos uma vez por mês, abrir o blog da fanfic de Lua Vermelha e dar-vos um pouco de mim.

E no fim eu peço-vos desculpa se não correspondi às expectativas. E deixo-vos um agradecimento eterno por me fazerem sentir que de algum modo sou especial e me obrigarem inconscientemente a ter **coragem** de escrever. Obrigado.

E é disso mesmo que tudo se trata! De coragem! Decidi não ir para a Universidade, porque essa ainda não é escola obrigatória e porque não somos obrigados. Queridos, a partir do momento em que são maiores de idade, não se esqueçam que podem fazer as vossas próprias escolhas. Respeitem quem vos aconselha, ignorem quem vos goza e vos transmite pessimismo, e acima de tudo, sigam o vosso coração. Eu tomei as rédeas da aventura, e hoje digo a toda a gente quem sou: Sou Artista! Pintora a tempo inteiro, autodidacta, empreendedora do meu próprio negócio artístico, recebo encomendas e planeio uma colecção. Com dificuldades sim, mas ninguém alcança o sucesso de um dia para o outro. Continuo ligada ao Teatro. E eu sei que um dia tudo será mais fácil e recompensador. **Porque se nós acreditar-mos e formos dedicados, não é um diploma que nos garante sucesso, ou que nos faz melhores que os outros e com mais direitos.**

A escola é importante, sem dúvida, e graças aos nossos antecessores que hoje todos têm o direito a frequentá-la. A Universidade é também importante, sim! Mas não é tudo! E se pensarmos um bocadinho, não estarão as nossas crianças a passar demasiado tempo sentadas, a ouvir uma pessoa durante horas, e a serem impedidas de brincar, mesmo quando chegam a casa, porque já não bastou um dia de aulas para ainda terem trabalho para fazer em casa? Se me deixarem também serei uma activista nesta área. A escola ensina o ideal “Mente sã, em corpo são!”, mas não o coloca em prática, e as crianças estão a ficar.... Totós! E quando crescem, e se tornam pessoas adultas são incapazes de pensar sozinhas, e de ter vontade própria. Falo em parte por mim. Foi assim que me senti, e às vezes ainda sinto.

E peço-vos, não enquanto escritora de uma fanfic que lêem na internet, mas enquanto amiga, se isso for possível, **que sigam os vossos sonhos! Eles não são impossíveis.**

Para terminar, anuncio que não seguirei em frente com uma 4ªtemporada para a Lua Vermelha. Prefiro terminar com a dignidade que ainda tenho, do que arriscar em desiludir. Eu respeito muito quem me segue.

Mas!, não pretendo deixar de escrever. O blog luaverm2temporada.blogs.sapo.pt continuará online, assim como o site luavermelha.ga e o facebook da Fanfic. Irei preenché-los com novidades dos actores, e memórias da série. E um dia, quem sabe, retornarei com uma história completamente minha, e anunciarei através dos mesmos.

Fiquem bem com este último documento, que será actualizado assim que terminar a 3ªtemporada, com 90 episódios. Caso pretendam, façam download gratuito de todos os documentos PDF com as temporadas completas que escrevi, é um presente meu.

Eternamente grata,

Cláudia Silva

[Instagram.com/clauidiasilvart](https://www.instagram.com/clauidiasilvart)



The image shows an Instagram profile card for the user 'claudiasilvart'. On the left is a circular profile picture of a woman with dark hair. To the right of the picture, the username 'claudiasilvart' is displayed in a large font, followed by a button labeled 'Editar perfil' and three dots. Below the username, the statistics are shown: '114 publicações', '144 seguidores', and 'A seguir 122'. The bio text reads: 'Cláudia Sofia Artist for life. Loves theatre, sketching, painting, writing, can't live without music, photography and acting. I live for art & love & #JOANNE'. At the bottom of the bio, the link '500px.com/clauidiasilva' is provided.

Episódio 51 – “Your Memories”

Continuação...

A memória é como um sonho. Intocável. Ou como um pesadelo. Demasiado real e angustiante. E, muitas vezes, é a memória que nos define.

Aquele jeito convicto e malévolo com que vampiro desliza lentamente a lâmina do punhal, que outrora pertencia a Jaguar, rasgando levemente a pele do seu pescoço...

Instantaneamente, numa crueldade inevitável do próprio ser, os gritos dela invadem-lhe o pensamento, assim como o desolador instante em que a viu cair aos pés de Joseph, sem vida, consumida pela frieza da morte...

...

Mary Jane era doce, amável, inocente, ainda assim uma vampira. Morreu porque conquistou o amor de Alphonzo. - Joseph não suportou ver os seus planos destruídos, mais uma vez, pelos planos idiotas de um amor incondicional. - Mary Jane era uma das suas melhores criações e Alphonzo roubou-a. Após isso, Joseph já não sentia que Mary Jane poderia realmente ser leal ao que viria a organizar para ela.

...

Afonso demorou anos para conseguir controlar o ódio e a tristeza. Tais imagens de uma morte causada impiedosamente e sem justificações aceitáveis – se é que uma morte é alguma vez moralmente aceitável!... -, não lhe saíam do pensamento e magoavam-lhe a alma.

No entanto, não é exactamente essa a *memória* que Joseph pretende recuperar dos mais profundos confins da consciência de *Alphonzo*.

Expressando imediatamente uma intensa raiva no olhar e um tamanho desespero que pensava já ter sob controlo há muito tempo, Afonso parece adivinhar que a memória reavivada da morte de *Mary Jane*, é apenas e só um pretexto bem aproveitado por Joseph para chegar às *outras mortes*...

Outras mortes... Também inacreditavelmente causadas por Alphonzo. O velho e descontrolado, impiedoso e infeliz Alphonzo Stuart. – Afonso lutou tanto contra esse seu próprio ser, e agora...

- Indeed, what I did to your beloved Mary Jane, which was because of you, was nothing comparing to what you did with all those innocent humans... - o vampiro introduz o verdadeiro assunto que tem ali para tratar, finalmente, tão pouco consciente da maldade, tão fatal no seu inglês perfeito. - Have you ever told your family about your past...? How many you killed? How many innocent human lives you take? – Joseph sorri sem vontade, apenas por provocação, segurando-lhe os cabelos com cada vez mais força e mantendo o punhal no seu pescoço.

O esforço de Joseph por conseguir o que quer, - o sofrimento constante e interminável daquele desgraçado – é notável. Sem dúvida que, mais tarde ou mais cedo, com mais ou menos empenho, as suas expectativas serão correspondidas.

Afonso luta contra si mesmo.

Os pensamentos são incontroláveis e as memórias, quando mencionadas, são impossíveis de manter fora de alcance.

Mesmo assim, o jovem não pensa desistir. As consequências poderão ser devastadoras para todos, caso as suas recordações de um passado intolerável regressem e o deixem tal como aquele vampiro miserável pretende, fora de controlo...

Arrepende-se furtivamente de ter algum dia construído no passado tais memórias. Se houvesse alguma forma de apagar tudo...

Enquanto Afonso tenta concentrar-se em manter-se abstraído do ambiente e do momento, Joseph continua a falar. Por mais que se esforce, é totalmente impossível não ouvir as palavras do vampiro, e não recordar os nomes, as caras, as pessoas...

Afonso experimenta então trocar culpa e arrependimento por ódio. – Ódio a Joseph e à sua tentativa, ainda não fracassada, de o separar da família, de lhe tirar a família... - Depois, a necessidade, a vontade de saltar dali imediatamente, libertar-se brutalmente daquelas correntes, respirar ar puro, ver o brilho do sol e sentir a energia mística da Lua, recuperando forças e acabando com o problema de uma vez por todas, matando Joseph... Matando-o... Tal como fez com aquelas vidas inocentes, quando nada mais havia para viver, quando o amor parecia ter acabado no mundo e a sua existência não fosse mais que uma monstruosidade fatal às suas vítimas... Essa vontade, é destruída pela capacidade de se afastar do que é mau, e sabe que é mau...

- Eles não eram assim tão inocentes... - murmura Afonso, com uma voz pesada e um olhar novamente dirigido a Joseph. – Posso ter morto dezenas de inocentes, mas foram muitos mais os que salvei! – impõe, empenhando-se em demonstrar confiança e razão.

Joseph lança uma gargalhada sinistra, fazendo-a acompanhar-se por um olhar cheio de uma pena repugnante, afastando o punhal do pescoço do prisioneiro e soltando-lhe os cabelos.

- Tem piada! – garante, ainda a rir contagiosamente. - Essa é a desculpa que todos os assassinos pobres de espírito e afogados em remorsos usam! – a sua mudança repentina para o idioma português, sugere tão simplesmente a proximidade enfadonha, e ainda assim elegante, que Joseph pretende ter em relação a *Jaguar*, em relação a Isabel, portanto.

Afonso amolece, sem forças, deixando que o seu rosto encare o chão.

Por mais que evite, Afonso não consegue deixar de repetir mentalmente a palavra “assassino” na sua mente, aceitando-a como verdadeira em relação a si. – *Não! Não! Não!* – Repete agora, obrigando a que a sua consciência se mantenha firme. – *O que será se elas souberem... Eu não posso! Não sou um assassino! Não! Não! Não!*

Mas Joseph é demasiado teimoso, persistente nos seus objetivos...

- Quantos foram antes da bela *Mary Jane*? – questiona, manobrando o punhal de prata, místico. – E quantos depois? – insiste, abaixando-se perante o rapaz e reerguendo-lhe o rosto para si. – *How many?* – aquele sotaque fatal, novamente.

Afonso não responde. Aparentemente indiferente. Realmente afectado, recordando todos. Um por um.

- *You took Mary from me, and I couldn't protect and train someone who wasn't mine anymore...* - o vampiro sabe bem o efeito que aquele seu idioma natural e a conversa feita pode vir a ter.

Com *Mary Jane*, novamente, no seu pensamento, Afonso precisa de, no mínimo, defender a integridade da falecida.

- Ela não te pertencia... - responde necessariamente, com todas as suas forças concentradas numa voz trémula, repleta de razão, mas sem forma para a transmitir. – Ninguém aqui te pertence! – atreve-se a provocar.

Instantaneamente, consequência das palavras ousadas que ouviu, uma ansiedade percorre-lhe o corpo. Joseph é desafiado pelo confronto inevitável entre o que deseja e a incerteza de o vir ter. Ódio é tudo o que lhe surge no olhar. Pena é o que não sente por *Alphonzo*. – Ele teve tudo. *Alphonzo* teve tudo o que um dia Joseph desejou ter.

Tomado por uma acção impensada, Joseph aperta bruscamente o punhal de *Jaguar* na sua mão, protegida por uma luva preta, e numa fracção de nada dirige-o ao peito de *Alphonzo*.

O vampiro, para mal do seu cada vez mais crescente ódio, sabe muito bem que *Alphonzo* não morrerá. Nem que meia dúzia de punhais de prata como aquele, o firam com a mesma violência.

Mas *Alphonzo*, não importa o quão diferente e protegido pela natureza seja, é um ser deste planeta e, como tal, pode ser tão adequadamente frágil como todos os outros.

Sangue começa a jorrar-lhe pelo peito. A *t-shirt* é manchada por um vermelho vivo. – *É só mais um ser vivo!* – Um grito arquejante de dor ecoa com toda a força dos seus pulmões. – *E sofre como todos os outros!*

Joseph pode não ter a honra de matar *Alphonzo*. Mas terá o prazer de o torturar por uma eternidade.

Continua...

Episódio 52 – “Amor e Consequências”

Continuação...

Eternidade, essa, que está apenas a começar.

- *Those human lifes also didn't belonged to you...* - responde o vampiro, com todo o ódio que há em si. - *...and you threw them away as if they did!* – termina, num grito gutural, enterrando o punhal ainda mais fundo no peito de Afonso.

É inevitável. Lágrimas começam a descer pela sua face pálida e as imagens que pensava ter guardado numa memória profunda e intocável, invadem-lhe a mente por completo e tomam controlo de si. Afonso apercebe-se agora do quão teme Joseph, não pelo ódio puro que vê no olhar dele, mas pelo poder de decisão que ele agora tem em relação ao seu futuro... Se é que ainda há futuro.

- *How can an assassin like you be dignified with such a beautiful lovely family...* - continua o vampiro, em jeito de pensamento. - *Have you ever told them about your past? About how many you killed...?* – questiona, então, persistindo num inglês estupidamente poderoso e eficaz nas suas conseqüências.

Afonso esforça-se por segurar as lágrimas de puro sofrimento e angustiante saudade. Enquanto recordações indesejadas lhe trespassam fatalmente o pensamento, o seu coração, realmente atravessado por um punhal, obriga-o necessariamente a recordar o amor incondicional de quem deixou para trás, apenas aí encontrando motivo para sobreviver contra aquele vampiro frenético e os seus próprios pecados...

Para infortúnio do jovem, Joseph conhece cada pormenor da sua história passada, mas intenta usar a seu favor apenas alguns pormenores – até porque, o facto de *Alphonzo* ser genuinamente um homem bom, faz o inglês odiá-lo mais e mais.

Somente uma coisa consegue, por vezes, ultrapassar esse ódio eterno e sem fundamentos necessários: o orgulho. Joseph quer tão simplesmente orgulhar-se de si mesmo e, ao longo de décadas, mesmo adquirindo conhecimentos únicos a que poucos tiveram acesso e que todos julgaram perdidos, conseguiu apenas alguns instantes dessa pura satisfação.

O vampiro tem esperado pacientemente pelo momento em que acredita vir a sentir-se finalmente completo. Pelo momento em que usará tais conhecimentos a seu favor pleno, e não apenas para favorezinhos - como manter a mansão à vista só de alguns e prisioneiros invencíveis completamente rendidos à fragilidade.

Esse *conhecimento* – e Joseph sabe! - nem o *maior prodígio* actualmente conhecido pode adivinhar existir. Qualquer um dirá que Joseph conta com o *desconhecido*.

...

Espontaneamente, de uma forma que ela não controla nem sabe explicar, Luna sempre soube de tudo! Apenas nunca se atreveu a abordar o assunto...

É horrível... Sim, é. Mas ninguém melhor que ela, conhece a verdadeira essência do seu querido pai. Reconheceria, sem problema, se ele realmente fosse um homem mau por natureza, mesmo sendo seu progenitor... Mas não é isso que ele é! - Primeiro que tudo, Luna sente que conheceu todas as virtudes do seu pai, e os seus delitos, ao lado dessas, para ela, são Nada. – O seu pai tem uma alma genuína e bela, mas frágil, contudo...

Ela protegerá o pai. Responderá por ele. Sofrerá por ele. Morrerá por ele, se preciso.

No mesmo instante em que tudo isto lhe passa pela cabeça, Luna mal consegue ouvir as vozes de quem se aproxima, nem sequer consegue ver bem, ou caminhar sem se sentir enjoada... - «*Estarei sequer a caminhar?*»

- Luna!? – grita Beatriz, parecendo-lhe estar demasiado longe.

Mas a vampira está mesmo ali, amparando-a, evitando uma queda aparatosa mesmo à entrada do hotel.

...

Inconscientemente, desesperado e perdido em recordações, o seu amado pai pediu ajuda, implorou aliás por algo incrivelmente maior, a única coisa que o fará crer que ainda é merecedor de viver...

...

Uma dor mais intensa atravessa o coração de Luna. – Ela acha que sabe o que está a acontecer, mas não se atreve a ter a certeza. Nem sequer tem tempo para pensar... - Com o impulso de dor, leva uma mão ao peito, sentindo-o estranhamente molhado e, com a outra mão agarra bruscamente a de quem se aproxima, buscando apoio.

Isabel fica sem reacção quando, à saída do hotel, via a sua filha praticamente sem forças e sua camisa branca esvaída em sangue... Correu para ela, correspondendo imediatamente ao seu estender de mão...

Já na sala de estar do “Rouge Hotel” e mais ajuda a caminho, ainda segurando firmemente a mão da sua menina, enquanto a dirige ao sofá com auxílio de Beatriz, Isabel deixa, inexplicavelmente, de sentir a sua própria, quando toca a da filha, que a aperta cada vez mais.

Sente que perde o controlo total do seu próprio pensamento, vivendo o de outra pessoa, através de Luna...

- Isabel?! – exclama Beatriz, adivinhando o sucedido.

- O que se passa? – surge Graça, entre a porta, rápida no auxílio.

– Precisamos separá-las! - conclui rapidamente a ex-líder, sem mais explicações ou hesitações. – Agora!

Entretanto, também Mais Antigo e Vasco se encontram ali, seguidos por David, que se aproxima por ter pressentido uma agitação fora do normal. Naturalmente, o rapaz entra em colapso ao ver Luna, tão perfeita e inocente, alheia a tudo o que a vida tem de bom, sofrendo sem aparente explicação.

...

Impiedoso e distante da realidade que está acima da sua presente percepção, Joseph menciona todos os nomes que *Alphonzo* não queria recordar, meticulosamente, um a um, com os detalhes trágicos de morte incluídos...

Por seu lado, secretamente, sem conseguir ignorar a malícia na voz do vampiro e a verdade pura e triste em cada palavra sua, Afonso acredita estar cada vez mais perto da loucura... Acredita que Joseph está finalmente a conseguir desviá-lo do seu controlo, e aterroriza-o ter consciência disso.

Mas, esse terror parece-lhe bom, revela-se perfeito... Talvez a loucura não seja assim tão má, e Joseph não contasse com isso. A verdade é que quanto mais fora de si se sente, melhor sente a presença de Luna, que parece estar mesmo ali... Tocando-lhe o coração, amando-o, curando-o...

Joseph pode até estar a conseguir levá-lo ao extremo. Mas esse extremo apresenta-se como o mais próximo que tem de Luna. – *O que está a acontecer?*

Afonso perde a noção do que realmente está a acontecer, a loucura que julga atingir, fá-lo sentir-se invulgarmente bem, ainda que uma dor inabalável persista, bem ali...

...

Mãe e filha separam-se no preciso instante em que os presentes se preparavam para o fazer, suspeitando sobre a importância dessa acção. Num impulso, ao entender que o seu acto desesperado por amparo estaria a ter consequências, Luna libertou a mão da mãe imediatamente, mas...

Tarde de mais! Apenas alguns instantes foram suficientes...

Há muito que Isabel não sentia um desgosto assim, talvez nem mesmo quando Afonso corria perigo devida, ou quando desapareceu sem deixar rasto... - Ele tinha um segredo. Um passado que nunca partilhou consigo... O que significa o amor, um casamento, um filho... quando ainda há segredos assim? Onde ficou a confiança...

Assassino. Ele foi um assassino. E ela nunca soube, anos depois de se conhecerem, apaixonarem, lutarem por isso... Porquê?

A jovem sente-se repentinamente pesada, como se a terra a puxasse com violência para si, engolindo-a. A sua boca fica seca, talvez consequência de um nó na garganta. Nem uma lágrima é capaz de libertar.

Vendo Isabel voltar à sua postura normal, equilibrando-se em pé por si mesma, Mais Antigo e Beatriz centram as suas atenções em Luna, cada vez mais esvaída em sangue, chorando, trémula...

Vasco decide levar dali David, obviamente aterrorizado, e Graça sai para ajudar Francisca a tranquilizar os hóspedes que desceram à recepção para perceber a agitação.

Na verdade, Isabel é um pouco ignorada, dada a condição de Luna. E ela ignora cada um deles também, desgostosa, possuída por dúvidas e raiva, imprudente.

Isabel sai dali. Sem ser vista, sem ver ninguém e sem qualquer plano.

Continua...

Episódio 53 – “Apenas à espera...”

Continuação...

Mais rápida que nunca, como se canalizasse toda a sua raiva num só objetivo, que a própria ainda desconhece, percorre a serra. De momento, qualquer sentimento seu está longe de qualquer explicação possível. Apenas um aperto no coração, tão forte, que precisa aliviar urgentemente.

Para Isabel, talvez a única forma de acalmar os ânimos seja conseguir uma oportunidade de confrontar os problemas, acabar com eles seja de que forma for, um de cada vez, um por um...

Finalmente avista, a frente da casa onde supostamente viveria uns anos com Afonso e Luna, em paz... Mas onde quase nunca assentaram verdadeiramente! Surpreendida

pela circunstância, Isabel entende que realmente não levava rumo, já que a sua cabeça é apenas ocupada por um pensamento...

Para Isabel chega! Basta de fugir.

Feroz, trémula de ansiosidade ali ficará, à espera. Esperará o tempo que for preciso e acabará com, pelo menos, um dos seus problemas. Desejando que ninguém apareça para a impedir.

...

Pela forma como está, - aparentemente tenso, de braços cruzados, em pé, pronto para agir seja pelo que for - de onde quer que o observem, caso alguém esteja realmente a fazê-lo, facilmente parecerá que ele contempla o horizonte com o desejo incontrolável de descobrir que tipo de liberdade o espera, caso se atreva...

Na verdade, Henrique viu Joseph, de longe, atravessar a relva furioso para entrar naquela maldita cabana de madeira que esconde masmorras lá em baixo. Seguiu-o com o olhar e reparou no punhal que o inglês segurava, numa das mãos protegidas por luvas pretas de cabedal, reconhecendo-o facilmente - não é todos os dias que se vê uma arma assim, muito menos com um *Jaguar* esculpido. O real observador ali é ele, e o seu olhar dirige-se para lá, onde desconfia com tamanha certeza que está Afonso, ainda que não encontre justificações para que ele lá esteja...

- Espero, sinceramente, que a ideia nem te passe pela cabeça... - comenta Jasmine, surgindo ao seu lado, calma, certificando-se de que não existem olhares, nem ouvidos, postos neles.

- Com uma vista destas, uma tentativa de fuga não será algo inesperado! - garante, desafiador, referindo-se à floresta, aparentemente vazia e segura, que os rodeia. - O quê que me impede, afinal?

- Possíveis consequências?! - sugere Jasmine, tentando descobrir o verdadeiro destino do olhar de Henrique.

- Se não fosse por isso e a ideia de nos rebelarmos contra esta loucura, garanto que já não estava aqui... - afirma, sincero demais. - Até porque ela sabe defender-se! Era o que me diria, na ocasião...

Ele queria sorrir. Mas na sua expressão, nem vestígio disso. Não há como sorrir!

- Para onde estás a olhar, então? - questiona Jasmine, finalmente.

- Vi o louco descer para ali com um punhal que não me era estranho. - revela, acabando por denunciar algum nervosismo indesejado na voz. - Tenho a certeza que ele está com o Afonso... - continua, sem nunca desviar o olhar para Jasmine. - Só estou à espera de uma oportunidade para...

- Entrar? - completa a vampira, sem se mostrar contra.

Notando pouca preocupação na reacção de Jasmine, Henrique olha finalmente para ela, apenas por alguns segundos, voltando a fixar a cabana quando percebe que a vampira espera uma resposta.

- Estou farto de pensar nos riscos que corremos! – avisa, inquieto. - Quanto tempo mais vamos ter de esperar até que confiem em nós? Que se lixe isso! Precisamos de fazer alguma coisa!

Jasmine permanece em silêncio. Serena, pensativa.

- Eu tenho que entrar ali, agora! – insiste Henrique, esperando qualquer objecção da parte dela.

- Ok. – responde ela.

“Ok.”- é só isso? – Henrique estava verdadeiramente à espera que alguém o impedisse de cometer tal acto, incluindo mil motivos de oposição.

- Ok. – repete, incerto do que ouviu. – É só isso? Não me vais impedir? – pergunta, lembrando-a que provavelmente deveria fazê-lo.

- Não. - termina Jasmine, sem olhar para ele. – Vou só chamar ajuda! – avisa. – Não vais entrar sozinho... - assegura, numa postura confiante, preparando-se para sair.

- Jasmine! – chama Henrique, involuntariamente agitado com a situação. – Não tens que fazer isto... - diz, numa voz baixa e sincera.

A vampira sorri, tão naturalmente que o deixa sem dúvidas de que haverá ação futuramente.

- É o que deve ser feito! – conclui. – E, tens razão... Também estou farta disto! – admite, saindo finalmente.

Novamente sozinho. Novamente contemplando aquele lugar. Henrique sente a mais pura adrenalina percorrer-lhe o corpo, quase podendo jurar que é alegria por finalmente estar perto de alguma mudança.

...

Não apenas uma criança, bela e inocente como tantas outras, pois durante toda a vida foi violentamente agredida pela pessoa a quem chamava de pai, por quem gritava “pai!”. Afonso matou aquele homem simplesmente. E aquela criança, pequena menina, pensou qual seria a diferença entre demónios e anjos.

Algo suscitou naquela menina a certeza de que aquela criatura, aparentemente humana, odiou aquele “pai” no mesmo instante em que o viu pela primeira vez, odiou tanto que o matou. Agarrou-o e sugou-lhe sedentamente cada gota de sangue que tinha em si. Acabou com aquele homem tal como, secretamente, gostaria de acabar com a própria vida.

Veio a descobrir, já aos 16 anos, que teria sido poupada de morte certa, sob lenta tortura, por um vampiro. Quando fugiu de casa, ignorando o que ouvia sobre demónios sugadores de sangue, Martha apenas queria reencontrar o seu salvador e agradecer-lhe.

Martha chorava compulsivamente, no quarto, quando Pilar a encontrou, juntamente com alguns restos de mobília desfeita no chão.

Imediatamente, percebeu que não era a única naquela casa que passava por um mau momento.

Na verdade, nenhuma das duas está a viver a melhor fase das suas vidas. Ambas com passados confusos, ambas questionando os próprios actos, ambas desesperadas por motivos que as próprias desconhecem...

Arriscado ou não, confessam-se uma à outra.

Martha foi a primeira a contar a sua história, depois de involuntariamente admitir que se descontrolou em frente a Joseph, praticamente envenenando-o contra *Alphonzo*.

À muito que Pilar desconfiava dos sentimentos da amigo pelo prisioneiro, mas a situação é pior do que julgava.

- Foi isto que aconteceu... E eu tenho feito tudo menos agradecer-lhe. – termina Martha, ainda chorando, sentada num longo sofá junto a uma janela, com a cabeça entre as mãos.

- Como é que vieste aqui parar, então? – insiste Pilar, sem interesses, começando a ver ali mais do que uma amiga, uma aliada.

- Eu era uma simples humana em busca de um vampiro. Ninguém sabia nada sobre mim e isso tornava-me suspeita. Transformaram-me por desconfiarem que eu era algo como estafeta da Luz Eterna. O meu criador viu segurança nesse acto. - começa por explicar. – Eu deixei que a fama de caçadora de vampiros pegasse! Não achei necessário que soubessem a verdade sobre mim...

Ao lado de Martha, sem cruzar olhares com ela, Pilar pondera a hipótese de também falar sobre si. Sente-se uma covarde mas a verdade é, mesmo depois de Martha fraquejar, não se sente corajosa o suficiente para falar de si. Continuará então a falar dela...

- O Joseph sabe disto? Sabe que tens pena do *Alphonzo*?

Martha mentem-se em silêncio. Nem ela própria sabe o que sente por *Alphonzo*.

...

Chegou há poucos instantes com a certeza de que esperaria o tempo que fosse preciso. Por isso lhe parece absurdo o facto de não ter que esperar assim tanto, agora que sente algum movimento pouco vulgar nas redondezas.

Isabel fecha os olhos, apenas sentindo o que a rodeia através dos restantes sentidos, alargando o campo de concentração. Respiração! Isabel ouve uma respiração bem mais perto de si do que suposto, algures na floresta que rodeia as traseiras da casa, não sendo apenas um animalzinho indefeso com certeza. Depois, passos lentos. Um movimento mais rápido. E nada! Agora nada mais que a respiração lenta, calma, irritante para quem a ouve e espera algo mais...

A jovem continua de olhos fechados, em pé, de costas para a entrada da casa, posicionando-se ao fundo da escadaria como se esperasse alguém chegar. Descontraída demais. Calma demais.

Um carro aproxima-se lentamente e pelas vozes que ouve em simples sussurros, entende que eles realmente têm rondado por ali há imenso tempo.

Acabou! Para eles, acabou!

Continua...

Episódio 54 – “Estou a alucinar...”

Continuação...

Se fosse realmente possível descrever a postura de Isabel perante a situação, dir-se-ia que, pela primeira vez, ódio e necessidade de pôr fim a alguma coisa, eram as únicas coisas que lhe passavam pela ideia. Mas a sua expressão é demasiado anormal e inexplicável para ser descrita a preceito.

Um movimento selvagem de alguém que ela supõe rondar nas traseiras de sua casa, entre a floresta que a rodeia, quase lhe teria roubado a atenção, caso esta não estivesse centrada nos rostos estupidamente surpreendidos que se deparam na sua frente, acabados de sair de um carro demasiado luxuoso nos tempos que correm, para alguém que acaba de sair da prisão.

- Isabel, minha querida... – aproxima-se ele, tão repleto de falsidade no rosto quanto de inconsciente do perigo que corre.

A jovem certamente nunca sentiu tanto ódio e adrenalina unidos na vida como naquele preciso momento, em que encara a verdadeira definição de desamor e traição familiar.

...

Visivelmente, Luna parece mais calma. Deitada no sofá, arde em febre como efeito do seu esforço para não demonstrar, nem muito menos transmitir a dor e o pânico que sente, Luna mantém-se o mais imóvel possível, de olhos fechados, tremendo também, frágil, enquanto afasta o sofrimento de Afonso, o seu pai, naquele lugar escuro que quase consegue ver e presenciar, de tortura, para si mesma.

Uma autêntica e indescritível por outros revolução que acontece na sua alma. Beatriz, mesmo ao seu lado, quase consegue senti-lo.

Também Mais Antigo consegue suportar toda aquela aflição que a jovem carrega no momento.

Vasco, por sua vez, preocupa-se em afastar a curiosidade de alguns hóspedes que se manifestaram, juntamente com Francisca, que rapidamente inventou pretextos eficazes para os distrair e arredar dali.

Não tão fraca assim que pare de pensar, a jovem tenta, secretamente e sob plena dificuldade, aproveitar-se da sensibilidade que a liga quase diretamente ao pai, num sofrimento mútuo, para tentar, no mínimo, perceber o quão perto ou longe ele está, e no máximo, localizá-lo. Quase ouve na íntegra a voz e o sotaque de uma elegância malévola de Joseph. Por pouco que não descobre... Quase! Tem de haver algo especial que protege aquele sítio. Não há outra explicação! Algo que tem de ultrapassar, que sente conseguir ultrapassar, mas que não faz ideia como...

- Isabel... - murmura Beatriz manifestando o seu pensamento, a única que finalmente percebe o quão suspeita é a ausência de Isabel, faz tempo.

- Ela saiu depois de... - começa Mais Antigo ao ouvir a vampira, entendendo imediatamente o quão preocupante é a sua ausência, efectivamente.

Numa urgência tremenda e imediata, Beatriz salta do lado de Luna, entregando o pano molhado de água fria com que lhe limpava a testa ao líder supremo dos vampiros, nem sequer necessitando de explicar a sua saída relâmpago.

Sem também se atrever a perder tempo de a questionar pelo óbvio, Mais Antigo ocupa o lugar deixado, ao lado de Luna, sentando-se no sofá e murmurando algo que sabe que ela ouvirá, com uma generosidade pura na voz.

- Vai ficar tudo bem...

...

Alphonzo já nem está a demonstrar quaisquer sinais de alguma necessidade, de sofrimento, de força de vontade, de luta... O próprio, nunca pensou ser possível sentir aquele calor familiar tão realístico, na loucura. É realmente insano! Mas bom...

Joseph procede, praticamente já se congratulando vitorioso, num discurso maligno pautado pelos nomes de quem *Alphonzo* um dia fez suas vítimas, insistindo sempre na provocação do seu inglês perfeito. Por cada nome que profere, ataca o jovem prisioneiro dos seus caprichos com um golpe à altura de o fazer recordar com pormenor aquilo que fez com cada uma das suas vítimas, não tão inocentes como considera.

Completamente sujo, despenteado, com o rosto coberto de lágrimas que se confundem com o suor da tortura que vai aceitando, roupa encharcada do encarnado vivo do seu sangue, *Alphonzo* quase suscita um sentimento de pena no vampiro.

E, é nesse mesmo instante, que Joseph lança o seu último golpe. Um golpe deveras mais doloroso que todos os outros, uma tortura psicológica, num português cuidado que remete às origens do amor da vida de *Alphonzo*, a descendente directa de *Jaguar*.

- É este o teu destino! A desesperança! – sussurra, com malícia no tom. - O destino que qualquer assassino impiedoso como tu merece, *Alphonzo Stuart!* – termina, já em pé, superior, ao mesmo tempo que vai abrindo a porta do cubículo, deixando entrar a escuridão luminosa do crepúsculo.

...

«*Incluindo tu, cobarde!*»

O pensamento de Henrique é bem perceptível pela sua expressão, quando ouve claramente as palavras de Joseph, supondo que finalmente ele sai do local onde acredita, já com toda a certeza, que está Afonso. Apenas não entende como aquelas palavras se relacionam com o seu “irmão”. Afonso nunca matou ninguém... Ou matou? Talvez isso não importe.

- Isto é uma loucura... - comenta Victorius, próximo de inaudível, apenas para os companheiros.

- Neste lugar, tudo é uma loucura! – esclarece Jasmine imediatamente, repleta de razão, igualmente num murmúrio pouco perceptível.

O grupo organizou-se rapidamente e, por solidariedade e necessidade recíproca de agir contra ou a favor de qualquer coisa, concordaram imediatamente em sair em auxílio de Henrique, após o pedido de Jasmine.

Sandro posiciona-se na vigia, com visão directa para o casebre de madeira, sentado num dos bancos de jardim junto à casa, pretextando ler um livro – um dos muitos que encontrou na biblioteca lá do sítio sobre a história *gloriosa* da Luz Eterna e as biografias *quase* completas de todos os *Jaguar*. Assustador.

André, apanhado desprevenido no imprevisto do momento, foi induzido quase por ameaça a ser cúmplice do grupo, como prova de verdade, distraindo Joseph por qualquer motivo que lhe viesse à cabeça e fizesse valer a atenção do inglês, enquanto a acção propriamente dita decorria.

Noutra posição, está Akira, também de vigia, garantindo que, a partir da casa, ninguém os vê movimentar-se, deixando-se passear aparentemente desinteressado no relvado envolta da mansão.

Os restantes, Henrique, Jasmine, Brian e Victorious, relativamente perto uns dos outros mas estrategicamente posicionados para não levantar suspeitas sobre qualquer conspiração, esperam a oportunidade para entrar, fazendo-se parecer melancólicos, pensativos. A noite aproxima-se, o que tornará a situação mais fácil de tornar discreta. Perto da cabana de madeira, mas longe o suficiente, fingem conversar, inventando histórias improvisadas, algumas bem mais reais do que suposto, sobre a vida que deixaram para trás, assim que vêm Joseph sair e André partir em direcção a ele, cumprindo a sua obrigação.

Notando já Joseph bastante distraído por André e perdido noutros quaisquer pensamentos alheios a ele, talvez por tédio e impaciência, Henrique pronuncia-se em voz baixa, antes que Jasmine parta na sua oportunidade de ir na frente. André e Joseph já no interior do edifício. E o inglês parece nem se ter importado com a presença dos seis ali, sozinhos, na noite, de caminho supostamente livre para qualquer impulso...

- Obrigado! – diz, de olhos postos na perspectiva que lhe compete vigiar, audível para os mais próximos.

Jasmine parou momentaneamente para o ouvir, acenando em resposta, mas depressa efectuando a parte que lhe compete do plano acabado de preparar, caminhando elegantemente discreta pelo relvado, de mãos nos bolsos, descontraída, sendo a primeira a entrar na cabana.

Por confirmação dos companheiros, ninguém a terá visto, como pretendido. Certificando-se de que o cubículo está vazio, avançando por ele adentro, descendo as escadas que dão para os quartos escuros onde se sabe lá quantos foram mantidos presos e porque emotivos, Jasmine começa a assobiar melodicamente, em sinal de que caminho o está livre e se prepara para enfrentar a tal porta!

Sob a vigia e protecção de Sandro e Akira, é agora a vez de Henrique, acompanhado de Brian, que segue atrás, entrar naquele sítio insolitamente horrendo.

Quando ambos entram, Henrique na frente e Brian mais atrás, por segurança, já Jasmine desvendava umas vistosas luvas vermelhas de veludo, que arranhou de alguma forma dentro daquela enorme mansão e que espera ninguém dar pela falta, procurando a melhor forma de abrir silenciosamente e com perícia de ladrão aquela porta pesada revestida de prata.

Jasmine, simpática e discreta, linda, revela-se uma caixinha de talentos pouco dignos honestamente, mas muito úteis de vez a vez, quando engana maliciosamente a fechadura da porta com dois daqueles pequenos ganchos de cabelo, que trazia quando veio para ali.

...

Afonso nem se debate contra a loucura que acredita ter caído sobre si. Apercebe-se de um remexer estranho na porta que o separa do mundo, de presenças suspeitamente bondosas pela forma como agem, mas esse perceber confunde-se com o acreditar ser a sua imaginação maldita.

...

Luna reage positivamente, mais viva e forte do que estava, quando sente misteriosamente o afastamento de Joseph e a aproximação de auxílio. Abre os olhos de repente, procurando involuntariamente por Beatriz, que já não está ali. O seu olhar é, antes, direcionado a Mais Antigo, que a acalma enquanto a ouve mencionar apenas um nome: *Henrique*. Acabando por se deixar entregar novamente à calma aparente, mantendo contacto sentimental com o pai.

Mais Antigo aconselha-a, transmitindo segurança e razão, enquanto lhe limpa a testa com a toalha.

- A melhor forma de sobreviveres a ti mesma reside no auto-controlo! A capacidade de gerir o que sentes é fundamental e só assim conseguirás ajudar também os outros! – começa. – Esta lição serve para todos! Vampiros, humanos, ... – termina, num sorriso pleno de confiança.

...

A vampira empurra ligeiramente a porta, enquanto esboça um sorriso encantadoramente vitorioso, cedendo espaço a Henrique, para que seja o primeira a entrar.

Impulsivo e ansioso, este prepara-se para empurrar bruscamente a porta, querendo uma confirmação rápida de que ali está uma das pessoas de quem mais sente saudades.

Brian, sensato no momento, trava-o e, apenas com um olhar de resposta ao ar surpreendido de Henrique, sugere prudência. - Nunca se sabe o que há verdadeiramente do outro lado, ainda por mais quando estão em território movediço.

Só então Jasmine acaba de empurrar a porta, protegendo a sua pele com aquelas luvas magníficas que tem pena não serem suas...

Henrique dá um passo em frente na escuridão.

...

Movimentando-se esforçadamente apenas para sentir o fresco que, repentinamente, acredita que o seu subconsciente imaginou atravessar a porta, Afonso ergue a cabeça, aceitando a dor física com que se depara ao fazê-lo. – Nem sabe há quanto tempo está ali, naquela mesma posição, preso, desidratado, triste, sozinho... - Os seus olhos, pesados, tendendo em fechar, e visão fraca ainda ofuscada por lágrimas, vêem uma sombra parar entre a porta aberta. Uma sombra estupidamente familiar...

- É ele? – ouve uma voz feminina perguntar, uma voz bela por sinal, num tom que se perde entre pena e ódio.

- *Afonso*... - confirma aquela voz também familiar, pronunciada pela figura que se depara entre a porta, observando-o.

A sua imaginação nunca foi tão boa. A loucura nunca lhe pareceu tão real.

Aquela voz. Aquela presença. Afonso não evita, nem controla um sorriso exageradamente irónico, alucinante, que se vai perdendo aos poucos pela falta de forças.

- Estou a alucinar...

Continua...

Episódio 55 – “Alegre Desejo de Perigo!”

Continuação...

Henrique aproxima-se imediatamente, ajoelhando-se brutalmente à sua frente, segurando-lhe o rosto entre as suas mãos.

A situação é real. Tão real que o próprio deseja que não fosse, ainda que por acaso isso implique que ambos por ali estivessem, tão perto, sem saberem um do outro.... Mas Afonso está mesmo ali. Agora com certeza já são dois imbatíveis *irmãos Azevedo* contra a insanidade daquele desconhecido lugar. Porquê, é outra questão. E que mais nenhum membro da *família* ali venha parar é um desejo.

- Afonso... – murmura em chamamento, numa voz que denuncia clara ansiedade e dúvida. – Olha para mim! – pede.

Afonso corresponde com a difícil tarefa de abrir os seus persistentemente belos olhos azuis, que não perdem o brilho eterno, retrato da sua alma, que não será nunca perdido na loucura.

- Henrique... - sussurra em resposta, com dificuldade, visivelmente impressionado com a credível realidade que a loucura lhe proporciona. – Estou mesmo a alucinar... - repete, com o desânimo de acreditar no surrealismo do momento, descaído sobre si mesmo, sem forças.

- Se assim fosse, estarias a ver a Isabel... – resmunga Henrique, afinal, ele próprio em caso de alucinação, teria também uma principal preferência que não seria o *irmão*...

Sarcástico, repreende-se de imediato posteriormente pelo uso desse seu dom nos piores momentos. O comentário foi tão óbvio como precipitado.

- Despacha-te. – pede Jasmine, numa voz tão suave que poderia facilmente ser esquecida num momento de menos adrenalina.

Mesmo atrás de Henrique, entre a porta do cubículo escuro e desumano, a vampira transmite a indicação que lhe foi dada por Brian, através do sinal de Victorious, este que ficou ainda mais atrás, mantendo-se no casebre de madeira, uns degraus acima deles, entre os fundos e o exterior.

- Afonso, acredita... – insiste o rebelde, ignorando Jasmine com a razão de mal estar a suportar a desgraça que vê. – ... estou aqui! – termina.

Nisto, Henrique revela uma pequena garrafa de água que trazia na mão o tempo todo, escondida estrategicamente ao lado si mesmo, conforme convinha, a qual Jasmine encontrou sabe-se lá onde, provavelmente ao lado daquelas excêntricas luvas vermelhas que exhibe.

No limiar do que é considerado ser vivo, fraco, acorrentado, faminto, cheio de sede, Afonso corresponde ao gesto do *irmão* imediatamente e por instinto, apoiando o rosto numa das mãos do irmão, que o segura, enquanto bebe a água que este lhe oferece com a outra, cuidadosamente, para que nem uma gota seja desperdiçada.

Poucos instantes depois, o jovem consegue abrir os olhos já com alguma facilidade e respira também mais espontaneamente. No entanto, cruel óbvia realidade, apenas aquela e um pouco de luz não o tirarão dali e Henrique sabe disso. Voltará mais tarde, em algum momento, com um melhor plano.

- O que fazes aqui...? – questiona Afonso, colocando toda a sua força nas palavras, ainda com algumas incertezas sobre aquele encontro não passar de imaginação.

Caso assim o seja mesmo. Afonso consegue então imaginar as gargalhadas malévolas e inaudíveis, para si, de Joseph, ao seu lado, triunfante. - *Mais vale nem pensar na hipótese.*

- Fui raptado sem motivo... – relembra-lhe o vampiro, desejando que o irmão não esteja ali há tanto tempo quanto ele para que se possa lembrar, em vez de ficar a saber. – E tu, que fazes aqui? – intervém.

Mais uma lágrima desliza lentamente e com pesar pela face de Afonso.

- Vingança. – pronuncia num suspiro. – Coisas do passado. – completa, visivelmente triste num sorriso que tenta desvalorizar.

- Desculpem mas... - começa Jasmine, novamente apressando Henrique, que parece querer abusar da oportunidade.

- Foi bom ver-te, *irmão*... - segreda Afonso, depois de conseguir ouvir a vampira e entendendo a situação, esforçando-se por sorrir com sincera alegria a Henrique.

Compreensiva de mais até aqui, impaciente por necessidade, Jasmine entra na sala escura e agarra Henrique pelo braço, obrigando-o a levantar-se sem resistência.

- Eu volto! – garante o vampiro imediatamente, trocando o último olhar do momento com o *irmão*.

Um nó angustiante na garganta de Henrique acompanhá-lo-á pelo resto dos dias, até voltar ali. Não encontra motivos para ver Afonso ali, muito menos desumanamente tratado. Se há pessoa que não merece tamanha tortura é *Alphonzo Stuart*. Vingança? Quem poderá mais querer vingar-se dele, para além de Victor, que já morreu...

A pressão obriga-os a despachar-se. De preferência, sairão dali sem deixar rasto e evitarão a movimentação alheia e indesejada que parece existir no exterior.

Afonso, na perspectiva de quem fica, que viu na proximidade de Henrique razão para continuar a acreditar, interpreta agora pela sua saída, a fuga de uma nova esperança que lhe encheu o coração por segundos. Acaba por desejar não ter duvidado da loucura. Ser louco é ótimo quando não há alternativas.

...

Mantendo-se atenta, Luna ouve os conselhos calmos que Mais Antigo lhe vai dando, aproveitando a deixa para aliviar a dor e gerir todo um mundo de coisas que acontecem dentro de si.

O vampiro sabe que a está ajudar, é essa a sua intenção, mas não imagina sequer a quantidade poderosa de tranquilidade e segurança que lhe transmite.

Francisca regressa agora para junto deles, deixando que Vasco oriente o hotel e respectivos hóspedes curiosos e preocupados. A vampira agradece o gesto naturalmente, sentindo-se mais segura e menos ansiosa se estiver perto da sua querida Luna. Como sempre e para sempre enquanto estiver por aqui, a família será tudo.

- Onde estão a Beatriz e a Isabel? – questiona a vampira, mal chega, apercebendo-se que afinal não terá a maioria debaixo de olho.

- A primeira foi atrás da segunda, que saiu e não voltou! – responde espontaneamente Mais Antigo, rápido na informação e calmo na sua pronúncia, segurando o pano molhado com que alivia a febre da bela ao seu lado.

A vampira suspira, e um aperto enorme e mais intenso no seu coração aflige-a. Aproxima-se então de Luna, um anjo sofrendo sem culpa. Acaricia-lhe os cabelos compridos e ruivos, sussurrando-lhe palavras de apoio e carinho, como uma mãe sempre faz aos seus protegidos. – *Onde está Isabel, afinal?*

...

- Estás cada vez mais bonita!

Apressa-se a esclarecer cinicamente, ainda que não seja mentira nenhuma, aquela mulherzinha, seguindo o comentário do marido, parceiro em tudo e para quase tudo.

Isabel sente um arrepiante nojo deles.

- Que saudades... - continua o homenzinho, descarado, preparando-se para abraçar a sobrinha, repugnante, ignorando a sensação de medo que tem sobre silêncio dela.

Silêncio. Isabel permite-se a ficar em silêncio, evitando pronunciar as crueldades que lhe passam pela vontade no instante, até porque tem noção que o seu olhar estará a traduzi-las minimamente. E aquelas pessoas, a que chama de tios, continuam a ignorar. - *Serão eles assim tão mais arrojados em barbaridades do que o quanto ela sente que é no momento?*

- Afaste-se de mim! – ordena, num aviso ameaçador, evitando o abraço falso e desnecessário que adivinha angustiante.

- Que modos são esses?! – resmunga Filomena, achando-se no direito de repreender alguém. - *Miserável.*

- São os modos que ambos merecem! – acusa Isabel, esboçando um sorriso intensamente cruel e provocador que lembra uma outra pessoa.

Henrique.

Beatriz seguiu o rasto de Isabel facilmente - *sempre foi a melhor em seguir rastos* - e, olhando-a agora atentamente, não conseguindo nem intervir, nem afastar a ideia de que o deve fazer, teme aquele sorriso, presságio de confusão...

Aquele sorrir. O mesmo sorriso desafiador de Henrique, que ele tão unicamente traça no rosto em situações extremas de puro conflito, quando arma confusão ou a torna sua com toda a alegria do mundo... - ***Aquele alegre desejo de perigo! E o quanto ela sente saudades disso...*** - A vampira afasta imediatamente tais pensamentos...

Seguirá em frente, mantendo toda a sua atenção em Isabel, enquanto aproveita para revistar cada esquina exterior da casa, pressentindo sem enganos a presença de mais alguém por perto, alguém a mais, sendo a sua intuição a alertar para o quão estúpido seria aqueles dois delinquentes estarem ali, sozinhos, sem apoio extra.

Distanciada, ainda no limiar da floresta que rodeia a casa, salta do alto e velho muro musgoso que resiste ao tempo para denunciar outras vidas anteriores que o colocaram ali por algum motivo...

Numa volta veloz e discreta, acaba orgulhosa pelo seu sexto sentido. Obviamente, teria de haver mais alguém ali...

Continua...

Episódio 56 – “Controlo sobre a Vida e a Morte”

Continuação...

Uma súbita intenção maléfica de surpreender aquele evidente e indiscreto intruso, alheio ainda ao que está para lhe acontecer, invade a alma de Beatriz e expressa-se através de um natural sorriso de satisfação.

Aquele infeliz, pobre coitado, nem sabe o que o espera.

...

- Nós sabemos que cometemos erros... - começa Caetano, novamente.

Sabem que cometeram erros. Mas com certeza nem imaginam a repulsa que Isabel sente por eles, os seus únicos parentes vivos, a quem nem se atreve a chamar de família, pois aquelas coisas vivas à sua frente não são, nem de longe, algo que se assemelhe ao que ela conheceu ao lado dos pais quando era criança.

Ao lado de Afonso, enquanto estiveram juntos...

Adrenalina. Uma intensa adrenalina percorre o corpo de Isabel, como algo que substitui o sangue que lhe vai nas veias. E ódio. Um profundo ódio por aquelas pessoas. E saudade. Imensa saudade. E dúvida. Porquê que ele lhe escondeu coisas. Se realmente se amam, se estão casados, seria suposto que estivessem juntos na alegria e na tristeza, saúde e doença, em tudo! Porquê...

E para quê perder mais tempo com aqueles dois seres vivos cruéis e egoístas?!

- E é por isso que estamos aqui! Queremos o teu perdão! Tu és a nossa única família, Isabel! – completa Filomena, parva demais para perceber que está a levar o caminho errado, que se mete com a miúda errada.

- A mentira está estampada nas vossas caras... - diz, olhando-os malevolamente feliz, aproximando-se lentamente, com os braços tensos ao lado do corpo. – Eu odeio-vos tanto! – garante Isabel numa honestidade tremenda, sinceramente perigosa.

...

Concentrando-se no ataque silencioso que prepara, Beatriz, involuntariamente, acaba por deixar de prestar atenção ao diálogo entre Isabel e os tios, aqueles regressados criminosos, asquerosos.

Atraindo atenção, a vampira movimenta-se rápida entre os arbustos. Para seu agrado, o rapaz fica depressa perdido de susto, atordoado, questionando aquela presença que se manifesta, dando voltas e voltas sobre si mesmo, querendo ver tudo e não vendo nada.

Beatriz pára mesmo atrás dele, a apenas alguns metros de distância, triunfante. - Coitado, parece tão inexperiente... Um simples movimento alheio e já tão assustado! Se realmente estiver ali para proteger alguém, poderiam ter feito uma melhor escolha...

Ágil, certa de que é consideravelmente mais velha e mais poderosa, lança-se velozmente até ele, surgindo-lhe pelas costas. Quase imperceptivelmente, bloqueia-lhe os braços, impedindo um contra-ataque, e segura-lhe o rosto num gesto de total controlo da situação, que ameaça a quebra dum pescoço. Por fim, exige silêncio.

- Abres a boca, mexes um fio de cabelo ... - enumera, num perigo murmurado. - ... e acabo contigo!

Em pânico, o jovem sujeita-se imediatamente ao que lhe é exigido, evitando um conflito maior.

“Porquê eu?” – pensa James, vencido pelo poder daquela vampira que desconhece.

– Estás com os humanos? – questiona Beatriz.

Mais preocupado consigo mesmo do que com aqueles insignificantes a quem ficou de vigiar, James confirma, honesto para seu próprio bem.

- Sim. – sussurra, com cuidadoso esforço.

É então que Beatriz ouve um grito de puro ódio, emitido pela voz Isabel. Sozinha, acaba por ter o prazer de quebrar o pescoço sem necessitar de razões mais fortes para isso.

James desvanece, inanimado, nos braços da ex-líder.

Beatriz não o deixa cair, arrastando-o antes consigo, apressada mas cuidadosamente, com o mínimo de respeito ao medo e consequente honestidade do rapaz.

É o momento para voltar a concentrar-se em Isabel e no perigo que ela encarna. Beatriz não irá interceder para evitar o mal dos humanos, mas sim para evitar a loucura da jovem amada do seu “irmão” e o sentimento após um disparate tamanho como magoar, matar!, um humano.

...

Isabel está completamente alterada: olhos escuros que se confundem com o escuro da noite que se avizinha. Um negro que reflete apenas o brilho dos faróis do carro, atrás do casal.

Ah, como os odeia. Um tão simples ódio. Nada mais certo, nada mais real e profundo. Ninguém a pode julgar por isso. E ninguém a pode impedir de cometer uma loucura. Eles merecem e ela tem o direito.

- Querida, estás bem? – atreve-se Filomena, acreditando ter ali uma vampira, sim, uma vampira!, é o que lhe vem à mente. *Afinal esta sabe mais sobre mundo do que devia.*

- Não! – garante, num grito que cala qualquer outra voz e que os ameaça.

Num perfeito não lúcido limiar da sua raiva, Isabel atira-se ao pescoço da tia, empurrando-a bruscamente contra o carro, com uma força que imaginou ter, mas que nunca tinha testado.

Filomena implora pela vida apenas com um olhar esbugalhado, um rosto vermelho e um esperar estranho. Tão mísera e frágil, é a prova de que os seres mais malignos deste mundo têm fraquezas.

O seu silencioso pânico torna-o um imediato covarde. O jeito com que se afasta lentamente, faz de Caetano o marido que ninguém merece, nem mesmo aquela mulherzinha que Isabel tenta eliminar.

Mas o pobre homem falha na sua tentativa medíocre de fuga. Isabel desconcentra-se da sua força imensa em acabar com Filomena apenas por alguns instantes, rápida e furiosa, agarrando Caetano pelo braço e atira-o impiedosamente contra as escadas da entrada de sua casa, mesmo atrás de si.

Silêncio. Para além do estrondo que o corpo ao embater nas escadas emite e o rasgo que Isabel consegue sentir que se abre na cabeça daquele homem, apenas

silêncio. Há ainda o recupera de fôlego de Filomena, que nem um grito soltou pelo marido. Mas acima de tudo, silêncio.

Inesperadamente, Filomena vê a sobrinha investir novamente contra si e grita.

Não sabe se algum dia será capaz de o confessar a alguém, mas aquela sensação, a de ter o controlo sobre a vida e a morte de infames criminosos, agrada-lhe. *Afonso também não lhe falou sobre isso...* Isabel não tenciona parar. Não vai parar.

É pelo inconfundível cheiro de sangue que Beatriz percebe que chegou junto de Isabel tarde demais.

- Pára! – pede Beatriz, conseguindo ouvir através do fraco batimento cardíaco de Caetano a luta do homem pela vida. – Eles não merecem, Isabel! – grita, quando a vê esbofetear brutalmente a tia.

- Não merecem, Beatriz?! – questiona Isabel com incredulidade, nem dirigindo o olhar à vampira enquanto solta uma gargalhada nervosa e pára para olhar a sua vítima.

- Queres mesmo sujar as tuas mãos no sangue imundo deles? – replica, captando a sua atenção. – Tu não és assim... - lembra, com compreensão na vós.

- Eu quero que eles morram! – confia, ainda dirigindo um olhar negro de predador a Filomena, que estremece no chão, em frente ao carro, e com sangue a escorrer-lhe na testa.

- Já pensaste na paz que a morte lhes vai oferecer? – interroga a vampira, astuta, certa da sua intenção.

As suas palavras parecem manifestar sucesso. Beatriz vê como o olhar da amada de Afonso muda consoante o pensamento, sinal de que ouviu a questão e pondera sobre ela, bem ou mal.

A verdade é que tencionava acabar com a raça deles ali.

- É isso que queres para eles? – insiste Beatriz. - Paz?

Continua...

Episódio 57 – “Demónios”

Continuação...

Os propósitos de toda aquela conversa fiada de Beatriz são mais do que evidentes.

Consistem em lançar a pessoa num mar de dúvidas; fazê-la questionar-se sobre os seus actos e anseios; e envergonhar-se deles, talvez! Mas o ponto cimeiro da intenção é o atingir de um arrependimento por acções que ainda não foram cometidas, ou não terminadas.

Beatriz só quer impedir aquela bela e forte jovem, cuja alma está consideravelmente mais limpa de sangue que a sua, de terminar o que começou.

E Isabel está a par de tudo isso. Naturalmente, cedeu aos propósitos da vampira, afogando-se em dúvidas, questionando-se, mas, mesmo antes de aceitar o arrependimento, atreve-se a questionar antes a atitude da ex-líder, em vez da sua. Uma atitude demoníaca consome-a e disso não se apercebe ela.

- Dito assim, parece simples e justo deixar viver almas medíocres, pois, afinal, a morte não é mais do que um descanso eterno... - começa, voltando a manifestar-se ódio na sua postura. – Acreditas mesmo nisso? – atreve-se a questionar.

Parece-lhe agora que subestimou o lado obscuro de Isabel. A vampira enfrenta aquele olhar negro intimidante que nunca julgou algum dia vir realmente a temer. Não lhe passa pela cabeça ter medo de Isabel e muito menos tem medo por si. Na verdade, Beatriz teme as ações e as consequências de um instinto malvado que cresce na jovem à sua frente.

- Isabel... - pronuncia, como se chamasse pela alma de alguém que não está verdadeiramente ali, e deveria.

- Se acreditas mesmo nisso... - continua a filha do último verdadeiro *Jaguar*. – Porque não deixaste o meu pai viver? E o meu irmão bastardo...? E todos e quaisquer seres que sei que um dia mataste... - enumera, concentrando-se em Beatriz, aproximando-se ameaçadoramente. - Desde almas medíocres a inocentes, Beatriz! Quantos foram?

A ex-líder nunca acreditou em histórias que de tempos a tempos lhe chegavam aos ouvidos sobre demónios que possuíam os corpos de almas inocentes, mas no instante, vendo Isabel investir contra si, uma Isabel que não é realmente a que sempre conheceu, Beatriz poderia jurar que estava a ser atacada por um demónio e não pela mulher por quem o seu “irmão” se apaixonou perdidamente. Aquele olhar negro, aqueles punhos cerrados, aquela troca de palavras...

...

A sorrateira saída de Henrique, Jasmine, Brian e Victorious daquela espécie mal imitada de masmorra, esperava-se atribulada. Felizmente, e inesperadamente, alguma coisa, ou alguém, no interior do casarão atraiu os dois vampiros que contestavam a presença sossegada de Sandro no exterior, e que até o provocaram momentaneamente com piadas secas, esperando conseguir arrancar alguma coisa do rapaz.

Vendo Sandro entrar na mansão com os dois capangas que o chateavam, Akira faz sinal aos quatro e junta-se a eles à saída. Velozes, depressa se infiltram novamente no tédio da normalidade quotidiana da mansão, entre todos os outros.

É noite.

Entram na mansão, necessariamente discretos, embora a sua presença seja sempre algo a considerar importante de notar pelos moradores daquele lugar, e separados à vista de quem não os observa com perspicácia. – *Henrique não se lembra de alguma vez ter sido tão discreto, nem tão prudente... Na verdade, pensa muito sobre isso, ultimamente! Estará a mudar? Será a idade? Que horror, não ...* – Repararam imediatamente que quase toda a população residente se encontra reunida num único salão e cedem aos caprichos da curiosidade quando vão averiguar.

O grupo reencontra-se novamente. Em silêncio, percorrem o salão ao encontro uns dos outros, ignorando os olhares dos restantes.

Ali dentro, aqueles seis são mais que um grupo, mais que amigos imediatos e já todos ali perceberam o perigo ou a sorte que isso lhes pode trazer.

Ali dentro, os seis mais novos são uma *família* e, ou fazem deles aliados, ou podem estar perdidos!

Sandro encontrava-se já entre os restantes. Sozinho na multidão, juntou-se imediatamente à *família*, mal viu o primeiro deles entrar na sala.

Os seis foram entretanto rodeados por todos os outros, como se se formasse uma barreira à volta deles, sem qualquer saída. Sem violência explícita, o espaço encolhe à volta deles e isso torna-se quase constrangedor... Mas pior! Sufocante!

Aqueles tipos parecem cada vez mais bem preparados para ingressar num exército.
– *Henrique pensa cada vez mais na hipótese...*

No entanto, o sujeito que toma conta de toda aquela inesperada e inexplicável reunião de super-vampiros não está presente. Ainda...

- O quê que está para acontecer? – questiona Brian, sem deixar desvanecer o encanto da sua postura indomável.

Ninguém responde...

O grupo troca olhares entre si. Só Henrique se mantém afastado dessas cumplicidades da irmandade, parecendo ele enfrentar num silêncio descomunal e um olhar verdadeiramente desafiador apimentado com um sorriso sarcástico, um grandalhão mesmo ao seu lado que, acredita, parece querer espancar alguém com urgência.

Os dois desafiam-se, desconhecidos e ambos com vontade de soltar uns murros. Já todos os observam. E Henrique repara, só agora, que aquele sujeito com ar de *Hulk demoníaco* não era assim tão grande há uns tempos... *Ou talvez anteriormente nem sequer tenha perdido tempo a olhá-lo...*

...

A jovem Pilar está lá também, atrás de todos, recatada mas presente e sem tirar os olhos daquele grupinho ao centro. Martha aproxima-se e as duas vampiras trocam expressões de cumplicidade, selando uma amizade ainda mais verdadeira, agora na total partilha da realidade de cada uma.

A conversa que tiveram foi longa, mas esclarecedora. Temem o pior, e conhecem os perigos que podem vir a enfrentar e que, certamente, encararão, mas agora... Já não estão sozinhas!

- O que é tudo isto? – pergunta Pilar, mexendo apenas os lábios.

Martha faz-lhe um gesto com a mão, indicando uma das portas de saída daquele salão e Pilar percebe que, seja lá o que for, não serão necessárias ali.

- Sei que o Joseph vai perder algum tempo com eles... - revela, Martha. – Para uma última conversa! – completa, esperando que amiga saiba já do que se trata.

- Tal como fez connosco... Com todos aqui! – conclui Pilar.

- A típica lavagem cerebral... – sussurra Martha num murmúrio triste, enquanto ambas se afastam o mais possível do salão e, claro está, de tudo o resto.

Ninguém sentirá a falta delas, não só porque não são as únicas em falta na reunião, mas também porque *aparentemente* elas são das pessoas mais fiéis a Joseph, por ali.

E essa lealdade que têm expressado e reforçado perante o rei daquele castelo, é o trunfo que ambas sabem ter a seu favor!

- Poucos suportam... – recorda Martha, revivendo a memória dos dias a fio que se fechou sobre si mesma, a chorar por tudo o que Joseph lhe mostrou.

- E ele está a melhorar com o tempo... - comenta a outra, com desânimo. – Ele pode revelar muitas verdades, mas também inventa muitas mentiras para conseguir o que quer!

- Ele acredita que é o melhor para todos! – recorda Martha.

- Porque acredita que somos como ele, apenas por isso... – termina Pilar.

Certas de que caminham sozinhas naquele relvado, confiantes e astutas, as duas afastam-se como relâmpagos daquele lugar, penetrando na floresta que o envolve. *Desaparecem...*

...

Numa tentativa bastante falhada de retribuir o sorriso sarcástico, tão único, que o jovem vampiro lhe lança, o grandalhão sorri e abandona o desafio mútuo.

Henrique não apreciou nada aquele gesto, tal como não está a tolerar da melhor forma aquela estranha e desconfortável barreira de *marionetas* à sua volta. É óbvio que os estão encurralar... É claro que lhes vai acontecer alguma coisa...

Finalmente, ou infelizmente pela quantidade de preocupações que isso possa trazer-lhes, ouve-se a sonora elegância da chegada Joseph.

Continua...

Episódio 58 – “Selvagens e Poderosas”

Continuação...

Ao passo que o vampiro avança, num festejo antecipado de uma vitória inexistente ainda, os que estão no seu caminho vão-se desviando, até que ele pára, ao centro, enfrentando os seus curiosos e ferozes últimos seis *resgatados*.

Esta é definitivamente a sua última oportunidade. Terá que ser persuasivo.

...

- Não passas de uma hipócrita, Beatriz! – grita Isabel, numa fúria gutural.

Naquela sua estranha movimentação inconsciente, a vampira continua a recuar lentamente à medida que Isabel se aproxima, diabólica, firme e indestrutível. - *Não é medo.* – repete para si mesma. E não desistirá até que a humanidade da jovem volte a ofuscar quaisquer das suas possíveis tendências assassinas.

- Não sejas estúpida e inconsequente e muito menos fales de hipocrisia! – replica Beatriz, num aviso ameaçador que sugere calma. - Estamos a falar daquilo que tu és! – lembra, elevando o tom de voz, deixando que Isabel a enfrente. - Podes ser muita coisa, mas uma assassina inconsciente?! – termina em questão, num sorriso desdenhoso que subestima a raiva da mãe de Luna.

Frente a frente, olhos nos olhos.

Isabel não se parece consigo mesma.

Beatriz não reconhece aquele olhar.

A vampira parou de recuar. - *Será uma ameaça?* - Isabel nem se interessa por saber. Não se importa se assim realmente for.

- Quem é que tu pensas que és? – questiona, num murmúrio intimidante. – Eu sei quem sou e melhor ainda... Sei o que quero! Espero que consigas viver com isso...

- Sabes o que queres?! Olha bem para ti... - aconselha Beatriz, e por mais que lhe custe, sem nunca deixar de fixar aquele olhar negro, profundo, infernal, provocando-o.

Incapaz de se mover, incrédula na sua insignificância, Filomena parece desejar um confronto imediato entre a vampira e a sobrinha, aquele ser que já nada de humano deverá ter. *Oh, sim. Que haja luta! Rapidamente! Para que a mulher possa desaparecer sem ser vista.*

- Olha para ti antes de falares de mim! – sugere Isabel, algo no seu subconsciente evitando o despertar.

Enfrentam-se. Cheias de razão. ***Selvagens e poderosas.*** E é nessa pequena semelhança que está o perigo pois, ainda assim, são tão diferentes...!

- Eu sou uma vampira, Isabel. – afirma Beatriz, triunfante nas suas palavras. – Um ser genialmente concebido para matar! – reforça, exibindo os seus afiados caninos e um olhar vermelho intenso que defronta o de Isabel, sombrio. – Ao contrário de ti! - garante, arrastando o olhar sob a figura angélica da jovem, confirmando as suas certezas. – Espero que consigas viver com isso... - termina, repetindo em provocação, reencontrando os olhos de Isabel.

A amada de Afonso, ou um vulto daquilo que ela seria, mantém a sua atitude num silêncio breve, mas angustiante, antes de responder.

- Caso te falhe a memória, vários factos da minha vida podem garantir-te que não sabes do que estás a falar. – começa, com uma serena razão temível. – Primeiro *Jaguar*, agora um ser cuja existência falta explicar... - enumera.

Filomena observa. *Nunca mais...?*

- Chego a ter pena de ti... - despreza Beatriz, sincera. – Tão inocente, amável, ingénua... - descreve.

- Inocente?! Amável?! Ingénua?! Não me lembro de alguma vez ter agido assim contigo...

- Talvez nunca, mesmo! – confirma. – Mas só uma miúda inocente, amável e ingénua se apaixonaria por um vampiro... – comenta num murmúrio.

Saberá Beatriz o que está a dizer? Saberá Isabel o que ela quer dizer?

A verdade é que depois daquela afirmação, parte do véu negro que cobria o olhar de Isabel desapareceu, como se ela se lembrasse que, realmente, se apaixonou por um vampiro e o aceitou como tal, sem nunca ter pensado na hipótese de ele realmente ter assassinado alguém...

Mas o ódio permanece. Isabel luta contra a bondade dos seus instintos. Beatriz reconhece isso perspicazmente.

- Faz o que quiseres! – acaba por dizer a vampira, numa sábia malícia. - Mata-os! Força! – incentiva, numa proposta tentadora.

Beatriz toma o perigoso risco de realmente desafiar aquela faceta obscura de Isabel.

E Isabel acaba de ser surpreendida.

Espera um instante. Observa o leve sorriso vampiresco de Beatriz e quase lhe inveja o olhar encarnado cintilante. *Ela deverá ter algo mais a dizer...*

- E? – questiona, percebendo o propósito do silêncio, assumindo-o como um truque da vampira para suscitar a sua curiosidade e cedendo ao impulso.

- Mata-os! – continua ela a insistir. - Só não te esqueças de o fazer a pensar naquilo que eras quando o Afonso se apaixonou perdidamente por ti; pensa naquilo *que ele era* e na quantidade de vezes que te protegeu dele mesmo; e pensa na tua filha! Foi ela que te tornou naquilo que és hoje... Não a consideras uma assassina, consideras? – debate, malévola na sua inteligência.

- Não te admito... - inicia Isabel, novamente impaciente.

- E mais! – continua Beatriz, interrompendo. – Pensa no sofrimento da tua filha para evitar que o mundo desabe, enquanto estás aqui, a brincar aos assassinos!

- Chega! – grita ela.

Isabel, ou a sua incontrolável raiva, arrisca um golpe contra Beatriz. A vampira agarra-lhe o braço, antecipando-se, experiente e violenta.

- Mata-os e nem te atrevas a vir chorar nos meus ombros mais tarde! – atira, indiferente.

- Não te aguento mais! – admite Isabel num berro estridente, libertando-se da mão forte da vampira. – O quê que vieste aqui fazer? Impedir-me de quê? Tu já não

mandas aqui... Se é que alguma vez mandaste! – questiona, diabólica e imparável. – Estamos em perigo mais uma vez, provavelmente, pela tua incompetência! Já pensaste nisso? – termina, também inconsequente.

Aquela não é Isabel, mas as palavras que ouve sair da boca dela parecem-lhe demasiado reais na sua pela sinceridade e razão. Beatriz pode até consentir, concordar, mas de certo não o demonstrará e não cederá à demoníaca vontade daquela miúda.

- Não te admito que venhas para aqui falar sobre o que eu sou ou deveria ser! Por tua causa, o Afonso desapareceu! – acusa a filha do falecido *Jaguar*, fora de si, inconsciente.

- É bom que comeces a pensar no que estás a dizer... - ameaça Beatriz, incapaz de continuar a ouvir e calar, quase a fraquejar.

Primeiro Henrique, depois Afonso. Agora Isabel parece perdida. *Será mesmo culpa sua?*

- Estou farta de ti! – a honestidade de Isabel atinge a vampira como uma lâmina de prata que a queima, e a própria sabe disso, tanto quanto sabe que a vampira não o demonstrará.

Isabel reage ao ódio, empurrando Beatriz e acertando-lhe um golpe no queixo. A vampira recua com o ataque certo. Vitoriosa, aquela aparição diabólica de Isabel sorri, sabendo que Beatriz pensava demasiado nas palavras que ouvia para evitar a agressão e defender-se.

O que Isabel não esperava, enquanto sorria, é que Beatriz fosse tão rápida e ágil no contra-ataque, dirigindo-lhe um soco à cara, ao nariz, que a faz contorcer-se e quase a atira ao chão. Depois, agarra-a pelos cabelos, evitando a queda enquanto lhe sussurra algo ao ouvido com igual ódio.

- Se te serve de consolo: o Henrique também desapareceu e eu já não sou líder!

- Então pára de agir como tal! – implora Isabel, numa necessidade perversa.

Isabel tenta mais um golpe mas falha. O seu ódio é cego. Beatriz empurra-a, libertando-a com violência, numa tentativa indirecta de lhe mostrar que a raiva lhe consome até a capacidade de se concentrar para uma boa luta com uma boa adversária.

- Eu vim aqui para evitar que cometesses uma loucura! – lembra, elevando a voz, novamente. - Entretanto, fartei-me, e até te incentivei a fazer o que tanto pensas desejar... Estás à espera de quê? – questiona, Beatriz. – Mata-os! – insiste, vendo-a erguer-se lentamente. - Não me digas que afinal... Não és capaz?! – sorri, maliciosa. – Deixa-me mostrar-te como é fácil...

No momento, Filomena preparava-se para a fuga. Sim, aquele instante era o ideal até que elas pararam o desafio e, de repente, uma vampira se dirigia a ela. Caninos brancos e sedentas, afiados certamente, e um olhar sinistro, inesquecível, caso sobreviva.

Como é óbvio, uma humana não consegue fugir a uma vampira! *Mas não custa tentar a sorte...*

Quando se preparava para correr, olhando Beatriz e Isabel e a fúria de ambas e entre ambas, a mulher sente umas mãos agarrarem-lhe os braços, fazendo dela uma presa demasiado fácil. Um corpo frio, inesperado e rápido, puxa-a contra si. Filomena grita. Depois, umas cócegas frias e dolorosas no pescoço. *Escuridão.*

O vampiro, inesperado ali e claramente esfomeado, ignora os olhares enquanto deixa Filomena cair inconsciente no chão. Não a matou.

Beatriz e Isabel mantêm as mesmas expressões indecifráveis. Assustadoramente indiferentes enquanto observam.

Lindo. A sua pele tão perfeitamente bronzada sugere origens africanas e contrasta com uns deslumbrantes olhos dourados.

- Vinha exigir que parassem de lutar...! – confessa o vampiro, a sua voz grave e marcante. – Mas entretanto... - continua, com os seus magníficos olhos dourados observando agora a mulher inanimada aos seus pés e voltando-se novamente para as duas rivais. – Deu-me uma fome! – admite, desvendando as suas presas atrás de um sorriso perigoso e inocente.

Continua...

Episódio 59 – “I dare you!”

Continuação...

Um calafrio, uma inexplicável sensação de perda ainda maior, dominam os sentidos e as forças de Isabel, que fica vidrada na figura inanimada de Filomena, num fascínio louco e assustado.

- O quê que tu fizeste? – grita, numa revolta súbita.

James observa Isabel com incredulidade, depois Filomena e novamente Isabel, jurando realmente acreditar que, no fim de contas, aquela humana acabaria morta fosse por quem fosse. Qual será afinal o problema, se aquela mulherzinha nem está completamente morta...

Inerte, Beatriz soube como não reagir inconsequentemente àquela primeira atitude de Isabel. Esperará. E só tomará qualquer tipo de acções quando souber realmente com quem está a lidar. Esperará. Só lhe falta descobrir se aquilo é mesmo Isabel ou se apenas uma expressão de loucura incontrolável.

Respirando com dificuldade, libertando as lágrimas que parecem devolver-lhe alguma da sua real expressão, Isabel estremece num misto de emoções indecifráveis. Olha o vazio. Cai, sem forças. De joelhos no chão, tapando os olhos com as duas mãos, não querendo ver nem sentir mais nada, Isabel grita mais uma vez.

- O quê que eu fiz?! – clama aos soluções.

“*Endoideceu...*”, pensa Beatriz consigo mesma, não com escárnio, mas com verdadeira preocupação por Isabel, e por todos os que sentirão as consequências daquele sofrimento exacerbado.

Apesar de visivelmente preocupada, algo até assustada por não saber como reagir àquilo, a vampira simplesmente mantém o que prometeu a Isabel. Não porque a odeie. Não que lhe vá virar as costas... Mas nunca, nunca mais!, irá deixar que aquela miúda volte a chorar nos seus ombros como se fosse a única vítima do momento! Não depois de tudo o que foi dito, de tudo o que estava para ser feito... Não a deixará sozinha, nunca! Nem pensar! Mas a partir de agora, também não a vai proteger de tudo a todo o custo. Isabel tem de crescer. Já passou por muito. Mas a eternidade reserva-lhe coisas para as quais vai ter de estar preparada.

Enquanto vê aquela jovem num descontrolo agonizante e Beatriz que nem se atreve a mover, James intervém com uma descontração fora do vulgar, altamente confiante, como se para ele fosse natural estar perto de pessoas desequilibradas. Calmo, ponderado, aproxima-se de Isabel, ajoelhando-se na sua frente.

- Quem és tu? – pergunta Beatriz, finalmente, quebrando o silêncio.

- *James Arthur*. Melhor amigo da desaparecida *Jasmine Megan*. – esclarece. – Mas poderia muito bem ser o *Joseph Morgan* e vocês nem teriam dado conta! – supõe, acusando com razão o risco que ambas estavam a correr.

Beatriz consente a indirecta. Certa de que também perdeu a noção dos riscos quando desfiou Isabel e, principalmente, de que esta está longe de ser a imagem perfeita daquilo que pode suportar, por vezes...

- Vim unir-me a vocês, a uma equipa que ainda me atrevo a julgar forte... – começa, observando Isabel. – Mas recuso-me a lutar ao lado de duas desequilibradas... – continua, ciente de tem toda a razão para pensar tudo e acusá-las de tudo. - ...desesperadas e desunidas que pensam estar sozinhas, quando na verdade estão a passar pelo mesmo!

A vampira desvia a atenção dele. - *É verdade que ambas merecem uma chamada de atenção... Mas não exagerem! Ou...* - Revirando o olhar, repara que Caetano continua a perder sangue, que Filomena está inanimada mas bem e que o outro vampiro intrometido parece estar quase curado do golpe. Se ele recuperar entretanto, antes de os problemas se resolverem por ali, com muita pena da sua parte, terá que o magoar outra vez... Mas por Caetano, o melhor mesmo é que se apressem...

James segura então o rosto de Isabel, firme, obrigando-a a encará-lo, enquanto lhe desvia as mãos dos olhos. A jovem soluça, deslavada em lágrimas e com um olhar vazio, preparando-se para afastar bruscamente o desconhecido, num ataque feroz.

Finalmente, Beatriz reagiu ao preparar-se para impedir a agressão. No entanto, o vampiro defendeu-se com destreza, travando o gesto de Isabel e obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

A verdade é que Isabel acaba por sentir um conforto fora do normal com o gesto daquele vampiro, enquanto o olhar dele lhe transmite uma inigualável segurança e serenidade, como se a loucura que ela estava prestes a cometer fosse algo realmente sem importância e perfeitamente olvidável com o tempo. A jovem, entregando-se à paz e descontração daquele olhar profundo, acaba por desejar ouvir o que o vampiro tem para dizer.

- Fecha os olhos... - pede James, sério.

Inesperadamente, ela cede ao pedido, libertando mais uma lágrima.

- Concentra-te em ti mesma! – sugere, acreditando na bondade natural da jovem, ainda que tenha acabado de a conhecer nas piores circunstâncias. - Revive as tuas memórias. Pensa em quem mais amas. Imagina o mundo em que desejarias viver. Recorda as tuas mais sólidas crenças, os teus sonhos... - enumera, pausadamente.

À medida que ouve a voz forte e compreensiva de James, Isabel permite que um turbilhão de memórias e sentimentos ocupe o seu pensamento. Talvez fique tudo mais simples...

...

Acompanhando a entrada triunfal de Joseph...

- Seja bem aparecido! – cumprimenta Henrique, na sua inconfundível ironia trocista.

Joseph não se sente disponível para mais conflitos e, por isso, ignora o comentário a favor de que aquele jovem rebelde será o seu primeiro alvo da noite e a sua mais desejada conquista. Revelar as últimas verdade sobre a vida de mentira daqueles seis jovens vampiros, tal como fez com os outros. A partir desse momento, não dúvida que eles quererão ficar consigo, onde devem estar.

- Às vezes questiono-me: O quê que ainda estou aqui a fazer...? – começa Brian, intrigando. – Isto é uma loucura, eu sempre fui bom com planos de fuga, e vocês dão-nos mais liberdade do que seria suposto, tendo em conta que somos os vossos sequestrados... - continua o jovem, esperando que algum dos seus companheiros o apoie na provocação.

- Realmente, esperamos que tenhas uma boa justificação para a nossa ainda presença aqui! – continua Akira.

Joseph sorri maliciosamente, o que pode denunciar muita coisa. Aproximando-se, elegante, fatal, assemelhando-se a um deus, o vampiro não corresponde às provocações. Antes pelo contrário! Certo de que possui a razão e a verdade e a justiça, ele só quer juntar mais seis irmãos à sua *família*.

- Vocês estão aqui, porque algo vos incita a acreditar que devem continuar aqui! – afirma, confiante, algo severo, mas claramente escondendo algum segredo maligno.

Silêncio. Dúvida. Mistério.

- É aqui que vocês pertencem e é aqui que vai começar a vossa verdadeira história! – continua, convincente. – Querem saber porque vos trouxe eu até aqui? – questiona, suscitando interesse.

A curiosidade é insuportável. Henrique avança um passo, enfrentando o inglês, olhos nos olhos e sabendo que terá o apoio dos companheiros caso a sua imprudência seja ofensiva.

- Sê rápido! – exige.

Joseph responde com um sorriso. Depois, evitando dirigir-se apenas àquele rebeldezinho, mas ao grupo em questão, termina o seu discurso incitante.

- *Just listen the truth: the most real side of your lives!* – começa, conhecendo o poder do seu inglês puro e perfeito. – *I dare you!*

Continua...

Episódio 60 – “You will only desire vampire blood!” - ESPECIAL

Continuação...

- Estamos à espera disso desde que nos trouxeste para este fim de mundo... – apressa-se Brian a lembrar, destemido e curioso.

- Já mal podemos esperar! – Akira acentua as suas palavras com pura ironia, ladeando os companheiros.

Joseph parece feliz. Verdadeiramente feliz. Algo estranho de se ver, de se reparar, ainda por mais naquele momento. E avança mais um pouco em direcção a eles, com firmeza e elegância, e uma expressão pacífica.

- Então que assim seja, finalmente! – responde. - Conversaremos a sós. Virá um de cada vez comigo, numa conversa sem quaisquer truques! Apenas a verdade... – adianta, e um vislumbre da sua vangloriosa paixão por algo maior e insano ressurgue nos seus graciosos traços.

Novamente, um silêncio devastador entre os seis, talvez por medo do inesperado. Mas a curiosidade também é bastante. E talvez aquele seja o último passo a dar para que consigam saber como se desmantela uma organização daquele tipo.

Em última instância, e tal como Henrique pondera no preciso momento, talvez a hora do ataque e da fuga esteja mais próxima do que parece, e seja a atitude mais correcta, contrariamente àquilo em que têm vindo a acreditar desde que estão ali. A paciência não lhes tem valido de muito e aquele sitio, aquela loucura, precisa de um fim.

Talvez a sensatez esteja ao nível da idiotice, em certos e determinados casos....

- *Enrique Pérez. Dás-me a honra?*

Nesse instante, Henrique percebe que por algum motivo será o primeiro a ter a *honra*. E ignorando o sentimento de receio, não resiste ao convite.

O silêncio parece reinar. Ansiedade e adrenalina instalam-se no coração de Henrique, e certamente, julga, também no dos seus companheiros.

Joseph sorri novamente, empenhando-se em parecer simpático e gesticula para que o rapaz o siga.

Inexpressivo, tentando esconder a fúria de sensações que o invadem, Henrique vê o salão ficar para trás, juntamente com os cinco amigos e todos os restantes vampiros que preferia não ter conhecido naquelas circunstâncias. Depois, limita-se a seguir Joseph.

Segue-o pelos infinitos corredores e pelas imensas escadarias do casarão até ao ponto mais alto. Henrique acredita que estão a ir para o sótão, local que poucos ali

devem conhecer e que pode mesmo ser excelente para se ter uma conversa à qual Joseph não quer que se fuja, obviamente.

Mas aquele espaço não é apenas o sótão. Henrique percebe assim que entra que Joseph o trouxe até aos seus aposentos. À primeira olhadela, estão numa sala de estar enorme que apesar de parecer simplista, é decorada com móveis antigos, algo excêntricos, e autênticas relíquias artísticas. As portas para as restantes divisões estão entre abertas e Henrique pode ver que, de um lado, está um suposto quarto, do outro, uma biblioteca. Tudo minuciosamente bem arrumado.

Numa incomum simpatia, Joseph insiste para que o rapaz se sinta à vontade. Mas evidentemente, mais por necessidade do que por rebeldia, Henrique recusa com naturalidade.

- Qual é o teu plano para todos nós? – apressa-se a perguntar, atrevendo-se a não perder tempo.

- *Easy, boy...*

Aquela pronúncia perfeita de um inglês natural pode muito bem, no caso de Joseph, tornar-se a coisa mais detestável no mundo. Especialmente, se vier acompanhada por *aquele* sorriso...

Respirando fundo, revirando o olhar para outro ponto qualquer que não aquele sorrisinho, Henrique mantém-se prestável a ouvir.

- Primeiro quero dar-te a conhecer todas as verdades porque tens procurado ao longo dos anos...

- Quais verdades? – interrompe Henrique, impaciente desde que nasceu.

- ... e que com o passar do tempo acabas por desistir de encontrar. – termina Joseph.

Louco ou não, aquele homem é sem dúvida um génio que acaba de suscitar no rapaz uma estranha vontade de ficar por mais uns minutos, apenas a ouvir...

Naturalmente à vontade, Joseph senta-se num dos sofás expostos junto à parede, ao fundo da sala, após uma larga mesa de jantar. De braços estendidos na cabeceira, pernas cruzadas e um sorriso que garante assustadoramente que, qualquer que seja a sua pergunta, ele terá a resposta.

Aquele vampiro sabe o que faz! E Henrique realmente tem muitas perguntas, sobre muitos assuntos. O que parece impossível é que Joseph realmente conheça as respostas *àquelas* perguntas que Henrique nunca pronunciou em voz alta...

- Ficarias surpreendido com a quantidade de coisas que sei sobre cada um de vocês! Desde o vosso primeiro dia, que vos considero a minha família...

Pelo menos a uma pergunta ele respondeu. E tornou-se assustador pensar que aquela pessoa esteve *sempre* por perto.

– Primeiro diz-me: qual é o teu plano? – exige, demasiado sério para que Joseph o ignore.

- Dar-te aquilo que é teu por nascimento e direito! – responde o vampiro, imediatamente, confiante.

- Não sei do que estás a falar... - comenta, desejando não saber mesmo. - Mas e se eu não quiser nada do que tenhas para me oferecer? – propõe, em jeito de provocação.

Num encolher de ombros, devastadoramente confiante, Joseph garante:

- Neste momento, queres pelo menos ouvir-me, não queres? *Eu sei que queres...*

O pensamento de Henrique expressa-se no olhar. - *Filho de uma besta!* – É verdade! E a curiosidade está a matá-lo de raiva...

Voltou-lhe as costas assim que viu oportunidade, colocando a sua atenção em tudo menos na tentação de ceder. Tudo menos ceder. Mas a sua rebeldia está quase directamente ligada à impaciência.

Curioso o quanto baste, os motivos que o obrigam a ficar em silêncio desvanecem-se.

- Sabes mesmo tudo? – atreve-se, cortando o silêncio, encarando novamente o problema.

- Talvez *quase* tudo! – garante *Morgan*, algo mais motivado, apenas um predador esperando que a armadilha desengate.

Mas o rebelde impaciente não é assim tão imprudente. Se é para jogar sujo, jogar.

- Diz-me qual é o teu plano, e... – repete, anunciando uma condição. – ...em troca, aceito ouvir todas as *verdades*...

Joseph espera dele um pouco mais que isso, mantendo-se quieto e calado.

- ... e ponderar sobre elas! – termina Henrique, completando a condição com demasiada e perigosa honestidade.

- Esperava que já soubesses! – admite o cabecilha, realmente reconhecendo clareza nos seus planos.

- Suponho. – confirma Henrique com rivalidade. – Mas quero que o digas, aqui e agora, sem rodeios! – exige, permanecendo rival.

Joseph não quer conflitos. Por isso, é o primeiro a quebrar a tensão, afastando-se, sorrindo, quase parecendo inocente. Dirige-se a um dos móveis. Tira dois copos de cristal. Depois, serve-se de uma jarra, cheia de *bebida para vampiros*, e oferece um dos copos ao jovem que o acompanha.

- Vou treinar-vos! Quero acabar com a tirania dos vampiros... – começa. - Acabar com eles! – completa, bebendo um gole de *sangue sintético*.

Henrique aceitou o copo, mas nem se atreve a provar o que ele contém. Acabando de ouvir o que talvez não queria assim tanto ouvir, solta uma forte gargalhada, em nome daquilo que não duvida.

- Tens tanto de inteligente como de ridículo! – acusa, ainda a rir. - Esqueces-te que, faças o que fizeres, continuas vampiro... - lembra, repleto de razão.

O inglês não se ofende.

- Não, não o sou! – nega, em jeito de revelação. – Já tive como provar que sou mais que isso!

Ainda que se esforce por continuar a ridicularizar os sonhos daquele vampiro, a risada de Henrique desvanece.

- Aliás! – acrescenta Joseph. - Lá fora, já todos aqui são muito mais que isso! Inclusive tu!

É difícil de controlar. Henrique começa a levá-lo a sério e tudo aquilo que ouve assusta-o de forma preocupante.

- Lá fora, para lá daquilo que nos tem separado deles,... - avança, sorrindo por alguma vitória. - ...seremos muito mais fortes, rápidos e ágeis que qualquer outro vampiro!

Silêncio.

- É isto que tenho para oferecer! Verdadeira liberdade! – esclarece, elevando o copo ainda quase cheio em gesto de brinde. - Seremos mais que vampiros! Finalmente, seremos o que eles temem!

A situação perdeu a piada, porque Joseph está a ser bastante convincente. Henrique mantém-se calado, engolindo em seco cada palavra que ouve, cada movimento vanglorioso que presencia. Esperando algo mais, ou nada mais... Esperando que o seu subconsciente lhe permita fugir sem pensar na consequências.

Imediato, como quem acabou de cumprir com a sua parte, *Morgan* persiste noutra direcção da conversa.

- Agora que já sabes qual é o *plano*...

Uma imensa fúria tem vindo a crescer dentro de Henrique e já não há como evitar contê-la. Joseph acaba de admitir que planeia um massacre. Sejam quais forem as consequências, Henrique não participará mais naquela insanidade.

- Nunca! – interrompe o rapaz, num grito repleto de ódio.

Uma força incontrolável cresce dentro de si. O seu sentimento de ódio explode. Num piscar de olhos, Henrique atira Joseph ao chão, impiedoso, desejoso, esperando um movimento de defesa por parte do adversário.

Mas nada... Em vez disso, Joseph mantém-se no chão, pretendendo reerguer-se sem levantar hipótese de ameaça.

Desiludido e algo despeitado, o jovem aproveita a imobilidade ridícula do rival para o esmurraçar de forma brutal e humilhante, como há muito desejava. Acaba por deixá-lo novamente caído no chão, a sua cara manchada de sangue mas as suas feridas já regeneradas. E ele continua a não intencionar contra-atacar.

- Acabou! – garante Henrique, praticamente anunciando a sua saída, e certo de que todos os presentes naquele edifício o possam estar a ouvir.

Sejam quais forem as consequências daquele impulso, Henrique acredita com todas as suas forças e esperanças que as evitará.

Corre. Simplesmente isso! Mais veloz do que alguma vez se lembrava de ter sido. Em menos de nada chegou ao rés-do-chão da mansão e depressa causou sobressalto entre todos os residentes da casa e alguma revolta, entre os que o apoiam mesmo sem conhecer os motivos da fuga mal planeada.

E ignora o facto de nunca se ter sentido tão invisível na velocidade.

Já no exterior, deslizando feroz pelo relvado imenso em direcção à floresta, Henrique concentra-se no facto de que os companheiros o defendem sem o questionar. No preciso momento, sente-os debaterem-se para evitar que os pupilos de Joseph o impeçam. Talvez vejam nele uma hipótese inesperada, comandada pela razão e raiva. Talvez esperem que Henrique não os desiluda, caso naquela fuga não planeada, seja o único a escapar.

Naquela correria urgente, já tendo alcançado a bem-dita floresta, consegue ouvir, então, uma voz serena *lembrando* que a *tentativa* de fuga é inútil.

Joseph, lembrando, que a fuga é inútil... Completamente impossível de concretizar... Uma perda de tempo...

Tudo parece tão lento e eterno, mas poucos segundos passaram desde que o seu temperamento explodiu e anunciou com violência, o quanto lhe bastava tanto disparate.

“Lá fora, para lá daquilo que nos tem separado deles...” – Tais palavras retornam à memória de Henrique, mais uma vez... E agora, que pára repentinamente, urgente, assustado, quase caindo devido à velocidade que levava, o rapaz percebe que alcançou a fronteira...

Uma fronteira invulgar e de alguma forma inultrapassável... Disso Henrique tem já certeza...

Enquanto sente a aproximação rápida de Joseph, ouvindo as suas passadas rápidas e elegantes, algo triunfantes, Henrique detém-se a observar aquele sinistro cordão humano... Não! Não são humanos... E isso ele percebe imediatamente.

Deitados no chão, de braços estendidos ao longo do corpo, aqueles seres transmitem um sentimento de paz e poder únicos. Embora pálidos, as suas expressões são amigáveis. Dispõem-se a uns três ou quatro metros afastados uns dos outros, num cordão que se perde na imensidão da floresta que rodeia a casa. Do outro lado, para lá deles, nada mais que natureza infinita. Parece que não há saída. Estão unidos por símbolos estranhos, talvez ancestrais, desenhados com pequenas pedras lisas cravadas na terra. Eles parecem em perfeita comunhão com a natureza. No entanto, Henrique nunca viu ou imaginou tamanha coisa em toda a sua vida e, por isso mesmo, está já invulgarmente assustado.

- Ela não foi a primeira, nem é a única! – esclarece imediatamente Joseph, demasiado próximo já, adivinhando os pensamentos do rapaz.

Luna. Eles são como *Luna*.

- O que é isto? Quem são eles? – questiona, assustado, o seu tom de voz aumentando gradualmente enquanto volta a enfrentar Joseph, que se encontra mesmo atrás de si.

- Eles são... - pausa, sorrindo e gesticulando para todos eles. - As várias gerações de **Naturales** que vieram ao mundo. Pensavam-nos extintos por várias razões... - começa. - Na maioria dos casos, era excesso de poder que os destruía! – esclarece, credível. – Mas eu salvei os que pode! Estudei-os, ajudei-os e ensinei-lhes o controlo dos impulsos!

Joseph observa os **Naturales**, verdadeiramente orgulhoso de si mesmo por tê-los salvo e protegido.

- Agora sou eu que preciso deles! – prossegue, já não falando apenas para Henrique, mas para todos os residentes no local, que depressa chegaram até eles.

Estão todos ali. Todos mesmo! E os únicos que parecem surpreendidos e apavorados com a cena são mesmo Jasmine, Brian, Akira, Victorious e Sandro, os cinco, e Henrique.

Entretanto, tão discretas como uma estrela no céu entre milhões, Pilar e Martha aproximarem-se, juntas, algo tristes com a situação que presenciam. Ninguém dá importância à chegada de ambas, como se elas sempre ali tivessem estado.

Aterrorizado e maravilhado em simultâneo, Henrique não consegue atrever-se a algo mais do que apenas ouvir as explicações e ambições do vampiro que tudo ali controla. Ainda que, no fundo, sinta uma curiosidade imensa em saber o que aconteceria caso atravessasse aquela barreira de poder.

- Eu sei em que estás a pensar... - adianta o inglês, adivinhando-lhe ao acaso os pensamentos. - E devo admitir que esta tua súbita fuga, esse ódio tremendo, me tenham surpreendido! Sinceramente, não esperava que alguém fosse assim tão forte de espírito ao ponto de ultrapassar a vontade que estes seres magníficos criam no vosso subconsciente...

- Queres dizer que nós ainda não demos cabo disto tudo porque eles nos controlam?! – Jasmine grita, escandalizada, finalmente assumindo uma reacção.

- Como eu estava para dizer:... – intervém Joseph, revelando que não apreciou minimamente a interrupção. - Não te atrevas a passar para o lado de lá!

- E porque não? – questiona Brian, rebelde, provocativo.

Carregando a sua expressão com tamanha seriedade, Joseph parece convincente naquilo que dirá.

- Do lado de lá, já nenhum de nós será apenas um vampiro! – garante. – O meu trabalho tem dado frutos nos últimos dias... - continua, pausando de vê a vê, elegante e sensato.

O silêncio instala-se. A maioria já sabe ao que ele se refere. André, acanhado e receoso entre todos, e os seis mais novos são os únicos que apenas desconfiam de

boatos mirabolantes. Joseph é o protagonista do momento e todos querem ouvir o que ele tem para dizer. Sabendo bem disso, firme e esbelto, torna a fazer uso do seu idioma natural para elevar a importância daquilo que dirá.

- *Vampires will fear us!* – começa, elevando a voz num discurso. - *Beyond this powerful border, the power I've created and given to you will reveal itself...* – continua, magnificente. – *And you will only desire vampire blood!*

Contra todas as leis da ciência, realmente parece que as palavras de Joseph tiveram o poder de fazer parar o tempo. E só ele pode quebrar esse feitiço imaginário.

- Eles serão para nós, aquilo que os humanos são para eles! – esclarece, voltando ao português, ainda que insistindo no seu sotaque inconfundível e misteriosamente poderoso.

Continua...

Episódio 61 – “A Revolta” – Parte 1

Continuação...

Para a maioria dos presentes, aquela revelação já não se afigura como tal obviamente. Ainda assim, o silêncio dispersa-se, num gesto de respeito solene, e apenas a simplicidade dos sons e movimentos da natureza se manifesta.

- Talvez, por isso mesmo, eu nem me tenha preocupado com o desaparecimento evitável de alguns dos nossos... - termina, voltando-se em direção à mansão, e fazendo sinal para que o sigam, num gesto simples mas autoritário.

- O que te faz acreditar que eles me controlam? Que não me atreverei a testar o limite?

Ao som da voz e da postura rebelde de Henrique, que acaba de quebrar um silêncio respeitoso, uma surpresa horrorosa atinge Joseph, que se vê na obrigação de parar e voltar a encarar o problema.

- O poder deles! – responde. – Eu já o presenciei e não me atreveria a contestá-lo! – avisa e sorri, quase como se apreciasse o momento. – Serás assim tão livre de espírito, para te impones a tamanho e puro poder?

- Serás assim tão recatado de espírito, para acreditares que seres tão poderosos te servem voluntariamente, para sempre? – contrapõe o rapaz, impaciente por verdades. – Em quê que um vampiro reles como tu pode ser-lhes assim tão necessário? – que provocação mesquinha.

Ao contrário do que Joseph, na verdade, daquilo que todos ali esperavam, Henrique não está apenas a divertir-se. Sedento de revolta, o vampiro dá uns passos atrás, recuando, afastando-se de todos, chegando-se mais perto do limite. Apenas mais uns passos, e testará a veracidade ou o *bluff* na historietta de vampiros a atacar vampiros.

- Diz-me que sabes o que estás a fazer... - murmura Brian, sorridente e nervoso, imitando os movimentos do amigo, colocando-se ao seu lado, a poucos passos da verdade.

- Não digas nada! – pede Jasmine, livremente juntando-se ao par. – Espero que sim... - admite, então, confiar.

Um grupo de vampiros, os mais obedientes e afectos a Joseph, prepararam-se para os impedir de continuar a revolta. Ignorando, os três fitam apenas Joseph, num momento decisivo.

Deve ser, realmente, a primeira vez em que Joseph não tem nada a dizer, simplesmente porque não previu o momento, não o achou sequer possível. Durante alguns segundos, que parecem eternos, ficam a mirar-se com violência expressiva. Até que o vampiro pronuncia o que talvez seja mesmo o melhor a ser dito. Um alerta. Embora o único que esteja entre a espada e a parede, seja o próprio...

- Para lá deles, até os vossos entes mais queridos serão apenas presas! – ameaça, veemente, poderoso, certo, arriscando a própria vontade.

Claramente, no mínimo, conseguiu uma pausa breve.

Ainda assim, o pensamento deixa que os três, os mais selvagens, pensem na hipótese de serem não apenas livres para atravessar o poder puro dos **Naturales** adormecidos, como para renegar a possível metamorfose criada por um louco obcecado no destino.

...

Isabel abre os olhos de repente, conturbada, assustada. Não pelas belas memórias que James lhe fez reviver, mas pelo demónio de fragilidade e ódio que a consumiu.

Para além disso, a turbulência de sentimentos negros interiores, acaba de confundir com uma energia exterior desconhecida, uma mudança, demasiado anormal e demasiado perto, inesperada, e que sente incapaz de ser controlada.

Mesmo que sem intenção, para seu próprio bem e de todos ali, esquece espontaneamente os recentes descalços que provocou, preocupantes e diabólicos, para lançar um alerta que, de tão urgente, parece instintivo.

- Beatriz! - chama, num grito frágil, imóvel, encarando James na primeira pessoa.

A vampira deixou-se distrair, por instantes, enquanto o recém-chegado James praticava algo como magia, perante o problema de ódio e solidão de Isabel.

Voltando-se a outras responsabilidades, *encantou* Filomena para que esta esquecesse tudo, desde o dia em que sentiu inveja e ambição pela herança de Isabel, e de seus pais, e inclusive fê-la esquecer a hipótese de nunca ter amado o marido, obrigando-a ao companheirismo justo e eterno – tal veio-lhe à ideia quando a observou tentar fugir mesmo vendo Caetano nas últimas, e decidiu avançar, ainda que lhe parecesse demasiado lamechas tendo em conta a situação. Filomena repetiu tudo, robóticamente, e permanece desde então imóvel, calada, o seu cérebro obedecendo à vontade de uma vampira.

Depois, voltou-se para Caetano, sem dúvida um guerreiro fora do comum, por ser como pessoa um miserável e como sobrevivente um exemplo a seguir, pois mesmo esvaído em sangue, inconsciente, continua a dar sinais de vida.

Beatriz prestava-lhe cuidados básicos de enfermagem, sacrificando-se enquanto se automutilava com o cheiro do sangue que, contra a sua moral e regras, não pode beber, quando ela própria, voltando-se em resposta ao grito sofrido e murmurado de Isabel, é atacada.

Um ser inesperadamente mais forte surge, implacável. Parece vir do nada, mas afinal nasceu, ou renasceu, ali tão perto, em silêncio e discrição, como se já estivesse a prever... Beatriz é agarrada pelos cabelos, violentamente obrigada a colocar-se de pé e, quando dá por si, alguém lhe agarra o maxilar num gesto comum de um vampiro que está prestes....

...

Luna parece pacificamente adormecida. Mais Antigo observa-a, atento a qualquer sinal de quebra do silêncio e da paz que a jovem manifesta, emanando vida através da expressão, ainda que esteja algo adormecida.

Finalmente, a bela move-se, apenas rodando ligeiramente o rosto para fitar o vampiro, melancólica, serena, filosófica, claramente preparando-se para falar. Os seus intensos olhos cor de mar brilham.

- **Naturales**... - murmura, uma ténue esperança novamente vívida no olhar, na alma, e a paz que tudo isso pode significar espelhando-se no rosto. - Não sou a única...

Mais Antigo, verdadeiramente desconhecedor do significado dessas palavras, mantém-se num silêncio interessado.

Luna, sempre serena, ergue-se para sentar ao lado do vampiro. Olhando a saída da sala, mirando nada e tudo, revive o pensamento.

- Eles não foram extintos... - começa, vidrada no inconsciente. - *Joseph Morgan* salvou alguns e chamou-lhes... **Naturales!** – revela, em voz baixa, num murmúrio fascinado. – São como eu! – insiste, num vislumbre de alegria. - E estão a conceder um favor ao... - suspira, alguma da sua alegria desvanecendo-se. - São eles que os protegem, que os tornam invisíveis no mundo... - continua.

- Impressionante! – comenta Mais Antigo, realmente fascinado. – Como é que...? – prepara-se para questionar.

- Fui persistente! – apressa-se a jovem, algo orgulhoso. - E... - continua. - Houve uma falha! Senti uma energia diferente, como se por momentos alguém estivesse a desafiar a veracidade do poder deles e... - esclarece.

...

Beatriz luta, esbraceja, grita, tentando em vão libertar-se das garras daquele monstro desconhecido.

- Façam alguma coisa! – grita, ignorando um pedido formal de socorro, e ordenando a ajuda.

James e Isabel, rápidos a colocar-se de pé e a postos para tudo, acabam obviamente horrorizados, sem saber o que fazer e como, vendo-se apenas no dever de realmente ajudar a ex-líder.

Ainda que aquele ser mais-que-vivo, há instantes parecesse tão inofensivo quanto Caetano, no momento, tornou-se, para surpresa e desgraça, num estranho tipo de vampiro, ainda mais assustador, que tenta estrangular uma das vampiras mais incontestáveis. Esta, que continua a manifestar-se contra o ataque, quase impotente, mas adiando o problema, ainda assim.

...

As hipóteses de atravessar e tornarem-se realmente super-vampiros são tantas quantas as hipóteses de tudo não passar de uma ilusão. Para além disso, há sempre a vontade de testar a ciência e as necessidades de subsistência, perante sentimentos e vontades. Na verdade, a própria da ciência afirma que as vontades podem influenciar tudo, uma vez que somos um com o Universo inteiro.

- E vocês? Não se juntam à irmandade? – provoca Joseph, referindo-se a Victorious, Akira e Sandro, numa nova perigosa vontade de testar os limites, ainda que isso possa correr mal para si mesmo.

- Não os questiones, quando nós não o fazemos! – defende Jasmine, respeitando a possibilidade de aqueles três não serem tão fortes assim para sequer pensarem em desafiar o desconhecido.

Perante a situação, Victorious sente-se algo recriminado por si próprio. Porque não está com eles? Com ela? Na verdade começa a sentir-se um covarde... E depressa confirma que Jasmine é demasiado corajosa, desafiadora, perfeita para si... Será?

- Eu cá, estava só a... À espera que perguntasses! – avisa, lançando um breve sorriso de felicidade por se sentir finalmente capaz de pensar por si mesmo.

Rebelde, Henrique apercebe-se de tudo sem tirar os olhos de Joseph. Vendo-o prestes em pânico, por uma derrota quase certa, o jovem vampiro percebe que, se algo der errado, de qualquer forma Joseph ficará fora de si, e só por isso vale ultrapassar os limites.

Lentamente, num ato de revolta pacífica, talvez inconsciente, Henrique começa a recuar, passo a passo, aproximando-se do limite invisível definido pelos corpos imóveis e cheios de poder, aparentemente, dos **Naturales**.

- Don't you dare! – grita Joseph.

O vampiro responde com um sorriso, e mais um passo. Tão ansiosos quanto ele, Jasmine é a primeira a recuar também, seguindo-se Brian e Victorious.

- Tu não fazes ideia do perigo que corres... - começa Pilar, num aviso estridente que é lançado de longe, tendo estado ela atrás de tudo e todos apenas a observar, e lançando-se agora para a confusão.

- Nem tu! – intervém um outro vampiro, inegavelmente grande e forte, numa participação inesperada e misteriosa que lança o silêncio.

- Desculpa?! – questiona Martha, algo serena, aproximando-se de Pilar.

Os quatro pararam entretanto. Alguma coisa importante está para acontecer e, em sintonia, parece não quererem partir sem saber.

- Ainda bem que estão aqui as duas! – sinistro. – Aposto que o *Joseph* vai querer uma explicação detalhada sobre isto... - o jovem lança um papel e um envelope no ar, com desprezo, claramente sugerindo um grande erro no conteúdo. – Nada melhor do que duas versões da mesma história...

- *Lucius*, espero que isso seja mais importante que o próprio fim do Mundo! – replica *Joseph*, sem tirar os olhos do limite, e com um grupo de matulões atrás de si prontos a obedecer ao seu sinal.

- Acontece que temos aqui duas traidoras! – diz, como se cuspiasse as palavras.

O tempo parece parar. E apenas uma pessoa se sente incapaz de esperar para ver o que quer que seja.

Henrique só precisa de mais um passo...

Pilar agarra a mão da amiga. Ambas pensando o mesmo, ambas sabendo que podem não sair dali vivas pelo que fizeram. Não fazem ideia de como foram descobertas. Não importa.

- Na verdade... - começa Pilar, apertando a mão da amiga, que corresponde, em sinal de apoio. – Se eu nunca acreditei na causa, porque hei-de acreditar no perigo de atravessar...?

O tempo parece parar. Assim como qualquer pensamento. Nem mesmo *Joseph Morgan*, a própria da inteligência maligna, sabe o que fazer, quem ouvir, onde atacar. O tempo não parou, obviamente, mas o Mundo, o Seu Mundo, está prestes a desabar aos seus pés.

Se num instante, cada qual naquela floresta parecia não se mover, de surpresa, confusão e talvez medo, no outro instante, seis pessoas tinham desaparecido.

Henrique, num impulso, numa fracção de vontade.

Jasmine, com a sua intuição, agarrou-se ao braço do vampiro a tempo de ser puxada com ele e evitando que a sua própria vontade a atraísse.

Victorious para a seguir.

Brian ao mesmo tempo, por sua própria vontade.

Pilar e Martha, por necessidade, talvez medo.

Eram seis. Cada um pela sua vontade. Todos ao mesmo tempo.

Joseph Morgan grita como nunca ninguém julgou ouvi-lo gritar. Desespero. Ódio.

Continua...

Episódio 61 – “A Revolta” – Parte 2

Continuação...

- *NO! NO! NO!* – *Joseph* grita em necessidade de negação, tentando convencer-se de que os seus planos não podem estar a ser manipulados por outros. – *Ungrateful little bastards!* – continua, ignorando não estar sozinho.

Quebrando os praguejos do inglês, *Lucius* atreve-se a tomá-los como claramente inúteis no momento.

- Evitando mais perdas de tempo... - começa, insultantemente quase tão majestoso quanto *Morgan* – Sugiro, com o maior respeito, que voltemos para casa e nos preparemos o mais rápido possível para sair daqui, vingar a traição das tuas, aparentemente, mais fiéis amigas, e evitar males maiores que os outros quatro insolentes podem criar contra nós!

André assiste a tudo, desde o início, quieto, calado, apenas pensando demasiado. Tendo eles deixado *Alphonzo Stuart* para trás, deverão voltar em breve certamente, e é preciso que alguém, como ele mesmo, se prepare e facilite a partir de dentro, a derrocada do mesmo *império*. André viu como é possível testar poderes maiores e desconhecidos apenas com a força da vontade e desejou tê-lo feito no mesmo instante. Mas o seu pensamento, silencioso, discreto, pacato como sempre, estava afinal a uma impressionante distância à frente do dos outros. *Joseph* precisa de acreditar que nem tudo está perdido. *Alphonzo* precisa de apoio. Os seis que partirão, agradecerão no retorno.

Joseph recompõe-se, com dificuldade, raiva transparecendo no seu rosto, na respiração acelerada, nas mãos em punho.

- Tens razão, jovem *Lucius*. – admite, algo ofendido, mas acreditando que isso o valorizará como líder. – E que traição tão grande foi essa afinal?! – questiona, autoritário. - Não que eu esteja a duvidar das tuas palavras... Elas mesmas entregaram-se quando fugiram... Mas...

- Elas só anteciparam os planos escritos nessa carta... - replica *Lucius*, apontando para o papel no chão, com desprezo. – Pretendiam sair daqui, combinar um encontro com as duas conspiradoras malucas de sempre e quem quer que tenham mobilizado, e ajudá-las.

Uma breve agitação entre o grupo faz-se sentir ao som das palavras cuspidas de *Lucius*, arrogante.

- Então apressemo-nos! – intervém *Joseph* com uma nova urgência, antes que *Lucius* tente assumir novamente o comando.

Uma raiva infinita transparece nos seus passos apressados, punhos cerrados e olhar sombrio. Todos abrem caminho para que *Joseph* passe, evitando interferir no seu caminho.

– Tragam o prisioneiro! – ordena, referindo-se a *Alphonzo Stuart*. – Com o poder dele... - começa, parando por instantes para encarar o grupo. – Um poder fortificado pela mágoa da saudade, raiva, tristeza, amor... - esclarece, apreciando cada factor com um sorriso forçado. – *Eles* vão tornar-se ainda mais fortes!

- Mas ele tem vontade própria, não vai deixar que usem o seu poder, e pode acabar por destruir a barreira de vez... - intervém André a gaguejar, arrependendo-se de ter falado no exacto momento.

Todos o analisam com olhares de ameaça e desprezo. Joseph retoma as suas passadas largas, furiosas, mas em ao vampiro, que se encontrava discreto atrás de todos.

- Ele não sabe controlar o próprio poder! Não faz ideia sobre como e para quê, o usar! – esclarece, altivo e em desdém. - Os outros vão canalizá-lo e servir-se do poder dele, a seu favor! – continua, admirando o olhar inocente e assustado de uma das suas mais recentes aquisições. – Ou, a nosso favor! – corrige, num sorriso. - Simples! – conclui, mesquinho, gozando-o, como se acabasse de explicar a alguém muito estúpido, a coisa mais fácil do mundo.

O que ele não sabe, ou simplesmente tende em ignorar, é que na realidade André sempre foi uma inteligência nata, escondida pela modéstia e alguma timidez, e que acaba de perceber que a razão por ser tão subestimado por todos, é o medo que tem dos superiores, o medo que lhe foi imposto cruelmente desde a infância, e mantido mais tarde por uma carreira promissora pouco valorizada pelos colegas ditos *guerreiros*.

André está prestes a libertar-se de si mesmo. Vê *Joseph* afastar-se, impunemente e vitorioso antes sequer que a verdadeira guerra tenha chegado, ignora que os outros o seguem e que deveria fazer o mesmo, mantendo-se perdido no pensamento enquanto o compara inevitavelmente a *Raul Andrade*. Também esse se achava superior, aclamava o fim dos vampiros e acabou na pior imagem da verdadeira hipocrisia, um monstro pior que os próprios que julgava.

Quando decide seguir o grupo, admitindo manter uma suposta submissão por fins maiores, já André tinha previsto o futuro de *Joseph*, reflectido no de *Raul*.

...

Atravessar foi mais fácil do que pensavam. Bastou vontade, uma dose de atitudes impulsivas e um espírito que de tão rebelde se revela livre de qualquer controlo desconhecido e temido.

O problema mesmo e agora é a agonia profunda que os tortura, uma reviravolta no estômago, uma sede desconhecida, a visão algo turva...

- O quê que está a acontecer!?! – Jasmine implora a resposta, sentindo que vai perder os sentidos a qualquer momento.

- Vocês! – acusa Henrique num grito, apontando com severidade para Pilar e Martha, ignorando que ambas estão potencialmente a passar pelo mesma agonia. – Que lugar é este e o quê que está a acontecer? – exige, impondo-se, ainda que uma sensação de vômito o deixe incapaz de qualquer ataque.

- Estamos mais perto de Sintra do que pensas... - começa Pilar, ajoelhando-se no chão como quem se rende ao inevitável, enquanto pensa acalmar os ânimos com o que acaba de dizer...

Henrique não consegue ver bem, náuseas afectam-no de tal forma que a própria terra parece balançar à sua volta. Simplesmente, não dá para identificar o local onde está.

- E caso não te lembres! – intervém Martha, ofendida com a forma como ele as trata.
– Atravessar implica assumir uma outra natureza! – relembra, também ela necessitando de se agarrar a alguma coisa estável.

Vampiros que se alimentam de vampiros. Pois... Talvez devam pensar em arranjar um nome mais simples para essa nova aterrorizante espécie que *Joseph* parece estar a conseguir criar. A ideia de *bluff* era demasiado conveniente para ser real.

- Seja lá o que for, não vou ficar aqui! – pragueja Brian, tropeçando nos próprios passos, enquanto se afasta o mais rápido que consegue.

...

Quando *James* adivinha o próximo passo daquele demónio que já imobilizou Beatriz e que, entretanto, atirou Isabel pelos ares com uma forma descomunal, enquanto esta tentava libertar a ex-líder, decide dar finalmente uso à arma que trouxe consigo durante a viagem até Sintra. Um punhal dourado, com uma impressionante lâmina de prata revela-se nas suas mãos. Achou que poderia precisar dele durante a viagem e, percebe agora, que o seu instinto estava a prepará-lo para a chegada. O vampiro, que parecia inconsciente ainda há alguns minutos, preparava-se para cravar os dentes no pescoço de Beatriz quando James o apunhalou pelas costas, aproveitando a distração que a estranha sede por sangue de vampiro lhe causava.

- Boas notícias?! – propõe James, a adrenalina fazendo-o estremecer. – Este tipo acaba de morrer tal como qualquer um de nós...! – sorri, forçadamente.

- Más notícias?! – continua Beatriz, imitando-o com alívio, alegria e medo num conjunto aterrorizador, fazendo-a pensar o pior. – De onde veio este, virão mais! – termina.

- Dimitri. – conclui Isabel.

Pensamentos em sintonia, mais palavras não são necessárias para expressar o facto óbvio que acabou de se manifestar mesmo ali, à frente de todos.

- Criar vampiros que anseiam sangue de vampiros, parece-me um plano tão absurdo quanto perfeito para alguém que pretende acabar com a própria raça! – a voz de Mais Antigo ecoa até eles, vinda do outro lado do jardim.

No mesmo instante em que falou a alguns metros deles, Mais Antigo e Luna estavam já entre eles.

- Filha...! – Isabel abraça Luna instantaneamente, num carinho incondicional. – Desculpa... Eu... - gagueja, calculando que a jovem possa saber que ainda há poucos momentos a própria mãe era um demónio.

- Eu sei, mãe... - com um sorriso leve estampado no rosto, aceitando o abraço da mãe, Luna mostra que sabe mesmo tudo, e que não a julgará pelo que seja.

- Isabel, o que quer que tenha acontecido aqui... - intervém James, tentando esclarecer e acalmar a situação no que respeita a esse assunto. – Vamos esquecer, por agora! – sugere. - Está tudo bem! – garante, e volta-se para a ex-líder. - Está, não está?!

- Por agora... Sim! – aceita a vampira, tapando algo no seu braço esquerdo com a mão direita, de forma suspeita, como se não quisesse instalar preocupação.

...

- Renato! – chama Vasco, ainda antes de entrar. - Precisas de alguma coisa, por aqui?

Empenhado em conquistar a confiança e respeito de todos, mostrando-se sempre disponível, preocupado e prestável, Vasco chega ao *Bloody Mary*, ainda desconhecendo alguns dos novos problemas que a comunidade enfrenta, e despreparado para o que vê

- Oh, não...

O cenário com que Vasco se depara seria impossível de imaginar e prever. Renato estendido no chão, o seu pescoço desfeito e um coração seco deixando-se transformar em cinza. Uma figura estranha, em pé, demoníaca e poderosa, parecendo deliciar-se com alguma coisa, começa a voltar-se para encara-lo. Dimitri.

- Sabem porque resisti tanto à vossa tortura amadora?! Porque permaneci fiel aos meus, recusando-me sequer a tentar fugir? – questiona, impondo-se, fazendo o promissor líder recuar num medo inconsciente. – Porque um verdadeiro e fiel soldado sabe o que quer e espera pela oportunidade certa para atacar! – explica, num sorriso afiado e manchado de sangue. - Na verdade... - continua, corrigindo-se numa elegância mesquinha. – Eu estava só a empatar-vos! Percebi que podia ser muito mais útil ao *Joseph* aqui, roubando-vos tempo e assustando-vos sem controlo, matando-vos, enquanto enfrentam tão pateticamente o desconhecido.

...

Os humanos já têm o destino resolvido - alguns vampiros que, milagrosamente, conseguem trabalhar num hospital, estão a chegar. Quanto às cinzas do vampiro que atacou Beatriz, usá-las-ão como mensagem contra *Joseph*. Entretanto, os cinco decidem seguir para a cripta, onde acreditam que Dimitri pode estar já a tornar-se um problema.

No início do percurso de regresso, Luna explica com poucos mas bons pormenores a sua experiência, garantindo que pode encontrar uma forma de se juntar aos *Naturales*, desproteger *Joseph* e encontrá-los. Estão com pressa, por decidem acelerar o passo ao estilo velocidade da luz.

- Impressionante! – comenta James, já observando o *Bloody Mary*.

- Só não faço ideia do que foi tão capaz de questionar o poder deles que os tornou, assim, vulneráveis a mim, que nem sei o que faço... - confessa Luna, referindo-se aos *Naturales*.

- Se essa razão que procuras não for mais um problema, o que importa?! – questiona Beatriz. – Ainda bem que assim foi!

- Agora que finalmente sabemos com o que estamos a lidar, podemos orquestrar um plano definitivo e pô-lo em prática. – continua Luna, verdadeiramente empolgada e ansiosa.

- A revolta está prestes começar! – ameaça Isabel, com uma imagem idealizada de *Joseph Morgan* no pensamento, ele caindo no desespero e na dor.

- Se é que já não começou! – corrige Beatriz, sempre sem tirar a mão direita do antebraço esquerdo, parando repentinamente para ouvir e sentir a confusão que vem do *Bloody Mary*.

...

Já estão a andar há alguns minutos, com dificuldade, cambaleando, tendo já desistido sequer de tentar correr. Falta-lhes o ar, as náuseas são insuportáveis e a sede intensa que sentem piora tudo. Recorrem à força uns dos outros para se manterem em pé, formando uma corrente.

A visão cada vez mais turva impede-os de reconhecer o local onde estão, e manchas de luz começam a ofuscar-lhes o caminho. Percebem que continuam entre a floresta, através sensações habituais de um local desabitado por qualquer ser que não animais e plantas, o silêncio, o cheiro da terra, das árvores, das flores. Isso deixa-os tranquilos e agitados simultaneamente, pois ali ninguém verá no que eles se tornaram, mas nesse caso, também ninguém os ajudará.

Talvez por ter sido o primeiro a desafiar a realidade, Henrique é também o primeiro a perder definitivamente as forças, caindo no chão num desmaio rápido e inevitável. Ainda conscientes, os companheiros tentam reanimá-lo, mas pouco a pouco, um a um, acabam na mesma situação. Os olhos fecham-se, o corpo cai em sofrimento e rende-se à força natural da biologia manipulada.

Continua...

Episódio 62 – “Nova Guerra”

Continuação...

Uma brisa fresca acaricia-lhe a pele e os cheiros e sons da natureza fazem-no sentir-se em paz. E de repente, uma sensação de poder único. Força e energia, sensibilidades apuradas, e... sede. Muita sede.

Henrique abre os olhos, afastando a mínima sensação de paz que sentia ao lembrar-se de tudo o que havia acontecido e, especialmente, recordando o suposto motivo daquela sede. Ignora, por enquanto, qual a sua aparência – uns olhos intensamente negros, sem qualquer brilho senão o reflexo daquilo que observam; algumas veias tornam-se salientes abaixo dos olhos e no queixo; e as suas presas aparentemente ainda mais afiadas. - Deixa-se ficar mais uns instantes estendido no chão, sentindo a natureza e observando o céu recortado pelas folhagens das árvores em seu redor, tentando captar novamente algum indício de harmonia. Mas nada! A sede, que o faz sentir-se seco por dentro, permanece, inabalável.

Decide levantar-se e depressa percebe que recuperou a forma, sentindo mesmo que talvez esteja ainda melhor do que antes, questionando-se sobre se isso será bom ou mau. No mesmo movimento, repara que a cicatriz que ganhou nos últimos tempos num dos braços desapareceu. - Estranho, aceitável ou fantástico?! – Observando à sua volta, depara-se com os cinco vampiros que o acompanhavam, desmaiados, completamente irreconhecíveis na medida em que até o cheiro deles, uma

identificação única e pessoal, parece ter-se alterado. Henrique só não consegue perceber se a sua presença, afinal, também mudou assim.

- Jasmine?! – sussurra, chamando enquanto se aproxima. – Brian?! Victorious?! – insiste, mas sem resposta.

Impaciente e depois de alguns eternos minutos insistindo, tentando sem sucesso respostas aos seus chamamentos, Henrique coloca-se finalmente de pé e decide avançar por entre a floresta que ainda não reconhece. Deixa-os para trás e parece não se preocupar com isso. Na verdade, parece nem ter ideia sobre o caminho que segue. Não sabe onde está, nem para onde vai.

...

Luna consegue ser a primeira a entrar no *Bloody Mary*, tencionando imediatamente evitar novos e perigosos confrontos indesejados, com criaturas imprevisíveis.

- Socorro! – grita Vasco, tão impotente quanto Beatriz estava, ainda há pouco.

Apenas uma fracção de segundo mais tarde, e já prontos para testemunhar alguma situação de tragédia, *Mais Antigo*, Isabel, Beatriz e James juntam-se a Luna.

James, mais confiante devido ao sucesso anterior, segura no seu punhal, pronto a dar-lhe novamente uso. *Beatriz* fica vidrada na imagem de Renato, a primeira vítima de uma guerra que já não é apenas um problema pessoal que possa afastar do perigo as comunidades. *Isabel* também se fixa na imagem de Renato, mas inevitavelmente acaba por imaginar Beatriz no lugar dele, arrepiando-se com uma horrível possibilidade que esteve tão próxima. Por sua vez, *Mais Antigo* limita-se a analisar a situação, adivinhando, sabendo que Luna tem todo o poder e a vontade para agir contra *Dimitri*.

Apercebendo-se da preparação de James para o ataque, Luna faz por valer a sua presença ali e, aparentemente, com mínimo esforço, consegue afogar *Dimitri* numa dor agonizante, vendo-o ceder, caindo de costas enquanto solta Vasco, perdendo as forças e lançando para o nada um olhar confuso, louco.

Vasco liberta-se, rápido, desejoso disso. Medo e ódio na mesma expressão.

Mais Antigo continua a pensar: Se *Joseph* está a criar monstros para acabar com os Vampiros, então aquilo é uma guerra que diz respeito a todos os vampiros, e não apenas a duas teimosas apaixonadas capazes de se intrometer nos piores problemas e que deixam tudo para trás inconscientemente, a favor disso. No mesmo breve instante, devaneia na possibilidade de aquele ataque e os futuros que se aproximem, reduzam a cinzas autênticos líderes junto com as suas comunidades. - Ver um vampiro poderoso como Vasco incapacitado pela força desconhecida de uma nova criatura, e imaginar Beatriz na mesma situação ainda há pouco, não deixa dúvidas de que *mais uma Guerra*, repleta de perdas, desavenças e questões, se avizinha.

- Isto não vai durar muito tempo. – avisa Luna, sobre o estado imóvel e perdido em que deixou *Dimitri*. – Levem-no daqui e assegurem-se de que ele não foge outra vez! – diz, tão magnífica, que mesmo sem intencionar, dá ordens e não é questionada por isso.

- Precisamos *mesmo* dele vivo, é?! – questiona Vasco, incrédulo, aterrorizado e desejoso por retribuir a violência. – O que raio é *isto* afinal?! – exige saber, agitado, confuso, sentindo-se impotente.

- Estiveste prestes a ser devorado por uma espécie de vampiros que se alimentam de sangue de vampiro! - explica Beatriz, pausadamente, esperando que Vasco tire conclusões por si mesmo. – Bem-vindo ao clube! – comenta, terminando numa ironia sem graça.

- Se me permitem... - intervém Mais Antigo, pensativo, régio. – Devemos colocar esta criatura nas masmorras! – sugere, referindo-se à prisão da comunidade, para onde são dirigidos os vampiros condenados por seus delitos. – Reforçando a segurança, claro!

- Eu mesmo trato disso! – apressa-se Vasco, ainda atordoado, mas fazendo o possível para retornar à perfeita imagem de um aspirante a líder determinado e prestável.

- Não há necessidade! Os meus Guardas tratam disso! – garante Mais Antigo. – A comunidade precisa de ti na *Cerimónia de Nomeação do Líder*.

Um silêncio invade o espaço e todos esperam alguma qualquer reacção de Vasco, enquanto este, por sua vez, encara Mais Antigo, surpreendido e sem fazer a mínima ideia de qual a forma correcta de reagir no momento. Dois *Guardas* entram no *Bloody Mary* e o Vampiro dá ordem para levarem *Dimitri*, pedindo a Luna que os acompanhe, entregando-lhe no fundo o seu voto confiança, sabendo que a jovem, tão diferente e poderosa, gosta de ajudar em situações importante. Depois, avança com as suas mais recentes decisões.

- Vou convocar um consílio urgente para daqui a uma hora. – começa. – Apresentar-te-ei, Vasco, como único candidato ao cargo de Líder. – informa, pausando, deixando que o vampiro aceite as mudanças que virão. - Darei uma última oportunidade para que mais alguém se manifeste como candidato e marcaremos a cerimónia para amanhã. – de mãos cruzadas atrás das costas, o vampiro aproxima-se do nervoso Vasco, que ainda assim se mantém poderoso e digno para ocupar tal cargo. – Parece-te bem?

Vasco continua sem saber o que dizer, ou se deve sequer dizer alguma coisa. Na verdade, acaba por se questionar sobre se quer mesmo ser líder, se tem capacidade, dignidade e, mais importante que tudo, se tem como garantida a confiança de toda a comunidade. Acaba por assentir positivamente, fazendo uma pequena vénia de respeito para com o Líder Supremo dos vampiros.

Mais Antigo nota o nervosismo de Vasco, tal como todos ali por perto, está bem visível!, mas vê isso como um sinal de consciência da responsabilidade que tomará e prossegue.

- Vocês! – dirigindo-se a Beatriz e Isabel, impondo a sua figura superior. – Não quero saber como o farão, mas exijo que resolvam os vossos conflitos! – começa, conseguindo que as duas baixem a cabeça, encarando o chão. - Assumam que apesar de serem uma *união imperfeita*, podem ser também a mais poderosa! – continua, tomando uma breve pausa e observando-as a entreolhar-se com rapidez e... timidez! – Quero que liderem esta nova Guerra!

As duas entendem que *Mais Antigo* está a deixar claro que desaprova e despreza mesmo, com toda a razão, as desavenças entre ambas.

- No consílio de hoje... - prossegue. – Antes de apresentar oficialmente o Vasco como candidato a líder, devemos expor definitivamente a situação que atravessamos e os conflitos que se avizinham. – explica, autoritário, garantindo que não há outra forma de seguir em frente. – Este, já não é um problema só vosso!

E então que todos encaram a imagem triste de Renato, estendido no chão sem vida: a primeira vítima inocente de mais uma Guerra.

...

Avançando atrás de *Joseph*, tal como todos, André repara em Akira e Sandro, os únicos do grupo dos seis mais novos ali que não conseguiram sobrepor-se aos **Naturales** e sair daquele inferno absurdo. O jovem vampiro apressa-se então, tentando aproximar-se deles, mantendo o seu ar inofensivo, apenas com intenção de perceber o que aconteceu para que ficassem para trás. Talvez estejam dispostos a ajudar *Alphonzo* também... E é então que uma outra memória lhe vem à cabeça.

Finalmente, depois de secretamente ter passado tanto tempo a questionar-se sobre o facto de achar já se ter cruzado com *Alphonzo* no passado, André recorda: *Alphonzo Stuart* foi um dos últimos vampiros que analisou no laboratório onde trabalhou – e praticamente viveu! – nos últimos anos da sua vida. *Era* um vampiro misterioso que apenas murmurava, em sofrimento, o nome de uma mulher. Foi torturado pela Luz Eterna, tal como agora está a ser torturado por *Joseph Morgan*. E André lembra-se também do momento em que aquela criatura tão perigosa quanto fascinante conseguiu escapar e, mesmo sob a óbvia oportunidade de o matar a ele e a todos os agentes que se aproximaram para o deter, simplesmente não o fez. Naquele dia, escaparam todos, apenas com uns arranhões, algumas perdas de consciência no caso dos que bateram com a cabeça...

- Eu devo-lhe isto... - murmura, pensando em como poderia ter morrido às mãos de *Alphonzo Stuart* enquanto vampiro. – Eu devo-lhe isto... - repete, cada vez mais convencido de que o deve deixar escapar novamente e, quem sabe, desta vez o acompanhe.

- Disseste alguma coisa?! – questiona Sandro, num murmúrio nervoso.

O vampiro nem se tinha apercebido de que já estava muito perto de ambos, Sandro e Akira. Mas em vez de responder à pergunta, mais corajoso que nunca, determinado, André lança uma outra.

- Porque não fugiram com eles? – e, pela primeira vez, a sua voz não treme enquanto fá-la sobre algo que saber ser assunto um delicado e mesmo perigoso.

Os três param, em simultâneo, ficando para trás, e deixando que o perigoso *Joseph* e o seu pequeno exército pessoal se preparem para dar um último golpe em *Alphonzo*.

...

Implacável, *Joseph* invade com violência o espaço onde pensa deixar *Alphonzo* apodrecer. Com a sua postura elegante e autoritária, marcando um território que é seu e onde as regras são suas, o vampiro deixa claro que uma breve e drástica mudança está para vir.

Afonso sentiu as passadas apressadas de quem se aproximava da pesada porta do cubículo que aprendeu a aceitar como uma espécie de *quarto*, menos confortável e menos privado, só. Consciente e astuto, ainda que frágil, depressa fez por se parecer em pior estado do que realmente estava. - A visita de Henrique tornou-o mais forte e deu-lhe esperanças quase inabaláveis, mas convém que os seus inimigos não percebam sequer a possibilidade de se terem esquecido de o torturar mais e mais do que já haviam feito.

Continua...

Episódio 63 – “O Azul do Céu”

Continuação...

- *Hello, my friend!* – cumprimenta Joseph, sarcástico, fingindo animação, empurrando a porta do cubículo com tanta violência como quem marca território e ciente de que deixa *Alphonzo* desorientado. – O que achas de um passeio? – questiona, ainda que a opinião alheia lhe seja indiferente.

Depressa gesticula para alguns dos seus capangas vampiros que, no entanto, começam a desamarrar o jovem. Aproximando-se, Joseph surpreende Afonso com uma injeção no pescoço, provavelmente igual à que usou para o trazer ali, a ele, a Henrique e todos os outros.

- O que é isto? – frágil, Afonso contesta, enquanto alguns vampiros o imobilizam para que não se possa defender. – O que é isto? – insiste, agitado por não obter resposta e começando já a sentir uma ilusão agonizante de que vai perder a noção da gravidade.

Depois de alguns segundos, Afonso adormece num desmaio. Joseph admira-o com ódio no olhar.

- *Sweet dreams...* - deseja, trocista. – Espero que recuperes as forças... - começa, voltando-lhe as costas e sentindo-o ser arrastado pelos restantes. - ... vais precisar delas! – termina, ao atravessar a saída.

...

Sentem-se como renascidos, e depressa se comparam a crias de vampiros. O grupo deixado para trás por Henrique, é afectado pelo choque e pela diferença, assistindo à mudança simultânea e radical uns dos outros.

A nova aparência assusta-os e confirma-lhes o que sabiam possível, mas que não desejavam ser real.

No entanto, a inegável sensação de surpresa e horror, é acompanhada por uma satisfação inexplicável em se sentirem mais fortes que nunca, e também mais sensíveis a tudo. E antes de perderem a consciência para se entregarem involuntariamente ao instinto, percebem a falta de Henrique.

- Ele foi o primeiro a *apagar*... - lembra Victorious. - Também foi *claramente* o primeiro a retornar... - conclui, num tom nervoso, ainda sentando na terra macia, temendo movimentar-se.

- E deixou-nos aqui? – Brian questiona, rosnando as palavras.

Cada um vive a diferença à sua maneira, uns mais calmos, outros mais agitados.

- Tenho sede!... – Jasmine é a primeira a queixar-se, num murmúrio envergonhado.

Os três entreolham-se, concordando com o olhar a sensação mútua. Acabam por reparar nas expressões sofridas de Martha e Pilar, parecendo elas lidar com a mudança entrando num estado de demência.

Mas elas também ouviram e reagem da mesma forma. Os olhares de todos alteram-se. Perigosos e livres, parecem nem dar pela presença uns dos outros.

Tal como Henrique, desaparecem sem destino.

...

- Entrego-vos *Alphonzo Stuart* e o seu poder natural, como forma de gratidão e, confesso, necessidade de mais alguma protecção. – anuncia Joseph, para uma multidão de corpos em fila, no meio da floresta, que poderiam nem estar a ouvir e ninguém os julgaria. – Só por mais uns dias... *I promise!*

Afonso reage à voz que raramente se eleva. Joseph, percebe o ligeiro movimento do seu cativo e, enquanto uns três vampiros - entre eles *Lucius*, o denunciante da traição das amigas - preparam o local onde colocarão o jovem, o vampiro lança o aviso, não mais uma ameaça.

Agarra bruscamente o amado de Isabel pelos cabelos – este que se encontra insultuosamente mal seguro, literalmente pendurado pela força despreocupada de dois vampiros - forçando-o a encará-lo ainda que este mantenha os olhos fechados.

- Pensei bastante sobre a melhor vingança, sobre o que merecias e vacilei, admito... – começa. – Mas agora tenho a certeza! – garante, num sorriso maléfico que seria ainda mais perfeito se *Alphonzo* estivesse mesmo a vê-lo. - Nada como tornar-te parte da arma que vai ser a tua própria destruição!...

Num momento simultâneo e brusco por ser inesperado, os olhos daqueles seres adormecidos abrem-se. Intensos, e acinzentados. Poder corre-lhes nas veias. Como se até a Natureza lhes obedecesse.

Joseph ordena que deitem Afonso na mesma linhagem, entre os *Naturales*. E, no mesmo instante em que o deixam devidamente posicionado, os restantes fecham os olhos novamente, graciosos, voltando ao sono profundo. Afonso é esticado por cordas invisíveis, como se os restantes lhe sugassem cada sinal de vida e do seu dom único.

Ao contrário do que Joseph acredita, ou prefere acreditar, Afonso está consciente sim, psicologicamente, e entende já que cada pedaço de si que é puxado pelos *Naturales*, irá ser usado contra si, ou seja, contra quem ama.

Como um murmúrio distante, ouve Joseph falar, e tem certeza de que tudo o que ele diz se traduz naquilo que os *Naturales* estão a fazer.

O plano de Joseph é assegurar que pode estar em segurança durante dias enquanto treina os seus para enfrentar o exterior, a sede e tudo o mais, evitando que estes sejam derrotados com a sua própria força. O plano, é destruir os vampiros – nos quais se inclui a família de Afonso. O plano, é atrair Isabel e Luna e usá-las a seu favor tal como faz agora com Afonso e os *Naturales*...

Mas Afonso também tem um plano, e assume-o no preciso momento em que se recusa frontalmente a abdicar de mais uma gota que seja da sua energia. O seu plano inclui salvar pessoas. E portanto tem que, e vai ser bem sucedido.

- NÃO! – grita Afonso, em sofrimento, mas poderoso, tomando algum do controlo para si.

Abre os olhos, negros agora, contorce-se, esperneia, grita mais, e mais, deixa evidente a sua vontade e consegue sentir algum do seu poder a correr nas suas veias novamente.

...

Luna foi dispensada do consílio convocado, depois de pedir, na verdade, exigir ao Mais Antigo – poucos podem! -, ficar sozinha, pensar e recuperar alguma energia. A única que contestou foi Isabel, obviamente preocupada, mas com a palavra máxima do vampiro chefe a garantir que tudo está bem com Luna e a impor a obrigação de estar no consílio, Isabel acabou por consentir.

Sozinha, no seu quarto do “Rouge Hotel”, agora quase vazio devido ao consílio, Luna encontra-se estendida num sofá como se realmente dormisse, quando sofre com convulsões e começa a sentir sangue escorrendo-lhe pelo nariz, enquanto ouve um grito vindo do nada e presente um poder imenso e desconhecido.

Mas nada. Mais nada para além de convulsões e sangue e, agora, vômitos. Nada mais. Como se alguém lhe estivesse a roubar alguma coisa, uma parte de si.

Chora.

...

Afonso é um contra nem se sabe quantos. Resiste, luta, mas a energia ali em causa é imensa e o jovem acaba por ser derrotado. E pior que ser derrotado, é sentir o seu dom fluir novamente para fora de si e não conseguir evitar, e saber que esse mesmo será usado por outros, outros que provavelmente nem conhecem a verdadeira verdade da situação.

Obviamente, e ninguém duvida, os Naturales estão ali a favor de Joseph e só ouvem e acreditam na sua versão da realidade.

O pai de Luna fecha os olhos, e deixa-se levar pela última imagem que se reflectiu neles: o céu. Tão azul quanto os olhos da sua menina. E vendo o céu, é nela que ele pensa e se sente feliz. Feliz e com esperança. Com esperança e com a certeza de que tudo vai acabar bem. Porque, pelo menos Luna, merece isso.

Continua...

Episódio 64 – “O pior de nós!”

Continuação...

A hora chega e já quase todos os vampiros da Comunidade de Sintra estão reunidos na cripta. Até os vampiros que se encontram apenas de passagem pelo local foram convidados a comparecer, ainda que não obrigados.

Mais Antigo preside a reunião e, não fazendo questão de esperar, começa por anunciar a eleição de um novo líder, apresentando Vasco como candidato e dando uma última chance a mais algum outro vampiro para se apresentar.

Apesar de parecer confiante, Vasco deixa transparecer algum receio no olhar, enquanto ouve Mais Antigo proferir o seu nome e, seguidamente, sugerindo a possibilidade de um outro vampiro assumir a responsabilidade de se candidatar. Tudo corre a seu favor, ninguém se opõe, ninguém mais concorre, e ainda assim teme não saber exactamente ao que se está a propor ou se corresponderá às necessidades.

- A cerimónia de eleição realizar-se-á já amanhã, por esta mesma hora! – anuncia Mais Antigo, não restando margem para duvidar da urgência.

E Vasco tem motivos para recear o futuro e temer sobre as suas capacidades, pois mesmo enquanto Mais Antigo profere novamente o seu nome e anuncia a cerimónia de eleição, confirmando-a, alguns dos vampiros presentes mostram-se ainda demasiado afeiçoados ao modo de liderar e à energia de Beatriz, dirigindo-lhe breves olhares de vez a vez. Parece que o facto de a vampira ter abdicado do cargo a favor da segurança de todos, assumindo uma única e firme escolha, a tornou ainda mais confiável e respeitada. A verdade é que Beatriz nunca substituiu Máximo, nem teve intenção, deixando a sua própria marca, embora sem nunca destronar os feitos do líder anterior. Será que Vasco conseguirá o mesmo? O próprio duvida...

No comando da reunião, Mais Antigo depressa avança para novos assuntos, ignorando qualquer nervosismo desnecessário.

- Estamos aqui reunidos também para assumir um problema que tem vindo a manifestar-se há algum tempo, e que assumir proporções fora dos limites.

O Vampiro Supremos apresenta-se de pé no altar, em frente ao trono de líder, ladeado por Vasco. À sua frente Isabel e Beatriz encontram-se entre os restantes, dois degraus abaixo.

Há muito que Beatriz não ocupava aquele lugar, e essa troca de estatuto não está a incomodá-la minimamente. Deixar a liderança foi uma opção sua. Ao seu lado, Isabel transparece impaciência, desejando tratar rapidamente e pelos termos certos o assunto que, para si, é o mais importante.

Quando Mais Antigo se preparava para falar, passadas pesadas e rápidas invadem a cripta com urgência. Um vampiro, que por não ser residente na zona não foi obrigado a comparecer ao consílio, interrompe a reunião sem permissão, num desespero provocado pela surpresa de uma má notícia inesperada e que achou por bem trazer até ali.

- O que aconteceu? – questiona Mais Antigo, adivinhando a urgência e ignorando que fora interrompido.

- Um líder de zona acabou de noticiar um ataque a vampiros! – revela. – Treze vampiros atacados por criaturas desconhecidas na zona da fronteira Portugal-Espanha. - o jovem engole em seco a mágoa que sente enquanto lê a notícia através do telemóvel. – Apenas quatro sobreviveram e... - pausa, para se aproximar de Mais Antigo. – estão em estado grave.

- Como? Em estado grave? – questiona Beatriz, a seu próprio interesse, ignorando que provavelmente alguém reparou na sua rápida troca de camisola, trocando alças por mangas até ao pulso.

- Parece que estão feridos, e simplesmente não regeneram...! – esclarece o rapaz, com base no que lê na mensagem.

Incredulidade e medo invadem o local. Mais uma vez, os vampiros estão em perigo e, sem dúvida, à beira de uma guerra. A pressa em receber esclarecimentos espelha-se nos olhares perturbados e exigentes dos presentes.

Os Guardas de Mais Antigo tentam restabelecer a ordem, quando dúvidas e questões começam a surgir, e a necessidade de defesa e protecção fica clara na forma como a discussão nasce e se torna acesa. Uns questionam a veracidade da situação, outros depressa desconfiam de um regresso da Luz Eterna e poucos são os que sabem a verdade. Para que a confusão termine, é necessário que Mais Antigo eleve a voz a um tom zangado e preocupado.

- Silêncio!

E o silêncio faz-se.

- Há pouco, na verdade... - retoma. - Hoje um vampiro que mantínhamos preso aqui, sofreu uma transformação ainda inexplicável e atacou e matou um dos nossos... - pausa, preparando os presentes para a notícia. - O Renato. – anuncia.

- O Renato morreu? – ouve-se a questão em vários murmúrios, e nota-se o esforço que alguns mantêm para não esmorecer sobre a notícia.

- Um outro vampiro... - continua o Líder. - ... surgiu transformado em alguma outra criatura e atacou a Beatriz. Felizmente o desfecho não foi tão trágico.

Mais protestos surgem, e a confusão prepara-se novamente. O receio do desconhecido é óbvio.

Sob a permissão de Mais Antigo, Beatriz sobe ao altar do líder puxando Isabel para o seu lado.

- Nós não escondemos nada de ninguém! – responde a vampira a alguns dos presentes, assumindo o comando. – Só soubemos da existência destas criaturas há bem poucas horas e da pior forma... - esclarece.

Isabel intervém, apoiando a deixa de Beatriz e assumindo também o seu papel.

- Acreditávamos que isto era um problema de vingança pessoal e que não devíamos colocar mais ninguém em perigo, muito menos uma comunidade inteira, mas hoje tudo se revelou o contrário!

Aproveitando o silêncio dos presentes, que necessitam de esclarecimento e a ele têm direito, Isabel prossegue, mais confiante.

- *Joseph Morgan*, que fez desaparecer alguns vampiros ultimamente e também o Afonso, meu marido, possui motivações contra os vampiros que vão muito para além de uma simples vingança do passado.

Instintivamente, Francisca agarra-se a Pedro e Vânia, chegando-os para junto de si, como uma verdadeira mãe que protege os filhos da Guerra que adivinha. Ela já perdeu tanto para a Guerra. Guerra tem sido o tema principal da sua vida, das suas vidas, e por mais que queira proteger os seus e evitar perder alguém, há sempre uma pessoa especial que desaparece. Mais do que tudo, Francisca sabe, tem a certeza, de que não pode e não vai aguentar mais perdas.

Beatriz continua, retomando o discurso no lugar de Isabel.

- A loucura de um homem, está virar os vampiros contra si próprios. *Joseph Morgan* está a criar vampiros que se alimentam de vampiros, com o único objetivo de acabar com a nossa raça! – explica, ignorando o terror e anseio de justiça nos rostos de quem está presente. – E temo que alguns desses novos vampiros não tiveram qualquer escolha senão assumir a nova condição... - comenta, acreditando na possibilidade de Henrique já se ter tornado num deles. – Esta não é só mais uma guerra, mas uma guerra contra o pior de nós próprios! – conclui, esforçando-se por manter a calma perante o terror que nunca imaginou.

Continua...

Episódio 65 – “Fugir é para cobardes”

Continuação...

- O passado, o que aconteceu e o que *devia* ter acontecido, é o que o motiva nesta loucura que arrasta outros com ele. – esclarece Isabel, ocupando o silêncio de Beatriz com palavras que Luna diria se estivesse ali.

- No fundo, ele despreza-se a si mesmo! – assume a vampira. – E não só quer acabar com a própria vida, como ainda deixar a marca de caçador... - depois de pausar e respirar fundo, trocando olhares com Isabel, Francisca, Pedro e Vânia, retoma. - Peço-vos que lutem ao nosso lado. Ao contrário do que pensava isto não é apenas o passado a assombrar alguns, mas uma verdadeira luta pela sobrevivência e, novamente, pela paz, que implica todos nós.

Olhos bem abertos, alguns expressando orgulho, outros respeito e admiração, posturas erguidas, com mãos em punho estendidas ao longo dos corpos prontos para a nova guerra, e presas à vista nos rostos dos vampiros, são a prova de que dali, Isabel e Beatriz, não sairão sozinhas.

Nisto, Vasco repara mais uma vez que, embora não se tenha apresentado sozinha, Beatriz foi quem mais energia e coragem incitou nas almas de uma comunidade de vampiros novamente em perigo, precisamente porque há muito conquistou a sua confiança, e portanto, claramente esse efeito que ela tem sobre todos não vai sumir tão cedo. Vasco já odiou e desprezou demais aquela vampira para voltar a fazê-lo, mas a verdade é que a admiração que todos – e agora ele próprio – têm por ela e por tudo o que ela faz, vai ofuscar demasiado o seu futuro posto de líder.

Mais Antigo intervém enquanto todos seguem um pensamento claro e óbvio sobre tudo o que está a acontecer, o que tencionam fazer, como começar e, principalmente, como acabar.

- Eu mesmo já me encarreguei de avisar as outras comunidades. – garante Mais Antigo. – E, quero que saibam... - prossegue. - Considero a Beatriz e a Isabel, as cabecilhas de qualquer movimento dos vampiros no que respeita a esta nova guerra. – anuncia.

Os vampiros aceitam de imediato a decisão de Mais Antigo, realmente achando-a a mais acertada e, no pensamento de *alguns*, talvez pelo entusiasmo de voltar a seguir as regras de Beatriz.

Ninguém questiona Mais Antigo, até porque ninguém discorda do que foi dito. Afinal o problema coloca-os a todos em vias de extinção, literalmente, e não há como fugir, ou esconder. Este tipo de inimigo não escolhe um alvo principal. E os que fogem da guerra, auto-apelidando-se orgulhosamente de sobreviventes, na verdade talvez sejam apenas *cobardes*...

...

Depois da exaustão, de uma luta injusta pela sua própria energia e vida, Afonso acorda em consciência, num local que não é aquele em que tem a certeza que ainda está, embora aquele mesmo seja tão realista e bom, que deseje ser real.

É um deserto de relva verde e fresca, que estende para lá do horizonte, um céu azul magnífico em cima, terra suave e fresca aos seus pés. Afonso está sozinho. Está? Sente-se bastante bem para a ocasião, num aconchego familiar e incomum em simultâneo.

- Não queremos magoar-te.

Ouve-se o sussurro e Afonso gira em torno de si mesmo várias vezes para procurar alguém, alguma figura, qualquer coisa de onde possa ter sugerido aquela voz suave, calma, sábia... e na qual não confia.

Mantém-se calado, apenas esperando mais.

- Vamos apenas fazer bom uso da tua energia durante algum tempo.

Afonso tenta captar a origem dos murmúrios. Estará louco? Será um sonho?

- Assim que a nossa dívida estiver paga, e os vampiros extintos...

Desta vez, o jovem não se faz parecer aquilo a que se chama uma *barata tonta*.

- Os vampiros são a minha família! – grita Afonso, num aviso que revela o seu lado lutador e destemido. – E eu vou descobrir uma forma de os proteger, nem que isso custe a minha vida!

Uma vez um deserto verde, um céu azul e uma calma maravilhosa, e noutra vez tudo isso desaparece num abrir e fechar de olhos. O belo e simples azul do céu ficou cinzento, a relva fresca sumiu e num espaço de poucos instantes Afonso estava no meio de uma tempestade e a escorregar na lama suja.

- O que é isto? – questiona, num murmúrio só seu.

- Não é a realidade, nem um sonho...

Alguém, ou alguma coisa responde.

- É uma ilusão! – sai a revelação, de uma voz distante e agora severa. – Nós somos os *Naturales*... - apresenta. - ...e por mais que queiramos aceitar-te como um de nós, a tua vontade em salvar os vampiros não é maior que a nossa obrigação de acabar com eles!

Ouvindo com atenção, pressentindo através da expressão zangada daquela voz – que ainda assim parece calma – Afonso começa a demonstrar também algum descontentamento.

- Parem com isso! – pede, parecendo ordenar. – Tirem-me daqui! – insiste, depois de não obter mais resposta para além de chuva torrencial e um mar de lama. – Mostrem-se! Falem comigo! – continua, chapinhando na lama enquanto caminha de um lado para o outro, procurando qualquer coisa, alguém... - Façam qualquer coisa menos agir como cobardes!

A palavra “cobardes” ecoa por tempo indeterminado e Afonso chega a acreditar que ouvirá a sua voz ecoar pelo deserto para toda a eternidade. Mas entretanto, o chão enlameado desaparece, o céu cinzento fica negro – como numa noite sem lua, nem estrelas – e, rapidamente, sem nem sequer ter tempo para passar em como agir, Afonso lembra-se de *Alice* - aquela que cai na toca do coelho -, sentindo-se como ela, ainda que o seu instinto lhe diga que o *País das Maravilhas* não é o seu destino.

Ou a escuridão da *toca* é infinita, ou simplesmente não existe *toca*, apenas escuridão. Afonso entende que não saiu do mesmo sítio, ainda que a sensação de queda tenha sido evidente. Não! Não foi uma queda, mas sim aquela impressão de que lhe estão a sugar a vida novamente.

Ou... talvez... n sab... o q est a acotecr...

- Pai? Pai...?

Um deserto, uma tempestade, a *Alice na Toca*, a escuridão e agora a voz... Aquela voz maravilhosa, meiga...

- Socorro!

Depois do grito, ouve-se um choro. Mas Afonso continua na escuridão.

- Pai!

Outro grito. Afonso quer sair dali mas é como se estivesse preso. E não sabe sequer se está preso porque, nem sente o corpo.

- O que está a acontecer com a tua filha, aconteceu a todos nós! – aquela voz que apresentou os *Naturales* faz de novo a sua aparição. – Muitos morreram. Nós, os únicos restantes, devemos a vida ao único homem que capaz de nos libertar e controlar aquilo que somos...

Afonso não consegue falar. Está inexplicavelmente a ser obrigado a ouvir e calar. E essa incapacidade de se expressar torna-se insuportável enquanto continua a ouvir a sua filha, Luna, gritando por si.

A voz continua o seu relato.

- Esse homem é *Joseph Morgan*, e ele só encontrará a paz igual à que conseguiu para nós, com o fim dos vampiros!

Continua...

Episódio 66 – “Em Busca”

Continuação...

Luna nem sequer está realmente a gritar por si. Tudo não passa de uma ilusão. De um jogo psicológico sujo.

Será?

Afonso gostava de exigir respostas, adoraria poder esbracejar e gritar a sua raiva por toda aquela devoção a um homem que destrói vidas, por mais sobrenaturais que elas se afirmem. Se ao menos lhe dessem a oportunidade de falar e de lhes colocar a hipótese de que *Joseph*, na verdade, não os ajuda, mas se aproveita deles.

Mas nada. Não consegue fazer nada. Pior do que estar preso, amarrado, esfomeado, é saber e sentir que alguém tem controlo sobre o seu subconsciente e que, partindo disso, poderá ter influência sobre tudo o resto.

O jovem sente cada pedaço da sua consciência, e do seu poder, ser-lhe extraído. Se ao menos lhe dessem a oportunidade... Mas o que se pode fazer contra a força da natureza? Contra eles? Esperar a oportunidade... Ou criar a oportunidade?

...

O consílio está prestes a ser dado como terminado, mas Beatriz intervém antes que Mais Antigo dê a última palavra que autorizará a retirada dos presentes.

- Gostaria de propor a realização de uma busca pela serra ainda hoje! – introduz, com esperança de que mais alguém queira realmente arriscar como ela. - Depois das notícias que acabámos de receber, esta nova ameaça pode estar cada vez mais perto do que imaginamos e, talvez uma busca no terreno possa garantir-nos de que, para além do Dimitri, não teremos mais *problemas* em breve. – explica a ex-líder, depois do consentimento de Mais Antigo, Vasco e Isabel sobre o assunto. – Estão comigo?

Ninguém questiona a ideia. Na verdade, o novo susto suscitou alguma adrenalina no vampiros, desejosos de enfrentar o perigo, ansiosos por fazer valer a sua coragem, força e sobrevivência novamente. Pois os vampiros hão-de continuar a fazer parte da História, ainda que ocultos nas sombras dos humanos, mas lá estarão, como sempre estiveram!

Apenas um dos presentes, James, ergue o braço para pedir a palavra. Mas nada mais do que sugerir um plano seguro para a concretização rápida e eficaz da busca, é o que pretende, apresentando-se como hábil na formação de planos de guerra.

Mais Antigo dá autorização de saída a todos os que necessitam e podem realmente ausentar-se, regressando por instantes às suas vidas. Apenas ele, o próximo líder, a ex-líder, Isabel e James que, afinal, é perito em buscas e fugas, ficam na cripta. Francisca ainda insistiu, garantindo que podia ficar, mas depressa a convenceram a prestar auxílio aos vampiros, cujo porto seguro é o hotel.

Após o fim do Consílio, as más notícias continuaram a chegar. Mais vampiros foram atacados. Felizmente, agora mais feridos do que mortos. Mas na verdade, os feridos também não têm razões para agradecer estar vivos.

- Talvez já não tenham assim tanta fome... - comenta Vasco, tentando ser sarcástico e recebendo um olhar nada amigável de Beatriz em consequência. – Desculpa! – redime-se imediatamente. – Eu sei que...

- Cala-te! – interrompe a vampira, impaciente, ignorando que ele é mais velho, mais poderoso e de certo o próximo líder.

E ninguém a reprime por esse deslize. Para além disso, já há tempo demais que Isabel se mantém calada, quase alheia.

- Está tudo bem, Isabel? – certifica-se Mais Antigo, enquanto escrevinha num mapa da Serra.

- Sim! – apressa-se ela a garantir. – Só estou com maus pressentimento... - confessa.

- E quem não está? – responde o vampiro, tranquilizando-a com a normalidade dos seus sentimentos.

Momentos mais tarde...

O plano de busca está formado e o local de encontro foi marcado apenas minutos antes do mesmo, para que não houvesse risco de que *alguém ou alguma coisa* interferisse e a confusão se gerasse – isto é, evitando um possível ataque.

Numa pedra, rústica, que parece imitar uma mesa, estende-se o mapa da zona. Certos de que àquelas horas, com o pôr-do-sol a dourar o céu, não serão interrompidos por humanos que passeiam pelos trilhos da Serra, os vampiros só esperam não ser surpreendidos por outro tipo de *criaturas*.

Durante a tarde, várias foram as notícias que actualizaram a situação, má desde o início, e que vem piorando. Mais Antigo ocupou-se de avisar as restantes Comunidades sobre o perigo eminente.

Sabe-se que, apesar de os ataques terem abrandado, e poucos mais vampiros terem morrido, muitas foram as más notícias em relação ao avanço do estado dos feridos. – Golpes que não cicatrizam, alguns aumentaram, outros escureceram ficando como nódoas negras, e, pior ainda, está o vampiro mordido mesmo no pescoço, que manifesta fortes alucinações e febres.

- *É como um vírus...* - suspirou Mais Antigo. - *Como se uma doença tivesse sido criada em laboratório especificamente para vampiros e se esteja a disseminar...* - comentou enquanto recebia mais uma notícia, durante a reunião com Vasco, Isabel, Beatriz e James,

- *Só espero que quem criou essa doença, tenha criado também uma cura...* - comentou Beatriz, num murmúrio, apenas segundos depois.

Mas agora ali, com os vampiros reunidos e ansiosos por agir, o que importa mesmo não são as suposições, mas sim as certezas de que, acima de tudo, devem proteger-se uns aos outros e, claro, devem estar prontos para qualquer coisa.

Trata-se de uma busca incerta, onde nem sabem o que buscam exactamente.

Basicamente, optou-se por, em vez da formação de grupos que se encarregariam de uma dada zona, em distribuir os batedores individualmente, por áreas de menor dimensão. Assim, serão mais rápidos e mais estarão potencialmente mais atentos a si mesmos e ao seu redor, não se preocupando com o grupo.

Contudo, obviamente, há que manter o espírito de equipa, por isso, estabeleceu-se um limite que não autoriza à saída de Sintra, garantindo-se que ninguém ficaria longe demais a ponto de não notar a presença do próximo e do anterior batedor, assim como estes o notarem a si.

Pretende-se apenas que o socorro seja prestado em caso de emergência. Por isso, vale também o facto de que, como raramente, os vampiros saem armados, confiando que apenas a sua natureza pode não lhes valer de nada no momento.

Para além disso, com excepção de Isabel, o Líder dos vampiros não autorizou a presença de quem não fosse vampiro, nem mesmo a de Luna, e *especialmente* ela.

- Estão prontos? – questiona Mais Antigo. – Não se esqueçam de manter os sentidos bem apurados, a mínima anormalidade é digna de atenção! Eu não quero perder ninguém!

O consentimento é mútuo.

- Que a sorte esteja do nosso lado! – deseja Vasco, dando sinal para que se inicie a busca.

Episódio 67 – “Hoje, eu. Amanhã, alguém.”

Continuação...

- *Joseph! Joseph!*

Ouve-se chamar. Alguém ali mais perto do que o próprio tinha entendido, implora por atenção, exibindo uma preocupação teatral.

- *Estás a ouvir?!*

Joseph mantém a sua postura indiferente enquanto expõe aos seus vampiros os principais problemas com que se poderão deparar lá fora, depois da mutação, e vai sugerindo métodos de auto-controlo, de defesa e, claro, de ataque rápido e silencioso. Mas obviamente, de indiferente a surdo, ainda vai uma boa diferença.

- Creio que aqui todos te ouviram,... - garante com arrogância, enquanto disfarça o facto de não se lembrar do nome do jovem... - *André?!* – lembra-se. – Provavelmente, até os vizinhos te ouviram! – insiste, com graça e desdém.

- Nós não temos vizinhos...! - comenta André, fazendo-se passar pelo parvo que não é, achando-se confuso e perdido.

O inglês solta um suspiro e dá-lhe atenção.

- *What is it?* – questiona Joseph, finalmente encarando-o.

André observa-o também por momentos, antes de falar, analisando-o secretamente, adivinhando a sua futura reacção, e esperando estar certo sobre ela.

- Notícias... ah... Eu li... - começa, gaguejando meio que propositadamente, mantendo-se intimidado sob a postura de um líder. – Os vampiros que tu deixaste fugir já... causaram mortos e feridos! – atira, surpreendo pela ousadia ao carregar ligeiramente na culpa de Joseph.

- Os vampiros que eu deixei fugir... - recapitula o vampiro, despeitado. - Não fosse essa tua acusação sem graça, e estaria saltando de alegria! – admite, num sorriso torto.

- Não te preocupa?! – pergunta um outro, ali presente.

- Sinceramente!... Acho que aprecio o pânico causado! – responde imediatamente. – O pânico trás desorganização, medos, fraquezas... - esclarece. – E o nosso trabalho ficará bem mais fácil! – termina, em provocação. – Pensando bem: eles fizeram-nos um favor!

- Pena que eles não tinham sido sequer preparados... - intervém o mesmo vampiro.

- Pena?! A falta de preparação vai torná-los vulneráveis! – esclarece Joseph, que parecer alterar o seu humor conforme a ocasião, tornando-se imprevisível. – Quando chegar a nossa vez de sair, ninguém vai saber como reagir perante a má surpresa...

Após um silêncio digno perante o raciocínio do vampiro, o grupo volta a concentrar-se na preparação.

André volta para as sombras. Como quem diz: discreto, atrás de todos, para junto de Akira e Sandro. Em território movediço, os três esperam o momento certo. Os três, acham-se preparados para a inevitabilidade da personalidade bipolar de Joseph, e acreditam que encontraram o momento perfeito, o mais vulnerável, para agir. Em breve.

...

Acredita que não há necessidade de preocupar alguém, ciente de que mal se saiba que está a passar mal, todos virão acudi-la, mas Luna realmente precisa de apoio.

Já há algum tempo que se mantém deitada no chão frio, apreciando a sensação de frescura contra o calor que sente, e desde então algumas dores acalmaram, dor que nem sabe de onde vem. No entanto, continua a sentir um corrimento fino e persistente de sangue pelo nariz.

Para se distrair, a ruiva arranha o tapete debaixo de si, com as unhas das mãos, ritmadamente, tentando não falhar as pausas e os retornos. É relaxante. Seria ainda mais se a dor desaparecesse, se o sangue parasse de escorrer, e se conseguisse

voltar a conectar-se com o pai. Seria tudo perfeito, se as coisas acontecessem como desejaria que fosse.

É então que começa a chorar em silêncio novamente.

Tanto poder vindo de algures, tanta sensibilidade, tanto amor, tanto ódio às vezes... E nada! Na verdade, pensando sobre isso, é nos momentos de ódio e descontrolo que tudo cai aos seus pés, da forma como exige.

Será isso? Será que, ao contrário do que dizem, o amor, a família, o controle, a discrição... Será que está tudo errado?

Em pânico, com raiva de si mesma, começa a soluçar enquanto chora, cada vez mais ruidosa, sem forças para parar.

- Pai! – grita, obrigando-se, severa consigo, a domar o que a natureza lhe conferiu.

Grita mais alto ainda, vezes sem conta. Chora. Esperneia. Já rasgou um pedaço do tapete, sentindo os fios entre os dedos. Grita mais. E odeia-se. Odeia tudo.

Qualquer coisa feita de vidro começa a tilintar no quarto. Na verdade, várias coisas estremecem ali, e Luna nem perde tempo para ver se são copos, candeeiros, jarros ou lá o que seja. Alguma coisa cai no chão, e alguns pedaços de porcelana chegam junto à sua cabeça.

Ainda bem que o hotel está fechado, e deserto. Assim ninguém presenciará o momento, nem influenciará as suas escolhas.

...

Há uma eternidade (parece-lhe!) que busca alguma criatura escondida nas sombras desejosa e sedenta para a atacar.

Francisca, que é vampira, admite para si mesma, no silêncio do seu pensamento, a tamanha absurdez da situação.

O mundo e a vida são surpreendentes. As coisas mudam. E às vezes não se pode fazer nada contra.

É sempre mais fácil pensar na ascensão, tomando-se como normal e perfeitamente acertado que os vulneráveis se tornem poderosos. Neste caso, que as presas se tornem predadores.

Agora, aceitar que o amanhã seja imprevisível e que os mais temidos predadores desçam ao nível de miseráveis, por mais natural que também o seja, é difícil admiti-lo.

Francisca já viu tanta coisa acontecer durante o seu mais de um século de vida. Foi feliz, e isso é a única coisa que deseja para si e para todos. O espírito da Guerra, da desconfiança, da maldade, nunca a conquistou e pensar que... que...

Aquela sensação a que se costuma apelidar de “mania da perseguição”, atingiu Francisca a meio do seu pensamento e das suas recordações. Certifica-se da distância a que está do próximo vampiro, Beatriz, e do anterior, Vânia, e volta sentir-se observada, sentindo uma presença estranha, mais perto de si, demasiado perto.

- Não... Eu não... - murmura, desejando ter-se aproximado, sem querer, do território de Beatriz, ou de Vânia.

Consciente de que não está sozinha, a vampira agarra com mais força o punhal que trouxe consigo, enquanto pensa em quem mais ama e sobre como as coisas realmente mudam! Os vampiros nem nunca precisaram de armas e, agora... Todos estão acompanhados de uma.

- Quem...? Está aí?

Francisca perguntou, confirmando a sua sensação quando ouviu passos ponderados em direcção a si. No mesmo instante, permaneceu quieta, ciente de que algum monstro está nas costas, e temendo que ele lhe seja mais familiar do que deseja... Por outro lado, e se for mesmo?! Talvez nem sequer deva ter medo, e simplesmente abraçar quem finalmente regressa...

O impasse da vampira, que não consegue identificar quem a precede assustadoramente, é interrompido por um rosnar leve da criatura, e que a faz agir e usar o punhal, finalmente.

Mas quando se vira e o encara, ferido pelo punhal no rosto...

Em cem anos, Francisca entende verdadeiramente e da forma mais cruel que poderia imaginar, o significado imprevisível da mudança, e a razão porque temer o amanhã.

Continua...

Episódio 68 – “Ser e Não Ser”

Continuação...

Agora ferida, aquela criatura não apenas tem sede de sangue, mas fome de vingança. Enquanto Francisca enfrenta um dilema entre a razão e o amor. Atacar de novo aquela criatura pode ser a sua salvação, ou o atizar de um ódio desconhecido, que provavelmente nem existe, e que resultará em tragédia. Pois aquela criatura, é nem mais nem menos, do que a personificação da gargalhada do diabo na vida de alguém, a ironia do destino enfrentando as probabilidades do acontecimento. Sendo e não sendo, aquela criatura é...

- Henrique... - murmura a vampira, tremendo enquanto se afasta, observando o ferimento que causou no rosto dele, desde o canto do olho ao do lábio, analisando aquela expressão de predador implacável, que nunca o viu sequer usar perante um humano antes. – Meu querido, desculpa... - Francisca tenta manter uma conversa calma, afastando-se à medida que o vê aproximar-se. – Eu não queria magoar-te... Desculpa... - quase chorando, mantém-se firme, indecisa entre a felicidade e o medo. – Tu não queres fazer-me mal, pois não?! – questiona, olhando-o nos olhos, deixando que por segundos estejam realmente próximos, desejando encontrar um pouco da alma do “filho” dentro daquela criatura. – Henrique?! – chama.

Mas Henrique não ouve, não vê, não sente. Francisca, naquele momento, é para ele mais um dos vampiros que já matou. O vampiro funciona apenas por instinto, tal e qual como a natureza que assume o exige. Inconsciente do que faz, Henrique lembra a Francisca a época em que lutaram contra os Dissidentes – humanos que já não eram humanos, mas sim criaturas destinadas apenas a procurar e matar.

- Henrique...?! – Francisca continua a chamar, implorando o acordar da sua alma.

O silêncio é breve, e quando Francisca se prepara para pronunciar o nome mais uma vez, um movimento brusco alerta-a. Henrique estava já demasiado próximo de Francisca e claramente pronto para a atacar impiedosamente, inconscientemente, quando alguém o derrubou, fazendo-se ajoelhar-se no chão seco da floresta.

Não é ilusão, é a realidade inevitável que o próprio desconhece. Henrique, o verdadeiro, parece adormecido dentro do seu próprio corpo, que é dominado por outra criatura. Sim, estava realmente prestes a atacar Francisca. A sua sede insaciável abriga-o a isso, e agrada-me. Não vê mais nada senão a cor do sangue debaixo da pele, não ouve mais nada senão o medo da vítima, não sente mais nada senão sede – tal como um natural vampiro sedento perante um humano, agora uma criatura de laboratório sedenta por vampiros.

As suas presas ansiavam por cravar a pele branca de mais um vampiro, e quando se preparava para conceder esse desejo louco insano... Sentiu a sua pele rasgar, na garganta. Apercebeu-se de que foi atacado pelas costas. Alguém acabou de o derrubar, enfraquecendo-o ao envolver um braço em volta do seu pescoço, estrangulando-o, enquanto nele traçava uma linha de sangue visível com o punhal.

- Não! – grita Francisca nesse momento, impotente, sentindo que o destino humilha demais a sua família.

Beatriz ouve Francisca gritar, e olha-a fixamente, incrédula, temendo que a criatura contra-ataque. Chegou o mais rápido que conseguiu, tendo ouvido a vampira murmurar e soluçar de longe, sem perceber uma única palavra que ouvia. Rápida e implacável, cega de adrenalina, veio e...

- Francisca?! – o vampiro murmura o nome, cansado, confuso, os seus olhos até agora negros voltando ao seu tom castanho natural, a sua pele enrugada de veias volta a parecer normal.

Agora, só agora, Beatriz percebeu.

...

Num dos poucos momentos em que está sozinha, apenas com o seu *poder* e as suas escolhas, Luna enfrenta pensamentos menos aceitáveis moralmente e confronta-os com pequenas memórias da felicidade em família. No fim de contas, apercebe-se que há sempre algo ou alguém maior que a felicidade, que a rebaixa, que a torna inútil, apenas uma memória intocável. Os seus pensamentos fervilham enquanto decide: Ser ou não ser. Ser e não ser. Poderosa, Luna sabe que pode escolher entre o bem e o mal, e conhece também as consequências de ambas as escolhas... Vulnerável, Luna sabe que escolher o bem, implica não prever o mal, e nem sempre ter como o enfrentar.

Repentinamente, perdida nos seus pensamentos, Luna pára de gritar, e nem se apercebe disso, nem de que a dor desapareceu.

A ruiva parece adormecida.

- Luna?! – David entra quarto adentro.

O jovem ficou no hotel, a pedido de Francisca, e ouviu os gritos de Luna. Foi difícil encontrar o quarto exacto onde ela estava e, agora que está ali, ela simplesmente desfaleceu.

- Eu estou aqui! – murmura, sentando-se no chão ao seu lado, observando a mobília partida, e recostando a jovem ao seu colo. – Vai ficar tudo bem... - garante, embora assustado e com a certeza de que ela nem está provavelmente a ouvir.

...

Como que repentinamente caído nos fundos de um poço escuro, para onde começou a cair, incapacitado de tocar, sentir, ver, Afonso grita – ou pensa que grita, como num sonho em que pedimos socorro e, sufocados, ficamos sem voz – com a dor do impacto numa superfície gelada, onde estranhamente se sente a esquentar. Uma voz, de alguém que desconhece, um *Natural* que inexplicavelmente e sem permissão entrou na sua cabeça, volta a pronunciar-se.

- É isto que a tua filha sente... – garante.

Sem tempo para analisar a afirmação do desconhecido, Afonso sente uma eletrizante energia atravessar-lhe o corpo.

- O que estás a sentir, é apenas uma amostra do poder que a natureza lhe deu!

Ainda que seja apenas uma amostra, faz Afonso sentir-se incrivelmente poderoso, melhor instantaneamente. Até que...

- Pensando que é apenas uma amostra, é incrível imaginar o que será o todo! A sensação, o poder... e a incapacidade de o controlar...

É então que uma dor de cabeça deixa o pai de Luna novamente de rastos, no escuro, entre o nada e o tudo, gritando, agitando-se – sem perceber sequer se realmente o está a fazer ou se é tudo vivência do pensamento. Percebe que os *Naturales* passaram por isso, pelo que Luna está a passar, e que por ter sido Joseph quem os salvou, estão-lhe imensamente gratos, e inegavelmente submissos.

Alheando-se da maldade e do que sente, pensa na possibilidade de que entre eles, os *Naturales* está a solução para ajudar a sua filha, Afonso só pensa em sair dali.

- O poder é tão magnífico, quanto a dor é indescritível! – a voz, novamente, num tom mais pesado e frio. – Não é?

Mas Afonso alheou-se naquilo que finalmente parecem ser os seus próprios pensamentos. Entre ser e não ser, Afonso acabou de escolher o Ser. Ser o que for preciso, ser quem ou aquilo que merecerem que ele seja no momento, e lembra-se que, na verdade, embora demasiado e descontrolado, os *Naturales* acabaram de lhe dar uma amostra de *poder*.

Só espera que seja uma amostra *real*. A ilusão não lhe servirá de nada no momento.

...

A ex-líder fica em pânico imediato, numa confusão de sensações, sobrevivendo freneticamente entre a adrenalina e a surpresa, o ódio e o choque, a culpa e a alegria.

Ela, a própria, fica sem forças em meio ao excesso de adrenalina, largando desajeitadamente o punhal que segurava e a sua vítima.

Fraco, Henrique esmorece imediatamente quando o largam, sentindo o pescoço ensopado de sangue. Mil imagens e mil situações passam-lhe pela memória, menos a forma como chegou ali, menos a razão por ter Francisca gritando à sua frente e alguém que deve conhecer querendo matá-lo.

Vendo-o começar a tossir, aflito, ajoelhado no chão, respingando sangue na mata, desequilibrado, Francisca larga de vez o punhal, pára de gritar e por instinto atira-se para junto dele, quase chorando, entre o susto e a felicidade, desejando que ele permaneça ali, *e/e*.

Incapaz de se mover, tremelicando, sentindo o corpo dormente, completamente sem soluções ou respostas, Beatriz começa a chorar, como raramente, incontrolável, culpada e talvez seguramente feliz.

Francisca ajuda Henrique a deitar-se no chão verde seco da serra, virando-o para o céu estrelado, tentando responder às suas perguntas sem sentido, desejando que a criatura má que criaram dentro dele não regresse, enquanto estanca o sangue no seu pescoço e vê a ferida começar a desaparecer.

- Está tudo bem, meu querido... - murmura, olhando-o nos olhos, certificando-se de que continuam castanhos, lindos e rebeldes como sempre os conheceu. - Agora vai ficar tudo bem... – repete, querendo mantê-lo ali, agarrando a sua verdadeira alma.

Continua...

Episódio 69 – “Reagir”

Continuação...

Depressa chegam mais vampiros ao local. A comunidade quase toda reúne-se ali, e à medida que se vão aproximando, a surpresa instala-se.

Francisca permanece junto de Henrique, abraçando-o cuidadosamente e mantendo um diálogo simples. Assim que chega, Mais Antigo junta-se a ela, questionando-a e certificando-se de que Henrique está consciente, isto é, vivo e nada perigoso. Beatriz pára de chorar compulsivamente para ficar num estado de choque que a deixa imóvel. Mais ninguém se atreve a intervir...

A não ser Isabel.

- Henrique? – murmura, questionando-se, mal acreditando no oportunismo do destino. – O que aconteceu? – pergunta, começando a olhar em volta, procurando por algo, ou alguém.

Para duas pessoas ali não existe mais nada para além da forma como reagem. Beatriz que vê Henrique deitado na terra seca depois de o esfaquear. Isabel que vê Henrique e não vê Afonso. A primeira que não se atreve sequer a mexer um músculo, temendo qualquer coisa. A segunda, cuja energia explode num estado de histerismo, procurando por quem não está.

- O Afonso? Veio contigo, Henrique? – questiona, às voltas entre os presentes. – Afonso! – chama, com a respiração acelerada.

Rápida, louca por respostas, Isabel atira-se para junto do ferido, afasta violentamente Francisca e ocupa o lugar de Mais Antigo, agitando o corpo frágil deitado à sua frente e implorando-lhe respostas.

- Onde está o Afonso? Diz-me! Onde está o Afonso?

Henrique não responde. Francisca tenta protegê-lo. Mais Antigo agarra Isabel, obrigando-a a afastar-se, erguendo-a, parecendo realmente segurar um doente mental sem noção que, entretanto, começa a chorar compulsivamente.

- Eu quero saber! – grita. – Onde está o Afonso?

Ainda com dificuldade em respirar, e uma dor aguda na garganta, Henrique murmura uma resposta sofrida e confusa, engasgando-se com as palavras.

- Não sei...

Um breve momento de silêncio, enquanto Isabel digere a informação.

- Não sabes... - murmura, decidindo qual a melhor forma de reagir a essa verdade. – Não sabes? – repete, num grito de indignação.

- Acalma-te, Isabel! – implora Francisca, conseguindo fazer sobressair a sua voz. – Ele está frágil e... e confuso... - tenta explicar, incrédula com a incompreensão de Isabel.

- E o Afonso? Como é que ele está? E onde? – insiste a jovem, esperneando, ignorando que Mais Antigo é obviamente mais forte e não deixará escapar.

James decide intervir, aconselhando Mais Antigo a afastar Isabel do local.

- O rapaz já denunciou algumas falhas de memória, está ferido, confuso, não é aceitável que alguém, ainda que com razões próprias, piore a situação... - com o seu discurso de psicólogo, consegue o consentimento de todos sem esforço, e duas pessoas oferecem-se para tirar Isabel dali.

- Eu só quero saber onde está o Afonso! – esclarece Isabel, parecendo mais calma. - Não admito que me tratem como uma louca! – avisa, olhando James com algum ódio, enquanto lágrimas deslizam rápidas pela sua face.

Enquanto a agarram, tenta desenvencilhar-se, mas sem sucesso. São dois dos vampiros mais poderosos ali, Isabel teria hipóteses se não estivesse tão obcecada pelo facto de ver ali Henrique, e este não saber de Afonso, no mínimo.

- Falo contigo mais tarde, Isabel. – garante, compreensivo. - Não a tratem como uma louca... - pede James, algo irónico no momento errado.

Os dois vampiros usam a sua força e velocidade, e alguma falta de consideração que os deixa ignorar o sofrimento da rapariga, para desaparecer com Isabel em menos de nada.

- Talvez alguém devesse levar a Beatriz daqui também! – sugere Vasco, olhando-a com duvida. – Em oposição a Isabel, ela não está a reagir... - observa em análise.

- Chama-se “estado de choque”, e também não é nada bom... - James concorda.

Após o sinal positivo de Mais Antigo, duas pessoas aproximam-se de Beatriz, cometendo o erro de a querer agarrar tal como outros agarraram e levaram Isabel.

- Toquem-me, e nunca mais tocarão em nada na vida! – pronuncia, numa ameaça. – Só saio daqui com ele! – referindo-se a Henrique, falando quase sem se mexer, sem sequer desviar o olhar.

Respeitadores, algo apreensivos, obedecem.

- Vânia...? – James repara também na expressão assustada da jovem, que se encontra ao lado de Beatriz, e prepara-se para lhe oferecer a ajuda que a ex-líder recusou.

- Estou com a Beatriz! – avisa a jovem.

Mais Antigo poderia aceitar a exigência das duas, mas para isso havia de ter aceite também a compreensível presente histeria de Isabel.

A única preocupação ali deve ser somente o estado Henrique e de mais ninguém.

- Eu compreendo, mas seria melhor se seguissem o exemplo da Isabel... - calmo, profere Mais Antigo.

Beatriz finalmente move algo em si: o olhar, que se revela indecifrável.

- Qual exemplo? Ela foi arrastada! – lembra, honestamente solidária com Isabel. – Dispenso isso!

O silêncio permanece, e a tensão que se gera promete algo mais.

- Reagiu! – festeja James, quase discreto.

- Talvez devêssemos antes, sair todos daqui. – Mais Antigo reformula a sua vontade, enquanto faz sinal a dois vampiros para que carreguem Henrique, com extremo cuidado. – Vão na frente por favor, garantam a nossa segurança... - com astúcia, Mais Antigo dirige-se à comunidade presente, incluindo Beatriz e Vânia, e consegue que estas sigam com os restantes, afastando-as com o pretexto da “segurança”.

Antes de partir, a incentivo de Vânia, Beatriz resmunga qualquer coisa imperceptível.

...

Não faz ideia de como o fazer. Isso deixa-o desconcentrado, e em pânico. Relembra a sensação de quando lhe sugaram toda a energia, e pondera, se deverá arriscar.

Pois o problema não é o risco, é a consequência. A questão não está em fazer, está em como fazer. E tudo o que tem de fazer é reagir.

As vozes na sua cabeça começam a desvanecer-se quando Afonso se concentra apenas nos seus pensamentos e na forma como deve executar a sua ideia.

Aquela pequena amostra de poder e sofrimento que lhe deram parecia tão real, que pode muito bem significar a sua única saída dali. Mas porque iriam eles disponibilizar-lhe uma pequena forma de contra-ataque? As vozes voltam a fazer-se soar e Afonso percebe que está a autodestruir-se, a subestimar as suas próprias capacidades.

Então concentra-se naquela sensação novamente. No calor do poder, na dor do sofrimento, tenta encontrar algo a que se agarrar. Depois de O agarrar, tentará sugá-lo para si.

- Que coisa mais ridícula, o que estás a tentar fazer? – a voz intensifica-se. – Reagir?! – uma gargalhada ecoa.

Afonso esforça-se por ignorar. Mas qual o ser que fica indiferente uma luz forte que se aproxima, e que cega.

Imediatamente depois da luz cegante, Afonso encontrou-se deitado num manto de relva macia... Outro sonho.

Quando se ergue, para se sentar e observar os arredores, vê-se no centro de um círculo perfeito, formado por gente que medita, tranquila, de pernas cruzadas. Gente demasiado semelhante a Luna.

O primeiro a abrir os olhos, de um verde tal quanto o da relva que pisam, mesmo em frente a Afonso, é também o único que fala, por enquanto, e a sua voz não é estranha.

- Aquilo era uma ilusão! – clarifica, poderoso e entretido. – Mas a tua adorável esperança e persistência deixou-nos curiosos para te ouvir! – revela, sincero. – Tens dois minutos! – avisa. - Não os desperdices, *Alphonzo*...

Eles são magníficos. Tal como Luna, parecem-se mais com anjos do que com seres malignos. E Afonso esperava tudo menos uma reviravolta pacífica neste momento.

Tem apenas dois minutos. E a esperança de encontrar um fundo de razão e bondade naqueles corações.

Dois minutos para os fazer reagir. Reagir a seu favor.

Continua...

Episódio 70 – “Dou a minha vida!”

Continuação...

- Tudo o que eu quero é a segurança e felicidade da minha família! – inicia, convicto. – Todos eles! Incluindo os vampiros! – completa, só para não deixar dúvidas. – Eu quero salvar a minha filha do que quer que esteja a acontecer com ela, e eu sei que vocês podem ajudá-la. Assim como eu vos posso ajudar! – conclui, torcendo para que o seu pensamento flua o mais confiável possível. – Porquê? – pergunta-se a si próprio antes que alguém o interrompa. – Porque vocês estão aqui presos nesta outra dimensão, creio eu, às ordens do *Joseph*, cuja bondade e inocência não existe. Acreditando que lhe devem a vida, vocês sujeitam-se à vontade dele, por mais absurda que pareça... - receando que não o levem a sério, o mais certo, ainda assim Afonso prossegue. – Eu consigo provar-vos que ele não passa de um vampira

traumatizado com a própria condição! Vive há séculos a cogitar uma qualquer forma de vingar a sua vida humana perdida em vez de se aceitar como é e viver, e tentar ser feliz, como eu.... – o rapaz surpreende-se com o seu próprio discurso, cujo tema parece saído de uma novela. – Em suma, vocês não são assim tão livres e poderosos como se julgam, porque estão deitados no fim da floresta, inanimados e a viver numa dimensão subconsciente, ou lá o que for..., e sujeitam-se aos caprichos de um homem que ao invés de fazer algo mais por si, acredita querer fazer um bem maior ao mundo... - e depois de repentinamente recordar que apenas tem dois míseros minutos, o rapaz inspira e expira, terminando. - Eu dou a minha vida por uma oportunidade de vos mostrar que estão errados em relação a ele, e que não é a vossa obrigação permanecer séculos assim para lhe satisfazer uma loucura! Eu dou a minha vida por isso, e eu em troca só quero que salvem a minha família, a minha filha...

- E se por acaso estiveres enganado, ou a *enganar-nos*... - pergunta o *Naturale* que aparentemente fala por todos.

Enquanto falava, Afonso movimentou-se de alguma forma que, inconscientemente, acabou mais próximo daquele jovem ruivo de olhos verdes intensos que lhe deu a palavra. Agora que estão frente a frente, Afonso consegue ver ainda mais semelhanças com Luna naquela criatura. Para além de os cabelos terem o mesmo tom castanho avermelhado, todos eles aparentam ter entre os dezassete e vinte e poucos anos. E a saudade volta a apertar, quando Afonso imagina o rosto da sua menina mesmo ali.

- Eu repito: dou-vos a minha vida e tudo o que ela implicar! – garante, temendo o risco.

- Palavras fortes... Proposta curiosa, quase tentadora... - comenta o jovem desconhecido, olhando Afonso nos olhos, como se analisasse a sua alma. – O meu nome é *Augustus*. – apresenta-se, inesperadamente.

...

Inexplicavelmente, para si, Henrique já se encontra num outro lugar que não é exterior, pois em vez de um céu recortado por árvores, o que vê é um teto de pedra.

O vampiro foi levado para a cripta, e ainda não conseguiu reconhecer o lugar, sentindo-se ainda atordoado, e demonstrando bastante confusão em relação a memórias dos últimos dias, queixando-se ainda de dor de cabeça.

- Henrique, estou aqui para te ajudar! – avança Cristina, pousando com firmeza a sua mala de trabalho, um autêntico kit móvel para tudo o que uma *médica-cientista* possa precisar.

- O quê que está a acontecer... - questiona ele, num murmúrio quase imperceptível.

Junto a ele, apenas Mais Antigo e a acabada de chegar Cristina, chamada com urgência. Vasco encontra-se atrás da porta, que se encontra fechada, na tarefa de impedir que alguém entre sem ser convidado.

Alguém, esse, que por ordem e vontade de Mais Antigo, se encontra neste momento com James, numa conversa algo difícil, mas assumida por todos e menos por si, como necessária. Beatriz sabe muito bem que está a ser sujeita a uma conversinha de psicólogo, e vai ser muito difícil conseguir arrancar alguma palavra que seja da sua

boca. Por outro lado, Isabel está em lista de espera para a mesma consulta que, não muito diferente de Beatriz, assume como ridícula, enquanto Francisca a ampara pela tristeza de Afonso ainda não ter regressado.

- Tu mudaste, e a Cristina está aqui para tentar perceber o que se passa. – explica Mais Antigo, num tom sereno, que mantém Henrique calmo. – Lembras-te da Cristina? – pergunta, e vê o rapaz assentir afirmativamente, com dificuldade, ainda com um traço fino avermelhado no pescoço.

- Vou tentar anestesiar-te. – avisa a vampira, aproximando uma seringa com um líquido verde translúcido, disse ela ser uma base de verbena, onde adicionou prata tendo em conta o novo estado de Henrique. – Vai ser como se estivesses a dormir... – garante, tranquila. – Só para eu poder fazer alguns testes sem correr o risco de... - a própria tem algum receio em dizê-lo em voz alta. - Tenho a tua permissão? – questiona, por último, ao seu paciente.

E Henrique, que mal consegue ainda falar, acena outra vez afirmativamente, e olha a médica nos olhos, esforçando-se por parecer calmo e lúcido.

A vampira dá início então à sua missão e, com toda a delicadeza possível, espetava a agulha no braço esquerdo de Henrique, tal como se desse uma simples vacina a uma criança. Algo insegura, vendo o rapaz desvanecer lentamente, Cristina teme que algo não dê certo e espera alguns momentos para ter a certeza de que ele está bem, apenas inconsciente.

- Não sabia que conseguias anestesiar vampiros! – exclama Mais Antigo, num comentário sussurrado.

- E eu não sabia se iria conseguir anestesiar este vampiro... - responde Cristina, no mesmo tom. – Ora, vamos lá! – incentivando-se a si própria, remexendo na sua mala preta. – Se tudo isto começou realmente num laboratório, eu vou descobrir!

Observando-a preparar o seu laboratório improvisado na cripta, ao lado de uma cama também improvisada que normalmente está na arrecadação para situações idênticas a esta, Mais Antigo lança-lhe um olhar aprovador de incentivo e afasta-se um pouco, deixando-lhe mais espaço para trabalhar.

- Qual é o teu primeiro palpite? – questiona o vampiro superior.

- Talvez um vírus. – responde Cristina, estudando as possibilidades de um vírus criado em laboratório provocar tamanha metamorfose num vampiro. – Se eu estiver certa, e o novo ADN do Henrique for generoso comigo, talvez eu consiga desfragmentar os componentes desse suposto *vírus* e criar um antídoto. – explica, desejando que a sua esperança não seja em vão. - Mas primeiro, óbvio!, vou-me concentrar em perceber esta nova condição dele... - sendo mais realista. - ... para que possamos ajudá-lo a sobreviver consciente e sem matar nenhum de nós...

- Quanto tempo vai demorar?

- Algum! – diz Cristina, enquanto trabalha, insinuando que será o mais rápida possível.

...

Frente a frente, dividindo uma mesma mesa no “Bloody Mary”, sozinhos, Beatriz e *James*, observam-se um ao outro há longos minutos de silêncio. Ele foi quase totalmente honesto sobre a razão de estarem os dois ali, por sugestão de Mais Antigo. E ela não é idiota.

Enfim, por fim, alguém interrompe o silêncio. Beatriz, de braços cruzados, apoia os cotovelos em cima da mesa de bar e atira um olhar intenso de ódio e impaciência que poderia matar se fosse a intenção. E uma das suas pernas, não que *James* precise de olhar debaixo da mesa para confirmar, não pára de se agitar, como se ela estivesse realmente a perder tempo.

- O Henrique está neste momento lá dentro, e eu estou aqui por que alma? – questiona, numa voz que se impõe. – Por acaso fazes ideia do quão sinistro é saber que ele está finalmente onde eu sei que ele está, e não posso ir lá confirmar? – insiste, levantado o tom.

James sorri. Finalmente alguém diz alguma coisa.

- Eu não preciso de falar sobre isto, eu não quero falar sobre isto, e eu não vou ficar aqui nem mais um segundo a olhar para um desconhecido que se acha merecedor de me ouvir sobre e conhecer os meus problemas através de mim mesma!

- Admites que estás com problemas, portanto...

- Tu é que vais ficar com problemas sérios se voltas a repetir esta gracinha de queres ser meu psicólogo sem o meu próprio consentimento! – ameaça. - Não sou idiota ao ponto de falar com estranhos!

- Precisamente por ser um estranho, sou neutro nas história, pode ser mais fácil para ti desabafar... – defende-se *James*. – E eu não sou psicólogo... Ainda! – informa.

Beatriz lança umas gargalhadas forçadas, enquanto se levanta.

- E já queres exercer a profissão...?

No momento em que se prepara para sair, Beatriz é impedida por *James*, que se levanta e a agarra precisamente no braço e no local exacto onde está ferida.

- Onde é que vais? Tu não podes...

Quando a sente tremer de dor, sem se queixar, o vampiro solta-a imediatamente, mas não toca no assunto.

- Não posso?! – questiona, disfarçando a dor quente no braço. – Testa-me! – provoca, olhando-o com desdém.

Continua...

Episódio 71 – “Verdade ou Consequência”

Continuação...

- Beatriz, ... - inquieto pela provocação, James empenha-se em demonstrar calma e sensatez. – ... ele está fragilizado e confuso, e creio que provavelmente com duas personalidades opostas! – explica. – Não se sabe o que pode acontecer! – insiste o vampiro. - O que te custa esperar? – pergunta por fim, e pela expressão que vê no rosto de Beatriz, depressa entende que só pode ter cometido um grave erro com tal afirmação.

Um horror pasmo expressa-se no olhar da vampira, que não quer acreditar no que acabou de ouvir.

- Eu ouvi bem...? – questiona James, detestando-o a ele e à sua pergunta inocente. – “O que te custa esperar?” – repete Beatriz, indignada.

- Desculpa, não foi isso que... - o rapaz preparava-se para assumir o erro quando a vampira o interrompeu com firmeza.

- Há quanto tempo não vês a tua amiga, também desaparecida? – questiona, retribuindo com alguma malvadez. – Sim. Custa-me horrores ficar aqui à espera! – conclui, vendo alguma preocupação e saudade espelhar-se nele ao lembrar a amiga.

A razão já ela tem, mas James continua a acreditar que deve efectivamente evitar o encontro por enquanto. Beatriz impede-o mesmo antes de ele tentar, apenas com um olhar severo, mesmo ameaçador. Depois, garante:

- Eu não vou causar distúrbio!

Beatriz vira-lhe então as costas e sai.

...

- E eu sou o Afonso! – apresenta-se, após *Augustus*. – Algo que já devem saber...

- Nós sabemos muitas coisas, é um facto... - pronuncia-se uma voz feminina. – Outras escolhemos não querer saber! – termina, delicada.

Afonso procura pela dona daquela voz agridoce, agradável mas algo suspeita. Contudo, apenas quando a jovem fala uma segunda vez, apresentando-se, é que o pai de Luna consegue identificá-la.

- O meu nome é *Valerie*. – afirma ela, num meio sorriso animado e um olhar aventureiro. – E estou ansiosa por saber tudo!

- *Valerie!* – *Augustus* repreende.

- Ficar à espera que decidas alguma coisa por todos nós, enquanto te divertes a desorientar esta criatura inocente com opiniões insinuadas sem significado... - apressa-se ela, pronunciando-se convictamente. - ..., é a previsão de um próximo e longo futuro aqui! Como sempre! – numa pausa, *Valerie* observa Afonso sorrir ligeiramente, ainda nervoso, e por momentos imagina se a filha dele, *Luna*, terá algo em comum consigo. – Aliás! – prossegue. – Imagino o que será, se algum dia sairmos daqui, desta prisão espiritual na qual aceitámos viver... - comenta, preparando o sarcasmo. – Provavelmente nem saberemos como usar os nossos corpos!

- A verdade é que não temos nada a perder! – uma outra voz pronuncia-se em apoio, *Márcio*.

Afonso observa o seu redor, e todos os restantes acordam de uma suposta meditação. Incrivelmente parecidos com a sua filha, uma única raça.

- A verdade é que já perdemos muita coisa desde que estamos aqui, presos nos nossos próprios corpos, a favor de...! – reforça *Valerie*, persistente.

- Não estamos presos! – corrige *Augustus*, algo despeitado. - A liberdade e o poder do espírito ultrapassam as capacidades e os prazeres do corpo. Já deviam saber disso! –repreende.

Em silêncio, por achar mais correcto e sensato dar-lhes espaço para pensar e discutir sobre os próprios interesses, direitos e deveres, Afonso analisa cada um deles, olhando-os discretamente, ouvindo-os. Acaba por concluir que *Augustus*, provavelmente, é o mais velho ou mais experiente, um mentor talvez.

- Nós devemos a nossa vida ao *Joseph*. – insiste ele, com o devido respeito.

- E no entanto não temos vivido! – considera *Valerie*, cujos olhos brilham na expectativa de mudança.

- Concordo! – assume *Márcio*.

Afonso nota que os olhos do rapaz diferem dos dos restantes, por serem negros. Ainda assim um brilho especial torna-os amigáveis.

- Eu garanto que não se vão arrepender... - Afonso intervém, relembra a própria presença.

- Será? – *Augustus* impõe-se novamente.

- Eu sei a verdade! – assegura com honestidade. – Como poderia eu arriscar tudo se assim não fosse? Não estou em condição para brincadeiras!

Sentindo-se observado, como se apenas com o olhar vissem o seu interior, a sua verdade, Afonso ainda assim prossegue, sem nada a perder.

- Deixem-me dar-vos a saber, tudo aquilo que escolheram não saber! – termina.

Alguma dúvida em arriscar ainda se espelha claramente no rosto de *Augustus* e alguns outros *Naturales*. Por outro lado, há aqueles que de tão entediados que estão com a vida, anseio pela mínima hipótese de arriscar tudo.

- Vamos, *Augustus*! – incentiva, *Márcio*, impaciente. - Isto é como “Verdade ou Consequência!”, mas todos jogamos pela verdade enquanto apenas um arrisca sofrer as consequências! – ainda que em jeito de brincadeira, a oportunidade que *Márcio* insiste em confiar a Afonso é muito séria.

- Comparas tu um assunto sério, que nos pode levar a trair a confiança daquele que nos salvou, a um joguinho de crianças...! – repreende uma outra voz feminina, *Martina*, madura e autoritária, manifestando desagrado.

Valerie não consegue ficar sem se pronunciar perante a repreensão.

- E daí? E se arriscarmos mesmo tudo? Até trair a confiança do Joseph? – questiona, indignada. – A verdade é que ele tem abusado da nossa boa vontade há séculos e ainda ninguém o acusou por isso!

- Chega! – *Augustus* termina a discussão. – Se é para haver acordo, serão minhas regras! Estás disposto? – propõe a Afonso.

- Quais são as regras?

Márcio solta um sorriso sorrateiro, sentindo o pensamento de *Augustus*, e atrevendo-se a falar por ele.

- Verdade ou consequência: todos pela verdade, e apenas um perante as consequências!

- Aceito! – um imaginário nó forma-se na garganta de Afonso ao assumir a responsabilidade, mesmo sabendo que não poderá sair a perder, mesmo sabendo a verdade.

...

- Já falaste com a Beatriz? – pergunta Francisca, assumindo que não esperava ver *James* ali em casa tão cedo.

- Agora é a vez da Isabel! – praticamente ignorando a pergunta, James só deseja que o seu falhanço com a ex-líder não seja tão óbvio.

- É óbvio que ela o dispensou, Francisca! – comenta Isabel, falsamente divertida, impiedosa. – Provavelmente nem lhe falou, e com certeza ameaçou-o, obrigando-o a deixá-la em paz! – conclui, indisposta.

- Isabel, querida... - Francisca dá sempre o seu melhor para manter a ordem.

- Foi, mais ou menos, isso! – assume o vampiro, num sacrifício profundo da sua alma.

Vasco não consegue evitar rir, ainda que em silêncio. Apenas Francisca percebe, e o seu olhar desaprovador, depressa o faz agir como o líder que deseja ser.

- Será preciso avisar que eu tenciono fazer o mesmo?

Continua...

Episódio 72 – “Alguém que não te julgue, que simplesmente te ouça!” – Parte 1

Continuação...

James, por alguns instantes, deixa que o silêncio lidere a sala, observando a posição defensiva de Isabel e todas as suas razões e, principalmente, fraquezas. Depois, recorda como ainda há momentos foi tão difícil arrancar uma única palavra da boca de Beatriz, e pior foi ouvir o pouco que ela teve para dizer.

Quando alguém não quer falar sobre os seus próprios sentimentos, tem uma tendência mortal para mexer com os dos outros, e magoar quem se dispõe a ouvir. Não que o façam propositadamente! Na verdade, ou não sabem ainda exprimir-se por palavras, ou nem se interessam por tentar. Sentimentos sempre serão fraquezas, principalmente para os vampiros.

Neste caso, acredita o vampiro, tanto Beatriz como Isabel parecem bastante, talvez demasiado conscientes sobre os próprios sentimentos, e principalmente as conseqüentes e inconvenientes fraquezas. Só não sabem, por vezes, como controlar. E isso, não lhes pode ser ensinado à força.

De qualquer das formas, a sua passagem por Sintra vai muito para além de estender a mão, aos que não a querem agarrar. O seu objetivo é encontrar *Jasmine*, e por mais que lhe custe admitir, aquelas duas são as suas melhores aliadas, tão frágeis quanto imbatíveis.

- Quando quiseres, Isabel... - supõe, impondo alguma dignidade própria. - ... estarei no Rouge Hotel!

- Estás a desistir? – questiona Isabel, confusa. – Pensei que fosses mais persistente!

- Não estou a desistir! – garante. – Estou apenas decidido a esperar! – esclarece, algo cansado. – Acredita, querida! Será apenas uma questão de tempo até que assumam, tu e a Beatriz, que o que realmente precisam é de alguém com quem falar abertamente! Alguém que não vos seja próximo o suficiente para ter sempre uma mísera resposta pronta, que se ajuste ao vosso desespero! – comenta, enquanto sai. - Alguém que não vos julgue, que simplesmente vos ouça!

Por instantes, enquanto o vampiro sai, Isabel fica a pensar naquilo que o próprio acabou de dizer, e quase se prepara para assumir que é a verdade. Tanto Francisca como Vasco, evitam fazer qualquer comentário.

- Onde é que está a minha filha? – pergunta, Isabel.

- No hotel. – responde Vasco.

- É para lá que vou! – informa, saindo apressada.

...

- Como é que o James te deixou chegar aqui? – questiona Cristina, incrédula com a presença de Beatriz.

- Para tua informação: ele não deixou coisa alguma! – informa Beatriz, já na cripta, com Cristina impedindo o seu avanço e Mais Antigo em frente a Henrique. – Eu entro, saio, chego e vou quando quero, de onde quero! – esclarece.

Cristina estava claramente preocupada por ter de aumentar a dosagem que injectou em Henrique, sem lhe provocar lesões, quando percebeu que a primeira dose não estava a fazer o devido efeito e o jovem continuava consciente. No mesmo instante, a sua atenção foi atraída pela chegada da vampira. Mais Antigo também se apercebeu da proximidade da ex-líder, mas a médica adiantou-se, especialmente interessada em evitar distúrbios.

- Beatriz, por favor... - começa, preparando uma explicação válida para a expulsar dali. - Eu estou a dar o meu melhor para o ajudar, mas receio que a tua presença...

- E eu receio que estejas enganada! – interrompe.

- Vamos a ter calma, as duas! – Mais Antigo intervém, sempre imponente. – Não quero discussões aqui!

- Peço desculpa. – suspira, Beatriz. – Eu não quero causar distúrbios, só quero vê-lo! – explica, manifestando a necessidade. – Por favor! – pede, implorando com o olhar.

Enquanto Mais Antigo pondera o risco, e Cristina se agita com a hipótese, uma voz frágil e confusa manifesta-se, e aquece o coração de Beatriz.

- Eu quero vê-la! – pede Henrique, decidido, consciente o bastante para notar a presença.

Continua...

Episódio 72 – “Alguém que não te julgue, que simplesmente te ouça!” – Parte 2

Sem desculpas, sem alternativas, o Líder Supremo dos vampiros decide arriscar.

- Tens cinco minutos! – avisa, com inflexibilidade, desviando-se e permitindo que a ex-líder veja Henrique. – Nós vamos estar mesmo ali, atrás da porta!

Cristina murmura algo a Mais Antigo que para Beatriz passa despercebido, embora obviamente deverá calcular que seja sobre o risco que possam estar a pisar.

Os dois saem, mas ficam exactamente onde Mais Antigo afirmou que iriam estar.

A ex-líder da comunidade de Sintra, observando Henrique deitado, quase imóvel, ainda com uma marca no pescoço relacionada ao golpe que sofreu, com os olhos fechado, hesita. Pondera sobre se ele está consciente, sobre se é ele, sobre se ele sabe que foi ela que...

- Não dizes nada? – pergunta ele, num murmúrio frágil. – Tinhas razão! – afirma, rasgando um ligeiro sorriso, enquanto abre os olhos e se inclina para onde julga que ela está. – Tens sempre razão, podes dizê-lo! – incentiva, ignorando a ligeira dor ao sorrir ainda mais quando a vê.

Ela consegue sorrir também. Verdadeiramente, finalmente.

- Eu devia ter-te ouvido, antes de te julgar. – ela começa, empenhando-se em evitar que voz falhe. – Mas tu também não falaste... Por isso...

- Por isso tinhas razão! – ele completa, sussurrando, como pode.

E Beatriz percebe que o olhar dele naquele instante é o mesmo que sempre conheceu, e por isso nem pensa duas vezes sobre aproximar-se. Confiante sobre si mesmo, Henrique corresponde ao movimento e dá espaço à vampira para se sentar ao seu lado.

- Eu acho que já sei de tudo, eu... - a vampira começa a explicar.

- Eu também sei muita coisa! – interrompe ele, enquanto tenta erguer-se para se sentar.

Por alguns instantes ficam calados, olhos nos olhos, desvendando o significado do que disseram. E então percebem que não mudaram assim tanto. Sabem tudo. Ainda falam com o olhar.

- Desculpem interromper! – inquieto, Mais Antigo avança com urgência. – Beatriz, vou precisar de ti! – Informa, verdadeiro. – Recebi uma chamada. Parece que há mais cinco, e estão relativamente próximos!

- Eles saíram comigo... - sussurra Henrique, cansado pela quantidade de memórias que parecem chegar bruscamente, magoando-o mesmo. – Não lhes façam mal! – pede.

- Já morreram alguns vampiros, Henrique! - conta Mais Antigo, naturalmente sentindo-se responsável por todos - Outros estão inexplicavelmente doentes... – acrescenta, e repara que Beatriz desviou o olhar. - Lamento, mas se for preciso, tomarei medidas! Incluindo contigo!

Uma pontada de adrenalina atinge o jovem, a sua cabeça começa a pesar de despeito e ódio, e o seu olhar muda. Ciente disso, fecha os olhos com toda a força e empurra Beatriz, que se levanta ao mesmo tempo.

- Henrique, mantém-te connosco! – pede Cristina, numa calma impossível, enquanto o segura contra a cama improvisada e lhe injecta a dose que havia preparado antes de Beatriz entrar.

Mais Antigo afasta-se com Beatriz.

- Vai ficar tudo bem! – garante. - E já sabemos que não podemos desafiá-los... - conclui, penoso.

Em sofrimento, observando Cristina apagar a energia de Henrique com uma segunda injeção de qualquer coisa que ela tenha inventado para tal, a ex-líder desvia o olhar e toma iniciativa.

- Sugiro que os apanhemos todos juntos, e que os levemos para a prisão da zona... - murmura, iniciando passos para sair dali. - ... onde os possamos controlar, até que estejam preparados para viver entre nós!

O vampiro sorri ligeiramente, e assume para si mesmo que o risco valeu a pena, tendo despertado uma parte adormecida da famosa Beatriz Monteiro, a destemida.

...

- Filha? – chama Isabel, à porta do quarto onde lhe disseram que Luna estaria.

Cautelosa, avança entre a porta já meio aberta.

Luna está sentada no chão, de pernas cruzadas como sempre faz. O jovem recém-chegado David, amigo e demasiado afeiçoado a Luna, encontra-se ao seu lado, numa posição idêntica.

Isabel observa a filha reconstruir um vaso de cerâmica partido. Apenas alguns segundos, e é como se o vaso, na verdade, fosse indestrutível. A mãe de Luna fica fascinada.

- Tudo é possível, Luna. – murmura David, perto da ruiva. – O medo destrói. – lembra. – O amor constrói.

Sem se aperceber, Isabel sorri largamente.

- O amor constrói. – conclui a bela ruiva. – Será que posso reconstruir a história, a partir de agora?

- Vamos reconstruir as duas, querida! – avança Isabel.

Continua...

Episódio 73 – “Vamos dar-lhe o que ele quer.”

Continuação...

- Mas vamos precisar de destruir algumas coisas, para conseguirmos reconstruir verdadeiramente outras... - reflecte Luna, para si mesma.

- Como assim filha, não vamos destruir nada! – apressa-se Isabel, algo indignada, observando o olhar intenso da filha, ansioso por ver mudanças.

- Luna, acho que não me percebeste! – intervém David, coitado, já acreditando que não se explicou assim tão bem.

Erguendo-se, rápida e urgente, Luna afirma-se.

- Vocês, é que não me estão a perceber! – garante a jovem, enérgica. – Vamos destruir, sim, simbolicamente...

Ambos, Isabel e David enfrentam a jovem com expressões inquisidoras. Luna sorri, orgulhosa de todas as ideias que acabaram de lhe invadir o cérebro, que a entusiasma como há muito nada a entusiasmava.

- Alguém vai acreditar que ganhou esta guerra, quando na verdade se vai dirigir à derrota!

- Explica-te, mais devagar... – pede Isabel, animando-se, prevendo já algo melhor.

- Precisamos de uma tragédia bastante convincente, que vai requerer uma comunidade inteira e a preciosa ajuda do Mais Antigo... - diz, encaminhando-se para sair dali e reunir-se imediatamente com os vampiros, seja lá onde for. - e de uma aliança! – conclui, pensando nos supostos protectores de Joseph e de uma forma de os fazer seus aliados. – Mas disso trato eu! – assume.

- Luna, espera! – pede Isabel, correndo atrás da jovem.

David poderia acompanhar o ritmo de ambas... se fosse possível.

...

Após algumas análises, e francamente incomodada com o facto de ser obrigada a manter Henrique inconsciente, Cristina finalmente pode assumir algumas suposições. Obviamente, as conclusões finais virão mais tarde, com a prática. Mas, por enquanto, a doutora tem já uma certeza: Henrique não sobreviverá sem sangue de vampiro!

Em alguns minutos, meia hora, deu-lhe três vezes sangue humano para o manter, diga-se, hidratado, e o que aconteceu foi que o seu organismo absorveu o sangue mais rápido do que uma esponja a absorver água. “Pelo menos, não o rejeitou...” pensou Cristina. “Seria ótimo que as reservas de sangue humano fossem abundantes...” desejou. “Nem vou tentar o sangue sintético...”, excluiu.

Uma solução eficaz terá que ser inventada. Urgentemente.

...

- Estamos aqui reunidos, para...

Apenas as primeiras palavras de Mais Antigo foram claras para Beatriz, e mesmo estando já farta de saber porque estavam ali reunidos, - no exterior, rodeando uma grande mesa de pedra, lembrando um pódio onde se realizam sacrifícios, mas onde na verdade se estende um mapa de Portugal -, a vampira simplesmente não conseguiu perceber o mínimo da restante conversa. Parecia que as palavras se desvaneciam no ar, antes de chegar aos seus ouvidos.

Apercebeu-se que alguém chegou ligeiramente atrasado, mas não soube identificar quem. O seu olhar estava inexplicavelmente fixado numa nuvem branca, num nevoeiro, em nada exactamente.

- Não sei o que me passou pela cabeça, ... - comenta Luna, enérgica. - ... mas de repente, tenho um plano pode resultar! - os seus olhos azuis brilham enquanto fala. – Algo drástico! Mas já não temos nada a perder...

Foram Luna e Isabel que chegaram. Nenhuma das duas tinha sido convidada a comparecer, mas simplesmente apareceram. Isabel cingiu-se a seguir a filha, e esta apenas seguiu o seu instinto.

Mais Antigo consegue sentir o coração não-humano de Luna bater tão forte, tão vivo, que se sente incapaz de lhe recusar a oportunidade de falar.

- E que ideia é essa que queres tanto partilhar connosco?! – pergunta, rendido à esperança.

Luna é apanhada a olhar fixamente para Beatriz, que se mantém muda e alheia a tudo. Responde quase imediatamente.

- Vamos dar-lhes o que eles tanto querem! – propõe, excêntrica, voltando-se para os presentes.

- Como?! O que eles querem?! – intervém Vânia instantaneamente, quase revoltada.

Apenas com um gesto, Mais Antigo exige a calma e o silêncio de todos. Luna continua empolgada. Ainda que o mau estar silencioso de uma certa vampira a esteja a incomodar.

- Vamos destruir a nossa própria imagem, a nossa posição persistente e inabalável! Vamos dar-lhes a nossa desgraça! Vamos... - dispõe com ânimo, procurando a forma certa de se explicar.

- Qual é a tua proposta exactamente, Luna? – questiona Vasco, ao lado de Mais Antigo e Beatriz.

- Proponho uma farsa! – sim, uma farsa, é exactamente essa a palavra que a jovem procurava. – Façamos o inimigo acreditar que estamos fracos e derrotados! – insiste. - O Henrique não está sozinho de certeza, haverão mais como ele por aí! Não será difícil insinuar falsos ataques e falsas mortes onde, de facto, já existem!

- A ideia está a agradar-me... - assume Vânia, ansiosa, sorrindo.

Luna continua a falar, e Beatriz não percebe uma única palavra. Nem sequer reconhece a voz. Não vê as pessoas que sabe que estão ali. Não sabe onde está. E quando sente que deve pedir ajuda, apoiar-se em algo ou alguém, é como se um dos seus braços não existisse, e o seu corpo o imitasse.

Instintivamente, Francisca sai do seu lugar e chega a tempo de evitar que Beatriz caia desfalecida no chão de pedra.

Continua...

Episódio 74 – “Mortes Planeadas”

Continuação...

- Não se preocupem, ela vai ficar bem! – disse Luna, no momento em que Beatriz assentou no colo de Francisca, que no último segundo correu para a amparar. – Eu sei que vai! – a sua afirmação transmitia confiança.

Tudo parecia estar bem, até que a revelação mais inesperada é feita. Beatriz foi mordida no primeiro confronto com um dos “novos vampiros”, no mesmo local e logo após Isabel ter posto fim aos problemas com os tios.

- Como assim vocês sabiam e não disseram nada? – ripostou Francisca, a sua voz indignada também espelhava vaga desilusão.

- Nós não sabíamos, só desconfiávamos... - intervém James, que havia chegado nesse dia de confronto, apoiando Isabel.

- A nossa relação é complicada... - assumiu Isabel sobre a vampira. – Fiquei à espera que ela se queixasse, era óbvio que ela o fizesse, mas o tempo passou e parecia que estava tudo bem! – justifica, sincera, pois realmente acreditou que tudo não passasse de uma confusão e que Beatriz estava bem.

- Ela nunca iria preocupar-nos se pudesse suportar o problema sozinha... - concluiu Vânia, acorada ao lado de Francisca.

A discussão pareceu longa, mas na verdade foi bastante breve. Mais Antigo fez questão de lhe pôr termo, enquanto Beatriz parecia mover-se ligeiramente, a cabeça em particular. Os mais atentos notariam que ela tentava a qualquer custo falar, exprimir-se.

- *Vamos manter a calma!* – pediu, a sua voz elevando-se com autoridade. – Luna, pareces querer dizer alguma coisa...

E a jovem queria mesmo.

- *Não quero soar mal, mas eu soube que isto ia acontecer há uns minutos atrás... - revela, sorteando a forma certa de o dizer, e ouvindo exclamações sussurradas de quase todos. - E também sei que ela vai ficar bem, em breve teremos uma cura para isto!* – a segurança da jovem era surreal.

Pedro, aproximando-se dela, consegue sorrir entre todos os vampiros petrificados, e comenta: “Estás em alta, hoje!”. Conseguindo uma ligeira expressão de sorriso da rapariga.

- *Continua... - pede Mais Antigo, urgente.*

- *Tudo acontece por uma razão, e eu acredito que podemos aproveitar este acontecimento de uma forma boa! Ela vai sobreviver a isto, assim como tudo o resto se vai resolver sem danos colaterais para o nosso lado, se continuar-mos a fazer por isso!* – começou por dizer, inspirando fundo antes do remate final. – *Mas o Joseph precisa de acreditar que eles morreram! Ele precisa do pior de nós!*

...

- Foi isto que aconteceu! – desabafa Francisca, com alguma revolta na voz e expressão preocupada. - Dá para acreditar?!

Depois de dar a explicação mais detalhada possível a Cristina, Francisca ajuda-a a improvisar mais uma cama na cripta, enquanto James carrega Beatriz como uma pena. Vasco troca palavras rápidas e quase imperceptíveis ao telefone, junto à porta.

– Foi orgulho e muita sorte que a fez aguentar tanto tempo assim, agora só podemos esperar um milagre! Eu vou fazer o possível e o impossível, para não desiludir as previsões da Luna. – garante, enquanto a vampira é deitada sobre uma cama mutável.

As marcas de dentição são ainda visíveis sobre a pele arroxeadada do antebraço esquerdo de Beatriz. Essa mancha de pele, estende-se até à mão e ombro através da marca ainda mais saliente das veias. Cristina começa por improvisar, apertando um pedaço de tecido forte em torno do ombro, esperando impedir que qualquer infecção continue a espalhar-se, mas já seria bom se apenas abrandasse.

- Alguma ajuda, seria bem-vinda? – pergunta James, olhando o corpo ainda imóvel de Henrique, e calculando que Cristina não terá nem tempo, nem forças para os dois. – Eu tenho alguns conhecimentos do ramo, acho que não iria atralhar... - oferece-se.

- Aceito! – apressa-se Cristina.

Vasco aproxima-se, cauteloso mas urgente.

- Desculpem interromper... O Mais Antigo vai prosseguir com o plano de buscas para capturar os restantes vampiros, e aceitou a Luna no comando, hoje! – revela, quase sorrindo. – A ideia é falsear ataques e algumas mortes, começando pela da Beatriz.

- Só espero que essa emboscada não traga veracidade às ideias da Luna... - suspira Francisca, deixando de lado a revolta, pelo verdadeiro desassossego.

Pensar em Afonso, que não faz ideia onde e como está, e olhar para Henrique e Beatriz ali mesmo à sua frente, sem vida nas expressões, deixa o coração de Francisca mais angustiado ainda.

- Vai correr tudo bem... - apressa-se Vasco a assegurar, com alguma calma e muita necessidade na voz. – Provas! – lembra-se. – Vão ser necessárias provas dos supostos ataques e consequentes mortes! O Mais Antigo vai obviamente encarregar-se dos falsos anúncios oficiais que vão espalhar o caos e chegar até ao inimigo. Prevê-se a chegada de vampiros solidários e revoltados que queiram participar da luta, e só esses revelaremos a verdade! – explica, rápido e sucinto.

Ouvindo atentamente Vasco, enquanto espalhava organizadamente alguns objectos e equipamentos em torno de Beatriz, Cristina sugeriu fotografias das mazelas das vítimas como prova.

Vasco confirma a ideia. James tira o telemóvel do bolso e fotografa o braço de Beatriz, de maneira a que a própria seja identificável.

- *James*, ficas aqui? – questiona Vasco, concordando com a ideia de que Cristina tenha algum apoio e recebendo um gesto afirmativo e já atarefado do vampiro. – Francisca?

- Mantenham-me informada! – pede. - Sobre os dois! – reforça, afastando-se com alguma dor e culpa por deixar dois dos seus “filhos” num momento assim.

Continua...

Episódio 75 – “Mais do que apenas esperar.”

Continuação...

Até pode ser uma atitude quase improvisada pelas necessidades, e por pouco quase adiada por circunstâncias inevitáveis e indesejadas, mas ainda assim a emboscada aos restantes cinco fugitivos de *Joseph* é um plano bem formado, que prossegue com Mais Antigo seguido de Luna e Isabel como cabecilhas. Tanto os vampiros da comunidade de Sintra como os guardas especiais do Líder participam.

Luna assumiu o controlo e ninguém se opôs. Isabel propôs com delicadeza voltar a ser filha do *Jaguar* por um dia, e por ser o dia mais indicado, novamente ninguém questionou.

No entanto, líderes das comunidades mais próximas demonstram total apoio quando Mais Antigo lhes pede que se mantenham constante observação e contactem se avistarem os “novos vampiros”. Mensagens sobre tentativas de ataque acabam mesmo por surgir no telemóvel do Líder, assim como informações sobre a localização dos cinco, que parecem manter-se em grupo. Um dos contactos, chega mesmo a referir o aspecto aterrorizante e olhar alucinado dos “novos vampiros” que, no fundo, são também inocentes.

O grupo está já próximo de Sintra, por meio de uma vontade descontrolada que os faz querer perseguir de forma sedenta vampiros aparentemente vulneráveis. Estes, que na verdade, estão bem cientes do que está para ocorrer na serra de Sintra e atraem-nos para as proximidades, mesmo sem terem sido oficialmente recrutados para ajudar.

Quanto ao perigo da possibilidade de serem avistados por humanos, esse é controlado pelo facto de que os vampiros gostam de viver em discrição, sob disfarce, e os lugares onde se encontram em grupo são recônditos, na floresta, no descampado, nos edifícios abandonados que todos evitam. Assim, uma vez que as presas destes “novos vampiros” são os próprios vampiros é quase garantido que nada de absurdo acontecerá perante humanos.

Em Sintra, espera-se pacientemente. Mais discretos do que a própria sombra, silenciosos, entre árvores e arbustos, devidamente afastados uns dos outros para que a emboscada não se torne óbvia à distância, mas próximos o suficiente para agir sem contratempos.

- Eu vou! – Murmura Francisca, logo assim que Mais Antigo sussurra um pedido.

O líder pediu encarecidamente, após uma última mensagem que recebeu de um vampiro que se dispôs a atrair o grupo o mais próximo de Sintra que foi possível.

- Vou contigo! – apressou-se Vasco, ao seu lado. – E não vale a pena discutir... - sussurra, adivinhando e calando a recusa da vampira.

Rápidos, desaparecem do local onde se mantinham e dirigem-se propositadamente velozes e furiosos até onde o Líder lhes sugeriu que o grupo alvo estaria. Saber que aqueles dois podem estar literalmente a correr para a boca do lobo deixa alguns dos presentes apreensivos sobre o plano.

- Tem cuidado, querida! – murmura Isabel com carinho, dando um beijo na testa de Luna.

Afastando-se do lugar onde ladeava a mãe, Luna aproxima-se mais do centro do círculo imaginário formado pelos pacientes vampiros em vigia. É ali no centro que tudo acontecerá.

Verónica foi chamada e depressa se juntou livremente ao movimento de ultima hora. Inclusive, abriu as portas da ex-sede da Lua Eterna em Sintra e destrancou os grandes cofres que ainda guardam algum material de caça aos vampiros. Disponibilizou uma imensa rede de prata - riquíssima e bela para os humanos, um inferno para os vampiros – que cuidadosamente foi levada para o local. Também algumas armas saíram dos cofres quando Isabel lhe falou de algo que leu num dos diários herdados do seu pai, o *Jaguar*, sobre como misturar cuidadosamente algumas ervas tranquilizantes com sangue humano para fazer desmaiar um vampiro, sem o matar. Nada garantido que resulte, mas ainda assim Verónica adaptou algumas seringas com o composto que Isabel acabou por fazer mesmo de forma improvisada no antigo laboratório, a armas prontas a disparar.

...

Nada do que está a acontecer passa despercebido aos *Naturales* que se debatem entre denunciar a situação, ou manter *Joseph* longe da realidade. Por isso mesmo, Afonso enfrenta o dilema de se intrometer em mais uma discussão. Afinal, uma vez

que conseguiu um voto de confiança da parte deles, talvez possa no mínimo pedir-lhes que sejam reticentes em relação a *Joseph* e esperem para ver o que acontece.

- Deixem as coisas acontecer, deixem que ele acredite na farsa! Ele não merece a vossa dedicação, e mais cedo ou mais tarde vão ter a prova disso! Ele vai desiludir-vos! Esperem para ver! – pensa, calmo e convicto para que o grupo o ouça.

Ele sabe que eles o ouvem. Se não ouvissem nunca lhe teriam dado uma oportunidade. E realmente, *Joseph* irá desiludi-los em breve, e Afonso reforçará com palavras e actos os erros que ele cometer.

...

Há situações em que é realmente impossível esquecer que se está numa situação de risco, seja qual for. E nessa impossibilidade, os nervos são algo que atingem qualquer criatura. Mas quando Francisca reaparece no horizonte, à vista de todos, a sensação é de que ***há mais para fazer do que apenas esperar que aconteça.***

Como previsto, Francisca vem a ser perigosamente seguida por dois dos “novos vampiros”. Como um relâmpago, ela dirige-se ao centro da armadilha, passando por cima da rede de prata – que se encontra camuflada de terra e verduras – e cruzando-se com Luna, que espera o momento adequado para dar o seu espectáculo. No momento em que Francisca se junta a Mais Antigo, observador, os dois que a perseguem pisam o chão de prata e atravessam-no, até que não conseguem sair. Impacientes, monstruosos, e procurando explicações, os dois atiram-se constantemente contra uma parede invisível que parece saída directamente do sorriso satisfeito da jovem ruiva a encará-los.

- Eles não são cinco? – questiona Isabel com a calma que se consegue sentir quando se tem uma arma na mão.

– Onde estão os outros? – reforça Verónica, ao seu lado.

- Vêm atrás do Vasco... - murmura Francisca, perceptível ainda que do outro lado do círculo.

Roupas sujas, negras de demasiado uso e vermelhas de sangue seco, olhos escuros alucinados, profundamente terríveis, rostos marcados por veias salientes que quase os tornam feios e velhos, e lábios vermelhos de sede. Esta é a descrição de Jasmine e Brian, que confrontam uma barreira invisível.

- Este lugar está cheio de vampiros, consigo cheirar-lhes o sangue... - constata a ainda bela Jasmine, arquejante, esfomeada, e inocente por tudo.

- Isto é uma armadilha?! – adivinha Brian, num grito rouco que lança à jovem destemida que se encontra à sua frente.

E é ao som desse grito que Vasco trespassa a barreira de Luna, entrando e saindo sem problema, seguido pelos três que faltam. Duas mulheres, Pilar e Martha, e um homem, Victorious. Dos quais, apenas dois avançam o suficiente e ficam presos no círculo.

Pilar ouviu a frase rosnada de Brian, e parou com brutal urgência antes de pisar a linha. Quando vê os quatro lutando contra o nada que os impede de sair de um círculo, a “nova vampira” dá um passo atrás, livre, sedenta de sangue e de luta.

Continua...

Episódio 76 – “Façam-no agora!”

Continuação...

Evidentemente, alguma coisa tinha que acontecer contra o planeado. Seria bom demais que o plano inteiro fosse concretizado como previsto, com todos os astros a favor. Seria tão bom, que daria para agradecer ao destino, com alguma desconfiança no pensamento.

Com precaução, passadas lentas e misteriosas, os vampiros revelam-se e aproximam-se. Antes, já Isabel e Verónica, devidamente armadas, se aproximaram lentamente, com passos confiantes de quem não tem medo de disparar o que seja de uma arma. E Isabel parece extremamente focada na missão, como uma profissional.

- Estás bem?! – murmura ao se aproximar de Luna por instantes, sempre de olhos postos na “nova vampira” que não passou a linha. – Consegues aguentar só mais um pouco? – questiona Isabel, com preocupação na voz.

- Sim. – responde Luna imediatamente, de mãos estendidas e tensas como quem realmente segura uma parede invisível. Responde, ela própria ignorando que a barreira está a exigir demasiada da sua energia.

Pilar, revelando o seu lado malvado inconsciente através de um olhar terrivelmente inesquecível, observa atenta e perigosa a aproximação de Isabel e Verónica. Ambas, avançado de lados opostos, aproximam-se apenas o suficiente para disparar um tiro certo caso necessário, e o bastante para não serem atacadas.

Destacando-se entre os vampiros, Mais Antigo acerca-se de Verónica e inicia diálogo.

- Não sabemos quem és exactamente, mas estamos dispostos a ajudar-te! – anuncia. – O Henrique está connosco. – exactamente como previa, os “novos vampiros” reconheceram o nome, e o Líder pode ver um brilho diferente no olhar de Pilar, assim como uma breve pausa na luta dos restantes. – Só precisas de colaborar, entrando no circulo, e sairás daqui sem mazelas...

- Espera! – pede, num tom que se adivinha irónico. – Não percebi, fiquei dividida entre queres ajudar-me, ou estares a ameaçar-me!

- Só é uma ameaça, se quiseres que o seja! – esclarece Mais Antigo, retribuindo com astúcia algum sarcasmo.

- Olha para mim! – pede Pilar, com a voz grave e rouca, começando a mover-se lentamente em direcção a ele. – Parece-te que eu preciso de ajuda?! Nunca me senti tão forte, saudável, poderosa... - explica, avançando sorrateiramente até ele. – E também nunca tive tanta sede de matar, é um facto!

E assim terminando, com um sorriso malicioso, prepara-se para atacar o Líder, cuja cara tão conhecida entre todas as comunidades não consegue reconhecer, e sente uma fina pontada nas costas.

Foi Isabel, impiedosa e ansiosa, disparou uma seringa sem esperar nem mais um segundo.

Mas Pilar continua de pé, algo atordoada, nota-se, certamente o produto injectado está a actuar, mas não o suficiente. Virando as costas a Mais Antigo e Verónica, para olhar quem a atacou, Pilar aproxima-se agora, com raiva no olhar, de Isabel.

Enquanto Luna segura a barreira invisível que os restantes quatro, Jasmine, Victorious, Brian e Martha tentam atravessar, Pilar é mais uma vez atingida.

Agora, Verónica disparou também, em simultâneo com Isabel. A “nova vampira” pára por instantes e quase se desequilibra. Ainda não o bastante para a deixar inconsciente, ambas disparam novamente.

Finalmente, já a poucos passos de chegar a Isabel, Pilar cai desmaiada no chão. De forma instantânea, o seu rosto perde as marcas que o tornam demoníaco e algo envelhecido, e Isabel observa, percebendo que provavelmente poderá vir a conhecer um lado mais simpático e menos perigoso daquela pessoa.

...

Aagitado, Afonso não consegue suportar a ideia de que Luna pode estar prestes a desmoronar, mesmo no momento em que a situação parece resolvida.

Os *Naturales* deram-lhe algum poder, e agora Afonso sabe como acompanhar tudo o que acontece com as pessoas a quem está ligado. Esse foi o primeiro ensinamento do grupo, que se mostra cada vez mais disponível em ouvi-lo e dar-lhe alguma confiança. Mas agora Afonso precisa de convencê-los a ajudar Luna.

- Por favor, eu prometo que vos recompenso! – implora, verdadeiramente desesperado. – Ajudem a minha filha, eu sei que vocês podem fazer isso! – insiste.

E depois de muitos “por favor” proclamados...

- Para a ajudar precisamos de estar conectados com ela de uma forma muito mais forte! Precisamos de algo que esteja directamente ligado a ela! – diz *Augustus*.

- O quê?

- Nada como uma das pessoas que lhe deu vida! Tu! – responde o homem imediatamente. – Pode doer um bocadinho... - avisa, e Afonso pode apostar que o *Naturale* esboça um sorriso curvo de ironia.

- Façam-no agora! – responde Afonso, ordenando!

...

Quando pensava que tudo ia desmoronar, e já preparando-se para gritar um aviso, Luna sente algo muito forte atingi-la vindo do nada. Algo bom, quente, enérgico, que lhe dá as forças de que precisa para segurar aquela barreira mágica o tempo necessário. Alguns segundos depois, ela sorri discretamente ao perceber de onde vem a energia.

Atrás de si, sente um carro a aproximar-se. Na verdade uma carrinha fechada, azul escura, que um dos vampiros se orgulha de conduzir com alguma malícia, uma vez

que o veículo pertenceu à Luz Eterna. À sua frente, vê Isabel e Verónica atirarem gentilmente Pilar para dentro do círculo, e pegando novamente nas armas, já recarregadas por Mais Antigo e Vasco, atingem com frieza os quatro dentro do círculo formado pela rede de prata camuflada. Tal fazem apenas para que quando Luna os envolva na prata, estejam tão inconscientes que não sentem a dor, e possam ser transportados para a carrinha e lavados para a prisão de vampiros da zona, o lugar mais seguro para tal.

Algumas horas mais tarde...

Continua...

Episódio 77 – “Pessoas morrem todos os dias...”

Continuação...

Algumas horas mais tarde...

Na velha prisão dos vampiros, os cinco capturados começam a dar sinais de vida dentro das celas. Cada um tem a sua, pois calculou-se que em grupo seriam fortes e perigosos, mesmo dentro de uma cela, assim que reavivassem.

À entrada, estrategicamente posicionadas para ter todos debaixo da visão, Isabel e Verónica permanecem armadas. Luna está entre as duas. Por sua vez, Mais Antigo faz-se acompanhar de Francisca e Vasco, e dos seus Guardas, aos quais pede por voluntários que fiquem a vigiar as celas junto com Isabel e Verónica, e que questionem os capturados assim que for possível, para que se possa identificá-los devidamente.

- Vou publicar a falsa notícia, agora... – anuncia Mais Antigo, preparando-se para sair, acompanhado de dois dos seus Guardas.

Francisca e Vasco ficam.

Sensivelmente meia hora depois, um dos guardas começa a questionar um dos *novos vampiros*. Diz chamar-se *Brian*, e aparentemente está no seu estado normal de consciência, evidente através da expressão assustada de quem não reconhece as pessoas, o lugar, e de quem não se lembra como veio até ali.

Entretanto, alguns dos presentes recebem uma mensagem. É uma notificação nos telemóveis que lança o aviso de que uma nova notícia foi publicada no portal *online* da Comunidade.

O artigo, publicado oficialmente pelo Mais Antigo, notícia os recentes confrontos em Sintra, e nos restantes locais por onde os *novos vampiros* passaram até chegar ali. Como planeado, noticia também as consequências. Entre as vítimas, estão nomes de quem infelizmente morreu mesmo, e outros estrategicamente lá colocados, como Beatriz, Henrique, os cinco capturados e escondidos na prisão, entre outros que se ofereceram para “desaparecer” e ajudar a dar ainda mais realismo aos factos. Imagens não sugestivas das identidades de quem se apresenta vêm em anexo, como meia confirmação.

Enquanto lê a noticia ao pormenor, Francisca arrepia-se ao observar o seu nome entre as supostas vítimas.

- Vai ficar tudo bem... - sussurra Vasco, ao seu lado.

Ela esforça-se por esboçar um ligeiro sorriso, e fechar a notícia, o telefone exhibe uma imagem que a deixa pensativa por alguns segundos. É uma pedra preciosa azul escura, com pormenores que lembram estrelas no céu nocturno, e ao perceber que Vasco reparou de soslaio na fotografia, a vampira apressou-se a arrumar o telefone.

...

Mais uma vez, Henrique acorda da anestesia. Mais uma em três vezes que reavivou e Cristina se apressou a contrariar a situação. Por alguma razão, murmurava um pedido de desculpa sentido e um juramento de que ia conseguir resolver tudo. No entanto, o efeito do calmante desaparecia, ele acordava, e algo parecia ainda não estar resolvido. Não que a vampira não estivesse a ser verdadeira relativamente a não desistir. O tempo e as circunstâncias é que talvez não estejam a favor.

Desta vez, Henrique decide não se pronunciar, nem se mexer, permanecendo quieto, o mais calmo e natural possível. Recusa-se a voltar ao mundo do nada por meio de mais uma injeção, mesmo consciente de que Cristina não o faz por maldade. E enquanto recupera força e consciência, mantendo-se de olhos fechado, imóvel, discreto, tenta perceber o que afinal se passa à sua volta, desconfiando que Cristina já não está apenas ocupada de si.

Acaba por ouvir uma conversa entre a médica e um outro vampiro.

– O veneno está bastante concentrado no braço, e embora tenhamos estancado o sangue contaminado nessa zona, as análises acusam partículas estranhas em toda a corrente sanguínea. – resume, novamente. – Filtrar-lhe o sangue com o equipamento apropriado é uma boa ideia, mas para isso o sangue deve circular e se nós pararmos de estancar a maior parte do veneno no braço, a fatalidade pode ser mais rápida que nós...

- A menos que consigas drenar pelo menos a maior parte do sangue dessa zona... – sugere o vampiro. – Se não houver multiplicação do sangue e do veneno, talvez seja mais seguro...

- Porquê que tudo nestes dias tem sido arriscado?! – lamenta, Cristina. – E a Beatriz é a última pessoa que merece isto...

Num silêncio arrebatador, Henrique abre uns olhos negros. O vampiro ouviu um nome que o deixou em sobressalto, pois nem conseguia identificar a pessoa pelo perfume, algo no seu sangue é mais forte.

- Dá-me um endereço, diz-me o que precisas, que eu vou e volto em minutos! – garante o vampiro.

Henrique ouve Cristina dar a morada de sua casa a um vampiro que se compromete a ir até lá e voltar com um equipamento tecnológico completo de hemodiálise. A vampira acrescenta que é preferível que *James* – Henrique ouve finalmente o nome - leve o seu carro, por estar preparado para aquele tipo de mercadorias, e ouvem-se umas chaves tilintar.

Ouvem-se passos apressados, *James* deixa Cristina sozinha com dois *doentes*. *E ela* está nervosa e preocupada perante um caso de emergência que nunca lhe passou

pelas mãos – Henrique consegue sentir os músculos da vampira contrair com os nervos, e o sangue a circular mais depressa no seu corpo.

O *novo vampiro* olha para o lado e vê Cristina de costas para si, quase inclinada para cima do corpo inerte de Beatriz – é mesmo ela. Empenhando-se para que a médica não se aperceba da sua agitação, o *novo vampiro* fica a observá-las enquanto domina a respiração acelerada pela muita inquietude. Cristina começa a extrair o máximo de sangue possível de um dos braços de Beatriz, cujas veias estão negras e salientes.

...

Com um sorriso rasgado, *Joseph* recebe no grande salão os seus *vampiros*. Movimentando-se de um lado para o outro, em frente a *Lucius* que segura um computador portátil aberto, virado para si.

Joseph observa cada *irmão* dos seus entrar, analisa-os com a sua postura altiva e inglesa.

Quando mais ninguém falta, não perde tempo.

- Chegou a nossa hora! Amanhã saímos para o terreno! – faz anunciar, numa voz alegre, poderosa. – Nós estamos fortes, muito bem treinado em questões de concentração, auto-controlo, combate... - lembra, num discurso simples que pretende não tornar demorado. – E os nossos principais inimigos foram eliminados! – comunica, e com um gesto ordena a *Lucius* que vire o ecrã do computador para os presentes. - O Líder deles acabou de publicar uma notícia deveras interessante!

Breves instantes depois de ler...

- Espera aí, mas... - começa Sandro, saindo dos fundos da sala, aparecendo detrás de toda a gente, para enfrentar o *louco*. – Eles morreram?!

- Danos colaterais! – responde imediatamente o *auto-proclamado* líder daquele grupo de vampiros mutantes. – É uma pena, mas o nosso foco agora deve ser outro... - diz, com falso pesar.

- Danos colaterais?! É uma pena?! – avança Akira, incrédulo, apoiando o amigo.

André avança com eles. Apesar da triste notícia, este é o momento certo para tentar pôr mais pessoas ali dentro contra o monstro inconsciente que é *Joseph*. Mas não esperava que ficassem sozinhos naquela luta, a morte dos restantes é uma verdadeira bomba.

- Tens a indecência de nos tratar como *irmãos*, de insistir em convencer-nos de que para ti somos como *família*, para no fim de contas chamares à nossa eventual morte de “dano colateral”! – expõe André, malicioso, não tão discreto e acanhado como de costume.

- Pessoas morrem todos os dias! – constata, como quem lança um facto inédito. - Aqueles inúteis saíram de livre e espontânea vontade... - reforça o inglês, com sotaque perverso nas palavras.

- E o outro?! Foste tu que o convenceste de que ele era o melhor e mandaste-o atrás dos humanos, dos... dos tios da herdeira do “Jaguar”! – insiste um outro jovem vampiro, o primeiro fora do grupo dos rebeldes que questiona a lealdade e o respeito de *Joseph* por todos eles.

- *Enough!* – grita, com poder e desprezo na voz. – A nossa prioridade é acabar com a raça dos vampiros! Quando terminarmos, este mundo ficará sem dúvida melhor...! – salienta, causando pânico nuns e adrenalina noutros. - ... Independentemente das consequências...! – termina.

Continua...

Episódio 78 – “Comigo, ou contra mim!”

Continuação...

...

Cristina fala distraidamente consigo mesma, murmurando apressadamente pensamentos e conclusões sobre o processo de hemodiálise que estará brevemente a realizar pela primeira vez num vampiro em circunstâncias desconhecidas. A maioria das suas conclusões aponta para que hajam uns oitenta e nove por cento de hipóteses de dar errado. Em contas, apenas onze por cento de chance de resultar. Mas Cristina é uma cabeça preocupada e responsável no momento, portanto talvez não sejam fiáveis os resultados.

Claramente, a vampira está demasiado distraída para notar que Henrique a observa, atento, bastante consciente, e que percebe mais do que nunca está sensível aos sentimentos e impulsos dos vampiros. Tal que a preocupação, ou aflição disfarçada de razão, de Cristina chega a Henrique com uma energia tal e inexplicável, que parece duplicar.

E os olhos de Henrique escurecem ainda mais, e as íris dilatam, e ele responderá aos seus instintos independente do que isso possa significar.

Levanta-se, num silêncio brusco. Cristina não daria por isso, se pelo canto do olho não tivesse notado uma sombra nítida em movimento. Mas Henrique não lhe dá hipótese, agarra-a e atira-a para longe, sem delicadeza. Ela cai, bate com a cabeça e escorrega uns metros no chão de pedra fria e lisa da cripta.

A sua reacção animalesca torna surpreendente a forma como se aproxima do ouvido da ex-Líder dos vampiros e murmura qualquer coisa imperceptível a outros ouvidos. Voraz, aperta com todas as suas forças sobre-humanas, e sobre-vampiricas, o pedaço de tecido que estanca o sangue no braço da jovem, tanto que ela reage ligeiramente arqueando a coluna com dor. É então que ele se aproxima das marcas de dentes que outro vampiro terá deixado na pele mármore dela, agora arroxeadas, e esforçando-se por não pensar, crava os seus no mesmo lugar.

Nesse instante, Cristina levanta-se de mão no rosto e assiste. Imediatamente percebe que Henrique está mais do que consciente, e tentar sugar o veneno de outro do sangue de Beatriz com um êxito ainda não garantido, mas certamente com mais eficácia do que uma máquina.

...

Praticamente imune às provocações da minoria, Joseph mantém-se firmemente apoiado pela maioria que não questiona as suas ideias máximas sobre a destruição dos vampiros acima de tudo.

- Quando vos resgatei... - diz Joseph entre muitas coisas que já havia dito, e ironicamente acentuando a palavra “resgatei”, como se houvesse salvo alguém da vida. - ... eu queria criar uma família que lutasse pelo mesmo propósito: o fim dos vampiros! – lembra, como se alguma vez tivesse pedido a opinião de alguém. - Nós temos praticamente o mesmo sangue, somos filhos da Luz Eterna! Achei que isso fosse claro o bastante... - continua, com tamanha razão na voz.

Mas o desafio impõe-se. André mostra-se incansável, rebelde, enquanto Akira e Sandro o apoiavam decididamente. Tal valeu-lhes uns três apoiantes logo ao início, mas pouco relevantes aos olhos do líder.

- Diz-me uma coisa! – pede André, altivo como nunca. – O que vai acontecer conosco quando eventualmente os vampiros estiverem extintos? De quê que nos vamos alimentar? Ou de quem? De ninguém? – questiona sucessivamente, apressado, bravo.

- Não me digas que vamos todos morrer à fome, por “opção”? – apoia Sandro, algo trocista num momento de tensão.

- Esse foi o teu plano, o tempo todo, não foi? – atira Akira, conclusivo, fatal.

Joseph silencia-se, fixando-os com um olhar drástico. E mais um *novo vampiro* vai para o lado dos rebeldes!

- Isto é a sério, *Jo*? – questiona, incrédulo com o silêncio do líder.

O rapaz é baixo, moreno, bem constituído, com uns olhos cinzentos brilhantes inacreditáveis.

– O teu silêncio parece-me uma terrível confirmação. – com isto, uma jovem mulher parecidíssima com ele, mas cabelos compridos, aproxima-se.

Os dois vampiros são irmãos gêmeos. E está claro que ficarão juntos.

- *Now, I'm pissed off!* – murmura Joseph com desdém, e gozo na voz.

Os seus olhos vermelhos sangue, e as suas pupilas dilatam monstruosamente.

– Ou estão comigo, ou estão contra mim! – declara.

O grupo de rebeldes mantém-se resistente. Ao todo são oito *novos vampiros* que se rebelam perante o grupo. André, Akira e Sandro, com cinco conquistas. Somando-se os dois irmãos gêmeos morenos, uma mulher com um cabelo prateado raro, alta e magra, uma jovem rapariga nos seus vinte anos de aparência, cabelos cobre e olhos negros, e um vampiro que poderia ter sido irmão de *James Dean* – quem sabe?!

- *Lucius, my friend!* – chama Joseph, com um sorriso malicioso. – Sabes o que acontece aos traidores! – não é uma pergunta, mas uma afirmação. – Trata deles! – pede. - Amanhã saímos, finalmente! – anuncia, saindo da sala.

Aquele que parece ser o maior aliado de Joseph, dá uma ordem clara, e um círculo de força nasce em torno dos oito insubordinados.

Joseph afasta-se progressivamente da sala, e sorri enquanto ouve os sinais de uma luta certamente ganha por maioria.

...

O vampiro dirigia-se ao exterior, e ainda conseguia ouvir gritos de manifestação dos *traidores*. Depois um silêncio, e Joseph fica com a certeza de que os oito foram entregues ao porão mais escuro, húmido, e impenetrável da casa.

Enquanto caminha apressadamente pela relva macia no exterior, um movimento estranho, uma sombra talvez, chama a sua atenção para o céu azul, limpo. Um raio proveniente de nenhures, pois não há nuvens que anunciem tempestade, rasga o céu surpreendentemente. Segundos depois, uma força projectada em todas as direcções, faz-se sentir. Joseph cai no chão duro de uma terra agora seca, que ainda há pouco era maravilhosamente verde, depois de ter sido elevado e projectado com tudo o que era leve e móvel alguns metros para trás.

...

– Já não há nada que os separe e proteja do mundo exterior, e Joseph não descobrirá enquanto nós não quisermos...! - pronuncia *Augustus*, o máximo dos *Naturales*, despeitado com as ideias de família de *Joseph*, com o seu ódio cada vez mais insuportável, e com tudo o que havia sido dito e feito naquele salão.

O já *novo vampiro* só vai parar quando o último vampiro estiver morto, e o próprio tenciona ser o último.

- Podemos avisar a minha filha? – pergunta Afonso, orgulhoso com a forma como despiu psicologicamente *Joseph* enquanto este se vangloriava do seu projecto familiar absurdo. Os *Naturales* estão do seu lado agora.

- Tu podes! – diz *Aurora* – E não te esqueças de avisar que têm um dia de vantagem nesta luta!

Continua...

Episódio 79 – “O momento certo”

Continuação...

Cristina ganhou forças para se movimentar e pensou em pedir ajuda. Discretamente enviou uma mensagem para Vasco, uma vez que nem tem ainda o número do recente ajudante, *James*. Apenas a expressão *SOS na cripta* deve ser bem esclarecedora, pensa a vampira, calculando que se lembrem que está praticamente sozinha com dois casos clínicos sobrenaturais improváveis e imprevisíveis.

Ergue-se do chão, com a cabeça a estalar e os músculos a recompor-se de toda uma força que a atingiu e a arremessou contra a pedra antiga e fria da cripta. Sem saber o que fazer, aproxima-se, pensando em no mínimo dizer algumas palavras para tentar acalmar os ânimos e evitar o máximo descontrole.

Henrique parece desesperado, e sedento ao mesmo tempo, e a grande dúvida instala-se: será que vai conseguir parar no momento certo? Cristina percebe que a intenção da criatura seja a melhor, mas não tem a certeza que os instintos do mesmo responderão apenas às necessidades. Pensa então na quantidade de vezes que a história vampiros-humanos se repetiu, mas esta não é apenas mais uma dessas muitas histórias em que poucas acabaram bem, esta é outra, diferente e muito inexplorada.

- Henrique? – chama, cautelosamente, uma calma aparente.

O *novo vampiro* parece ignorar.

Ouvem-se passos de alguém que se aproxima. Cristina olha para a porta desejando ver ajuda, e aparece *James*, apressado e orgulhoso da sua rapidez.

- Eu disse que ia num pé e vinha... - não termina, deparando-se com a situação do momento.

- Ajuda-me... - murmura Cristina, quase imóvel.

James aproxima-se, mas no mesmo instante, Henrique ergue a cabeça. Os seus olhos negros dilatados, voltam ao normal. Dos seus lábios escorre sangue. E ele ainda não largou o pedaço de tecido que aperta vigorosamente o braço de Beatriz.

– Façam o que têm a fazer! - pede, com dificuldade, e é claro na sua expressão que o sangue de Beatriz, mesmo contaminado, o saciou mais eficazmente, e o seu instinto pede-lhe mais. – O sangue está quase limpo... Sejam rápidos! – insiste, saindo apressado, sem rumo.

...

À saída, já no Bloody Mary, esbarra em Vasco que vinha apressado ao encontro dos problemas que Cristina havia anunciado por sms. Brusco, este agarra Henrique e dois dos guardas de Mais Antigo que o acompanham, reforçam. O *novo vampiro* não dá luta.

- O que aconteceu? – pergunta Vasco, a um Henrique assustado e surpreendido. – Recebi um pedido de ajuda... - esclarece.

- Levem-me daqui! – pede o jovem, no seu perfeito juízo.

Os dois guardas assim fazem. Vasco fica, depois de ordenar que o levem para a antiga prisão, onde estão os restantes cinco, e onde talvez ele seja mais útil conseguindo ajudar a lidar com eles.

...

O questionário na prisão continua, e Luna começou a tentar perceber o que vai na mente de cada um dos cinco. A rápida alteração do estado de espírito, da consciência, deixou a mente da jovem ruiva também baralhada. De tal forma que não conseguia mais ouvir-se a si mesma, nem aos outros, quanto ainda decifrar o psicológico de cinco almas instáveis.

Entretanto, receberam a informação de que Henrique está a chegar para se juntar ao grupo. Talvez ele, sendo o único que os cinco podem reconhecer e atribuir alguma confiança, possa ajudar, de facto. Ou, na pior das situações, fica tão desorientado quanto eles.

- Não aguento mais! – comenta. – Vou sair apenas por uns minutos, desculpem... - avisa.

Naturalmente, Isabel fica preocupada, e tenta perceber o motivo do mau estar da filha. Vai atrás dela, quase até à saída da masmorra antiga.

- Filha! – chama. – O que aconteceu?! O que se passa?!

- Eu fico bem, mãe. – garante, visivelmente cansada.

- Mas porquê que não estás bem agora?! – uma mãe questiona sempre cada pormenor de mau estar.

- Eles estão muito confusos, psicologicamente nada bate certo para eles. E para mim lidar com várias pessoas que em simultâneo não têm noção da realidade, e que não se conseguem controlar, nem sequer perceber que estão mal... é difícil! – explica, mais calma, mas desejosa para sair à rua.

- Queres parar?! Não és obrigada a fazer o que seja, sabes disso... - lembra Isabel, ternura na voz, preocupação no olhar.

- Eu sei! Mas eu preciso de o fazer! – garante. – Só preciso de um intervalo sozinha!

Luna sai. Isabel respeita e fica.

Depois de alguns minutos a andar pela floresta, tentando não se afastar do lugar onde vigilantes e guardas estão, por questão de segurança, Luna decide parar e sentar-se numa clareira de relva natural.

E é então que algo magnífico a surpreende.

Sob a relva macia e de um verde intenso, começam a desabrochar pequenas flores brancas. Luna nunca viu algo tão belo, e chega a duvidar que esteja mesmo a acontecer. As flores não abrem assim tão depressa, a olhos vistos. E entretanto algo ainda mais anormal e único acontece. Luna começa a perceber que o conjunto de flores vai formando uma letra: A.

A jovem fecha os olhos, cansados, como o seu cérebro ficou depois de quase uma hora a tentar decifrar mentes descoordenadas, cientificamente modificadas. Depois torna a abri-los.

As flores continuam lá, e uma palavra começa a formar-se.

Segundos depois.

AGORA nunca foi tão branco, puro e belo.

Luna fica a observar com imensa curiosidade e alguma desconfiança as flores e a palavra que formaram. Depois começa a sentir uma energia simples, pacificadora, que acalma a sua inquietude e quase lhe diminui o cansaço. A jovem olha ainda mais

atentamente para o fenómeno que se mantém, e parece que permanecerá até que ela o entenda.

Uma imagem surge na sua cabeça. Uma morada vem à sua ideia.

AGORA deve ser o momento certo.

Continua...

Episódio 80 – “Cela” - parte 1

Continuação...

Dois guardas acompanham Henrique, segurando-o cada um para cada braço, ao de leve, apenas por precaução. A prisão não fica longe da cripta. Nem perto. É simplesmente um lugar discreto visto do exterior.

Descem já o primeiro corredor de pedra, escuro, embora a claridade do exterior atenua a escuridão. Quando a luz do dia nada mais pode fazer, pequenas tochas iluminam-lhes o caminho – embora não precisassem.

Vendo o aparato de questões sem resposta, e respostas sem sentido, de olhares loucos e bocas que não se calam teimando em torná-los sóbrios, Henrique fica ele próprio meio baralhado das ideias.

Jasmine, a bela Jasmine, parece agora uma mulher depressiva num chão sujo, encolhida e pequena como um rato. Quase revira os olhos para observar quem a questiona, como se disso dependesse a sua audição. A sua expressão é de dor, dor psicológica. Com o olhar, ela implora que o suplício termine. Mas nem um pingo da verdadeira Jasmine há naquele corpo.

Noutra cela, Victorious atira-se, alienado, contra as grades, esticando os braços para fora destas na esperança de conseguir chegar a Isabel, e desfazê-la. Os seus olhos não têm um ponto certo onde se fixar. A sua clavícula e ombros queimam na grade de prata, contra a qual teima em lutar, e ele enfurece-se ainda mais.

Pilar e Martha, embora em celas diferentes, possuem o mero privilégio de poderem observar-se uma à outra. As celas estão frente a frente e ambas parecem comunicar secretamente uma chacina, uma fuga. Quem para elas fala, dois guardas, sabe que não é ouvido. Estão ambas encostadas à parede mais afastada das grades.

Contrariamente, Brian permanece agora calado. Ao principio agitava-se e era tão louco e desesperado na atitude quanto Victorious. Mas há poucos minutos calou-se. Quem o questiona, Verónica, pensa que o faz em vão, mal sabendo que na realidade ele está mesmo a ouvir cada e qualquer palavra que esta pronuncia, cuidadosa e astuta. Os seus olhos acabaram de se fixar no lugar onde apareceu alguém que ainda não se fez anunciar devidamente. Alguém acompanhado por dois guardas.

- Tu que reconheceste a tua família e pareces... - diz um dos guardas que o trouxe até ali, alto e magro, bastante autoritário na expressão, procurando uma forma de não ofender. – Pareces estar no teu perfeito juízo! – atira, apercebendo-se que devia ter pensado melhor.

Henrique não reage, o que consta num alívio para os Guardas.

- Achas que nos podes ajudar?! – continua, havendo já explicado a situação no caminho até ali.

- Como? Não sei como! – responde Henrique, sem expressão. – Se acontecer alguma coisa com a Beatriz, podem avisar-me?! – questiona, agora interessado.

- Sim, podemos! – garante. – Já havias perguntado... umas cinco vezes...

- Quero ter a certeza...

- E nós queremos resolver esta situação perigosa que temos em mãos! – lembra. – Se eles te reconhecerem como amigo, podem...

- Eu já percebi! – garante o *novo vampiro*.

Os cinco parece que nem deram pela presença de mais três pessoas, embora Brian os observe directamente, analítico e desconfiado. Será que o reconhecerão? Henrique gostaria de ter energia e positividade para acreditar nisso.

E então ouve-se uma voz, cheia de desconfiança e surpresa.

- Eu conheço-te?! – afirma e questiona Brian. Após ouvir tanto, viu uma figura que não era estranha entrada, e empertigou-se nas grades, nem se apercebendo que queimava as mãos na prata.

Continua...

Episódio 80 – “Cela” - parte 2

Contituação...

Joseph ergue-se do chão seco. Atordoadado com o acontecimento que ainda não teve explicação, e fora de si com o facto. Todos os seus vampiros chegam ao exterior, o mais rápido que conseguem, que ainda assim é lento aos olhos de Joseph. Chegam ali com uma expressão sofrida, parecem confusos. Alguns cambaleiam.

- O que aconteceu? – questiona Lucius, ao mesmo tempo que se aproxima de um Joseph fora de si.

- Se eu soubesse o que aconteceu, tê-lo-ia evitado mesmo antes de acontecer! – responde, numa cuspidela de mau génio e onnipotência. – Eles já estão onde devem estar? – questiona, referindo-se aos *traidores*.

- Sim! – responde Lucius, rápido. – Mas... - insiste, desconfiado com o fenómeno.

- Activaram o gás?! – interrompe Joseph, novamente arrogante, e olhando o horizonte com uma mão a acariciar a nuca, e a outra em punho numa ameaça rídica ao desconhecido.

- Claro! – Lucius decide não intervir mais, expondo preocupação, uma vez que o líder parece querer a totalidade dos créditos no assunto.

...

Deitado num chão de pedra frio e húmido, André arrepia-se como se o seu corpo voltasse subitamente a ser simplesmente humano e sensível. Podia jurar que tem os olhos abertos e que estando deitado olha um tecto, mas está escuro, muito escuro, e talvez nem consciente esteja. A humidade gélida do espaço fá-lo sentir-se vulnerável.

Queria poder falar para questionar ao vazio se era o único ali, naquela situação, mas quando abriu a boca, hesitou, e nenhum som foi produzido.

Longo segundos depois, quando achava que devido ao frio o seu corpo seria já uma pedra insensível, André sente algo deslizando sobre uma das suas mãos, subindo através do braço até ao pescoço, tão suave e fria que as cócegas se tornam assustadoras. Na sua forma não sólida mas violenta, forte e inevitável como uma simples corrente de ar, entra-lhe pela boca e pelo nariz. Tóxico.

É então que como num sonho, do qual não pode sair, André julga ficar sem chão, caindo infinitamente. Estremecendo violentamente, assustado, parece na verdade que nunca saiu do mesmo sítio, até que abre os olhos, ou pensa que o faz, e se vê numa cela.

Vê-se do lado de fora de uma cela, aparentemente livre para sair. Mas de alguma forma está preso ali e não consegue sair. O seu subconsciente parece obrigá-lo a ficar.

De já vu!

André olha para dentro da cela, e vê-se frente a frente com um vampiro visivelmente cansado de tortura. Nas suas mãos surge o seu velho bloco de apontamentos, e a marca da Luz Eterna surge num dos cantos, bem visível. E o agora vampiro, percebe rapidamente que tudo aquilo não é um De Já Vu, mas sim uma memória. André sabe o que vai acontecer a seguir.

Tudo não passe de um truque de Joseph. Devem tê-lo levado para as celas tóxicas de que ouviu falar entre corredores. O fumo fá-lo recordar os momentos traumáticos da sua vida, e foram muitos, a maioria dentro da Luz Eterna e com vampiros.

Corre em desespero, mas como num sonho, não sai do mesmo lugar. Grita, mas em vez disso sente a garganta apertar e mais nenhum som do que o das correntes de prata a rebentar pela força da criatura à sua frente. André está numa cela tóxica e não tem como escapar, apenas como superar. E tal como havia acontecido há anos atrás, o vampiro da sua memória atira-se violentamente contra as grades e nenhum soldado da Luz Eterna parece estar disponível para impedir.

Para superar todo aquele truque sem criar dúvidas na sua cabeça, André fixa-se no olhar do jovem vampiro à sua frente. É apenas uma memória, mas André percebe que ao evitar recordar o momento, nunca reparou no olhar da criatura, sofrido e assustado, agindo instintivamente pela sobrevivência. O vampiro estava mais assustado do que o André humano.

Continua...

Episódio 81 – “Retaliação”

Continuação...

Eu conheço-te! – reafirma Brian, desta vez plenamente confiante, ainda projectando-se contra as grades na esperança de as trespassar e aproximar-se de quem chegou.

Henrique aproxima-se, cumprimentando os presentes com uma breve troca de olhares. Todos observam e esperam ver acontecer algo. Os Guardas que seguravam Henrique, libertam-no, confiantes, e este nem se apercebe.

- Joseph Morgan. – pronuncia o vampiro, numa cautela inexpressiva, continuando a aproximar-se até que apenas uns centímetros seguros o separem do amigo. Agora, olhos nos olhos, os seus ao natural, e os de Brian negros como uma noite sem luar, experimenta resumir a história. – Nós apelidámo-lo de “O Louco”, quando estivemos presos numa cave à custa das suas ideias mirabolantes, lembras-te? – Brian fica pensativo, e Henrique prossegue sem pressa. – Ele considera-se um filho da Luz Eterna, e acredita que o vampirismo lhe tirou todas as oportunidades de ser o herói que o pai foi, e que ele venerava. Ele foi transformado naquilo que nasceu para matar. – faz uma pausa, Brian parece concentrado na história. – Tem vivido para construir um exército de pessoas como ele, e chama-lhes de “família”, quando na verdade não passam de marionetas nas mãos de um suposto salvador.

A escuridão intensa nos olhos de Brian, revela ligeiros brilhos dourados. A noite deixa brilhar as estrelas.

- Quando “recrutou” os últimos cinco trunfos, mal sabia que nunca iria conseguir fazê-los recusar a própria natureza. – continua Henrique. – Ele achava que faria de nós os seus melhores soldados. – Henrique percebe que não apenas Brian o está a ouvir, por isso eleva um pouco a voz. – Nós gostamos do que somos, não é verdade? – pausa novamente, recua e troca olhares com todos os companheiros que conheceu graças a Joseph. – Ele quer honrar a Luz Eterna. – afirma. – E nós queremos que ele vá para o inferno! – a sua convicção é forte.

Um momento curto de silêncio surge, e é quebrado por Brian.

- Henrique...! – os seus olhos completamente dourados. – Henrique! – repete Brian, a sorrir, visivelmente cansado, mas grato por ver alguém que reconhece.

Henrique retribui o sorriso. Ainda que nervoso.

«O primeiro já está!» parecem pensar os presentes. Olhares vivos, e suspiros de alívio enchem a antiga prisão. E um dos Guardas que trouxe Henrique até ali, começa a bater palmas, entusiasmado, parando quando se sente observado.

- Finalmente! – Isabel não se coíbe de comentar, satisfeita.

É então que uma outra voz feminina, rouca e cansada, mas ansiosa por vida, se expressa.

- Que ele queime no inferno...

Jasmine havia-se erguido com brutidão. Da frágil imagem que assumia, um rato velho e sujo, renasceu o lince dourado e feroz que ela realmente é. Sorri, quando Henrique se volta para ela.

Este, desconfiado com a rápida ascensão, acerca-se para se certificar de que ela é mesmo ela, e não apenas uma versão mesquinha a enganá-los. Faz-lhe uma questão simples, que aparentemente acredita que ela responderá correctamente se estiver em si, se o conhecer suficientemente.

- Quantos irmãos tenho eu? – questiona, matreiro, vagaroso.

Jasmine percebe imediatamente que é alvo de um teste momentâneo, e não desleixando um belo sorriso com a sua aparência pobre e cansada, responde:

- Nós vamos trazer o Afonso de volta!

...

- Mas que dia!

Joseph dá um salto espontâneo na sua cadeira, no secreto laboratório da mansão. Mexia em vários frascos com rótulos distintos e experimentava misturar os líquidos. Os rótulos não permitem a qualquer pessoa saber de que se trata o conteúdo, pois parecem ter apenas as iniciais de uma frase, ou expressão. O conteúdo é semelhante apenas pelo tom da cor, vermelho sangue, ainda que uns mais vivos e outros mais escuros. Voltando ao salto espontâneo de Joseph na sua cadeira...

- Não devias estar um pouquinho mais preocupado com fenómeno que ocorreu lá fora, e cuja causa e dimensão ainda não sabes explicar?!...

Agora, Joseph reconhece aquela voz que considera insuportável. E apercebe-se também de que estando ele sozinho no laboratório, e estando o dono da voz dominado, não possibilidade aparente de aquilo estar a acontecer. Indeciso entre encarar a companhia e a realidade, Joseph detém-se pensativo.

- Para que serve essa Cura, que tens aí?! Cura alguma coisa? – a voz leu o título de um dos frascos, o maior deles, e o único cujas iniciais se unem numa palavra, CURA.

Enervado, mas ainda assim majestoso nos movimentos, Joseph volta-se ao encontro do visitante. A cadeira gira 360º com o movimento, e parece flutuar.

- Al-phon-zo! – pronuncia, com os olhos arregalados de raiva. – O que fazes aqui? – eleva a voz com violência.

Rápido, feroz, levanta-se para agredir Afonso, que está de pé mesmo à sua frente, e parece divertido e glorioso. Mas...

- Como podes ver,... - começa Afonso, depois de Joseph atravessar através de si com violência. - ... não estou exactamente aqui!

Novamente de costas para o visitante inesperado, Joseph acalma a respiração raivosa e torna a encará-lo, na esperança de já não o ver. Mas lá está ele, Afonso, inteiro, fantasmagórico, agora sentando-se na cadeira onde antes viu o vampiro.

- Serei fruto da tua imaginação? – questiona, com o seu melhor sarcasmo, algo que aprendeu com “irmão”. – Ou serei uma ilusão criada por mim mesmo, para te atormentar?! – Afonso sorri, e mal pode esperar para voltar para casa.

Joseph parece um louco, quando grita: - O que é isto?! Uma brincadeira?! Como é que...

- Isto é a retaliação! Chegou a tua hora, amigo... - anuncia Afonso, noticiando como um jornalista de televisão, elegantemente sentado na cadeira de escritório, e piscando ligeiramente para ver os rótulos dos tubos de ensaio e dos frascos.

Ouve-se bater a porta. E logo de seguida, esta abre-se e uma cabeça curiosa e preocupada surge entre a porta e a parede.

- Está tudo bem, Joseph? – pergunta Lucius, honestamente na incógnita. – Estavas aos gritos,...

- Como é que este estupor entrou aqui?! – exige Joseph saber, apontando para Afonso sentado à sua frente, a sorrir.

- Quem?!

As gargalhadas de Afonso ecoam apenas nos ouvidos de Joseph Morgan. Pois Lucius não vê mais do que uma cadeira vazia.

Joseph sente-se realmente louco e encurralado, e detesta isso.

- Cometeste muitos erros, Joseph! – parece Afonso justificar. – Quando um suposto Líder comete muitos erros, acaba por perder aliados!

Continua...

Episódio 82 – “Ninguém paga dívidas eternas!”

Continuação...

...

- Mãe!

Enquanto Luna atravessa os extensos corredores de pedra da antiga prisão, ouve-se repetidas vezes a sua voz com ânimo apressado.

- O que se passa? – imediatamente alerta, Isabel sai de onde estava, até que se depara com um sorriso emergindo no rosto da filha. – Então? – insiste, já contagiada.

- Preparem-se! – revela, em êxtase, inquieta. – Agora é que vai ser!

- Vai ser quê? – Verónica aproxima-se adivinhando a reviravolta.

Luna dirige um olhar a Jasmine, depois a Brian, e sorri a Henrique, que imediatamente se sente parabenizado por conseguir devolver bom senso às criaturas. Só depois, anuncia

- Enquanto estive lá fora recebi uma mensagem... - começa.

- De quem? – intervém a ansiedade de Isabel.

- Tenho quase a certeza que era do pai! – afirma Luna com um sorriso esperançoso.
– Eu sinto. – garante. - Neste momento, todos os que são como eu...- pausa. - Como nós, - corrige . estão do nosso lado. Não acredito que farão mal ao Joseph, mas não nos deterão a nós, e garantem-nos a protecção e a informação de que precisamos! Esta oportunidade é única. É agora ou nunca.

Finalmente, as gargalhadas sarcásticas de Henrique e a sua expressão rebelde voltam a pairar por aquelas bandas. Por instinto, Francisca abraça-o. Depois, recordando o perigo afasta-se.

Os guardas aproximam-se de Henrique, e este, de olhos fechadas, recuando, luta sozinho contra si mesmo. As veias salientes no rosto tornam a aparecer por instantes, mas com a imagem de que quase já matou Francisca uma vez, e do estado de Beatriz por ter sido apenas mordida, ele recompõe-se.

Abre os olhos, castanhos e rebeldes. À sua frente, a poucos centímetros, os guardas estavam já armados contra as consequências.

- Está tudo bem. – garante o jovem. – Vamos lá arranjar um plano para ir ao encontro do Afonso e acabar com aquele louco! – anima, e perante o silêncio decide...
– Talvez seja melhor eu ficar por aqui, num destes quartos... adoráveis. - ironiza, dirigindo-se sozinho para uma cela vazia.

- Henrique, não é preciso... - intervém Francisca.

- É melhor assim. – garante ele, e os Guardas concordam e fecham a cela.

- Precisamos de agir imediatamente! Nos próximos dois dias! – Luna corta o momento.

- Dois dias? – a voz de Isabel estremece e grita.

- De preferência já amanhã!

Um telemóvel vibra no bolso de um dos presentes. Apenas o envolvido se interessa pela mensagem, enquanto os restantes dividem-se entre recuperar os “novos vampiros” e dar sugestões para avançar em busca do inimigo.

O dispositivo que tocou pertence a um dos Guardas, que chama entretanto a única pessoa a quem prometeu notícias.

- Henrique?!

Calado e pensativo, o *novo vampiro* foca a atenção no vampiro.

- Foi arriscado o que tu fizeste... - começa, com *suspense*. - Mas também foi acertado!

- O quê? – de olhos muito abertos Henrique mal pode esperar para ouvir o que há para lhe ser dito.

- A Beatriz está a recuperar! – anuncia o Guarda para todos ouvirem. – A Cristina informou-me que embora ainda esteja inanimada, o corpo começou a reagir, os sinais vitais estão a normalizar-se e as marcas no corpo a desaparecer.

- A sério? Mas o que aconteceu? – questiona Francisca, entre a surpresa e a felicidade. – O que fizeste Henrique? – curiosa.

- Uma loucura! – responde o outro Guarda cheio de razão e sermão, intervindo antes.

- Ótimo, só boas notícias! Vamos ao trabalho antes que a sorte mude de direcção? – incentiva Verónica.

...

- Joseph, pára com isso, por favor! Eu não vejo ninguém! – persiste Lucius, após tantos insultos do seu líder e amigo, que parece enlouquecer.

Faz muito tempo que Afonso não se ria assim. E está a saber-lhe muito bem. É que rir de alegria é muito bom, rir de uma piada é agradável, mas rir de satisfação, de pura diversão maléfica, não há nada que se lhe compare. Rir de alguém que merece a lição que está a ter, não há nada melhor!

- Quantas vezes mais, será preciso dizer que para além de ti, ninguém me vê?! – intervém Afonso pela décima vez. – Eu estou no controlo da situação! – volta a gargalhar. – E para ele, tu serás um louco se continuas assim!

- Isto é um truque! – afirma Joseph, num grito grave. – Como conseguiste? Estão dezenas de aberrações a controlar-te e a servir-se de ti às minhas ordens! – pragueja.

- Joseph, talvez seja melhor...

- Cala-te, Lucius! Desaparece daqui! – ordena Joseph.

Lucius saía lento e pensativo, incrédulo, quando Joseph voltou a dirigir-se-lhe.

- Espera! Faz-te útil, vai até ao circulo, onde está o Afonso e vê se há alguma coisa de anormal, aliás! Verifica o perímetro todo! E aconteça o que acontecer saímos logo de seguida!

Lucius aceita a ordem e sai. Com uma pulga chata atrás da orelha pede a alguns vampiros que o acompanhem e conta-lhes tudo o que viu.

No laboratório, Joseph tranca a porta, ao mesmo tempo que Afonso se ergue da cadeira, como um pai ofendido.

- Então achas que eles são aberrações? – questiona.

- Aberrações que eu salvei e que me servem porque estão em dívida! – completa, impiedoso. – Como vieste aqui parar?

Afonso ignora a pergunta e diverte-se um pouco mais a atormentá-lo.

- Ninguém paga dívidas eternas! – afirma. – Sabes disso, não sabes? – olhos nos olhos, faz Joseph sentir-se impotente. – Ninguém! – repete.

E desaparece.

Joseph explode de ódio e bate com tanta força na porta de ferro que lhe faz uma moça com a forma do seu punho. Sangrava quando puxou a maçaneta e abriu a porta para sair.

Ele iria resolver aquilo. Cortar o mal pela raiz.

Devia ter matado Afonso no primeiro dia!

Continua...

Episódio 83 – “O exército de Isabel”

Continuação...

Os planos vão nascendo consoante aquilo que Luna soube através da mensagem que acredita ter recebido do pai, Afonso. Não há nada que ela queira deixar de parte, tudo o que puder irá partilhar, só assim poderão realmente unir-se. Só se todos conhecerem a mesma realidade, irão lutar para a mesma finalidade.

Mais Antigo voltou a confirmar Isabel e Luna como cabecilhas do plano. Não há ninguém mais adequado, e embora a ferida da falta de um certa ex-líder esteja aberta, não há dúvida que, tanto Isabel como Luna, são merecedoras de confiança.

Para a discussão em consílio decidiram ocupar um dos salões do *Rouge Hotel*, de Francisca. O salão é espaçoso, discreto por ser raramente usado. Era ali que o anterior dono do Hotel realizava festas de arromba que normalmente geravam confusão, de tal forma que foi obrigado a vender o edifício.

Apenas Verónica e alguns Guardas da escolta de Mais Antigo permanecem na antiga prisão, onde estão Henrique e a sua esforçada lucidez, assim como Jasmine, Pilar, Martha, Victorious e Brian. Também Francisca e todos os que foram propositadamente dados como mortos. Para lá irá também Beatriz assim que possível.

Mas é no Hotel, que se fazem planos. - Como eu estava a dizer... - insiste Luna, empolgada e liderando a conversa no momento. - ... o meu pai fez aliados, e acontece que supostamente são eles quem protege o lugar onde Joseph se esconde com um número incógnito de *vampiros geneticamente alterados*. Eu sei que a determinado momento a casa ficará desprotegida, visível e vulnerável. E eu sinto que posso conduzir-nos até lá.

- Visível? – intervém Pedro, curioso.

- Eu consigo sentir o lugar, é mais perto do que julgávamos, mas estava escondido até agora, as energias contidas, como se não existisse mesmo.

- Milhares de anos e ainda me surpreendo. – comenta Mais Antigo, libertando a tensão de ser o mais poderoso, respeitado e temido ali e em todo o lado, às vezes gostava de não o ser.

- E a ideia é nós irmos em direcção à boca do lobo... É?! - alguém comenta, ainda duvidando.

- Não! – apressa Luna. - O Joseph vai perceber brevemente que está desprotegido, que perdeu o poder que lhe era emprestado. Sentir-se-á traído. – explica. - A primeira coisa que fará é vir em direcção a Sintra, à procura do meu pai.

- Que não vai estar por cá ainda... – murmura Isabel. – E nós vamos confrontá-los longe da zona de conforto deles e longe da nossa, como é óbvio. – anuncia, confiante, ansiosa.

...

Na cripta, a situação agora estável da ex-líder não é sinónimo de descanso para Cristina.

O braço arroxeadado que Beatriz exibia, começou a clarear quando o fluxo de sangue renovado recomeçou a escorregar-lhe pelas veias, bombeado por um coração mais forte que há instantes atrás. A loucura de Henrique acabou por substituir o trabalho da máquina que Cristina havia requerido. E ainda é uma incógnita tanto para Cristina como para James e Vasco, que decidiu permanecer, saber como Henrique transfigurado conseguiu sugar todo o sangue envenenado, e nem mais uma gota, assim como não ter libertado o seu próprio veneno, que certamente o possui.

No momento, Cristina alimenta a vampira através da intravenosa. E quase instantaneamente ouve-se o coração acelerar e estabelecer-se no ritmo normal, ao passo que a pele torna ao seu tom mármore, onde estava roxa. No entanto, o antebraço não se livra ainda da marca de dentes em sangue vivo, obra do *novo vampiro* que atacou.

Cristina, a médica, pondera sobre a quantidade de sangue humano gasto por vampiros nos últimos tempos. Assaltar hospitais, em destaque, o banco de sangue, deve ser das piores acções a cometer, e deveria pesar-lhe a consciência. Mas Cristina é vampira, e não lhe pesa mais nada a não ser o lembrete para novas ideias de propaganda a favor de mais doadores de sangue.

Enquanto Cristina se mantém pensativa, James repara no ligeiro tremelicar das pestanas de Beatriz. Logo de seguida ela move o rosto lentamente em direcção à esquerda, onde sente observarem-na.

E surpreende. – Ficam a saber... - a voz é ainda um sussurro forçado. - ... prefiro O-Negativo. – mas ainda expressa humor no leito do sofrimento.

- Todos nós preferimos. – responde imediatamente James, sem dó.

E Cristina despacha-se. – Então, como te sentes? Achas que vais estar preparada para o que aí vem? Ou preferes primeiro tomar conhecimento do que aconteceu enquanto estiveste aqui?

Os grandes olhos verdes de Beatriz, abrem com curiosidade e surpresa inquisidoras.

- O que já aconteceu, primeiro...

- Vamos contar-te tudo, mas primeiro é bom que a Cristina se certifique de que vais poder estar lá quando a derradeira disputa acontecer! – intervém Vasco, numa alegria contida.

...

Joseph saiu disparado da mansão, directo ao mesmo local onde havia mandado Lucius.

Quando chega, armado de um punhal com a inscrição de um jaguar, não vê mais do que alguns dos seus vampiros de olhos esbugalhados de uma horrível surpresa, e expressões estúpidas de incompreensão.

A verdade, é que precisamente onde deveria estar *Alphonzo Stuart* e logo ao lado os *Naturales*, encontra-se apenas um monte de cinza prateada.

...

A reunião necessária antes do ataque secretamente programado continua a decorrer no Rouge Hotel. No entanto, é interrompida por um estranho afluxo exagerado de vampiros desconhecidos. São dezenas a entrar de mochila às costas, exibindo uma postura defensiva, e olhares heroicamente vingativos. Estranhamente, ou talvez obviamente pela naturalidade com que chegam em grupo, parecem vir pela mesma razão.

Vânia, na ausência de Francisca, é a primeira a intervir.

- Podemos ajudar? – questiona, sinceramente afável.

- Quem veio para ajudar fomos nós! – responde imediatamente uma jovem, tomando o comando da conversa, mulata, olhos intensamente verdes e corpo altivo, a sua postura é quase masculina, mas isso ainda a torna incrivelmente feminina, de seu nome, *Solange*. – As notícias não têm sido agradáveis, e eu decidi vir até Portugal prestar o meu apoio. Pelo caminho, encontrei e reencontrei vampiros com o mesmo sentimento e disponibilidade. Lamentamos as mortes, mas viemos principalmente defender os que ainda vivem! – termina o discurso, e vê na expressão de Vânia que a ajuda é aceite imediatamente.

- Isabel! – a vampira chama com a voz trémula de êxtase.

Isabel irrompe a porta com uma pressa violenta.

- Que dizes de uma espécie de exército às tuas ordens? – pergunta Vânia imediatamente, observando o sorriso da mulata em resposta.

- Eu já esperava isto... - assume Luna. – Mas não quis estragar o momento.

Continua...

Episódio 84 – “Uma Rosa e um Exército”

Continuação...

- Mas o que vem a ser isto? – um gesto violento faz atirar o punhal que trazia, e que se enterra no solo.

- Os outros também desapareceram... - adianta Lucius, numa voz sumida.

Joseph inspira e expira violentamente. A inevitabilidade das coisas deixa-o louco. A raiva que em si aspira poderia transformá-lo numa figura grotesca, se tamanha metamorfose fosse possível.

- Deve ter sido o estupor do *Alphonzo* que os virou contra nós! – conclui depressa. – Eu devia tê-lo reduzido a pó na primeira oportunidade. Mas eles não podem ter ido longe, ... - afirma, num grunhido sussurrado. – Prepararem-se! Vamos partir agora! – anuncia, despertando as criaturas. – Aquele que de vós se sentir menos preparado, ficará para vigiar os vermes traidores. Alguém?

Apenas um se chega à frente, mais tímido que os outros, um pouco menos extasiado e sedento que os restantes.

- O primeiro alvo a abater é o *Alphonzo*! E os restantes.... Só vos peço que os façam arrepender-se! Todos!

Num êxtase frenético, o grupo transforma-se num batalhão que apoia o líder, gritando uma espécie de hino desordenado, um “HURRA” histérico.

...

Não vendo necessidade de cumprimentos e apresentações demoradas, Isabel apressa-se a agradecer a vinda de todos e reforça esse seu honesto agradecimento com um olhar transparente e um ligeiro sorriso gerado pela nova esperança.

- Obrigado por estarem aqui... Venham comigo! – sem demora, convida os seus novos aliados para a reunião interrompida.

Já no nobre salão, a mulher de Afonso desembaraça um breve resumo da situação, numa urgência que dispensa pormenores e protocolos.

- Estávamos agora mesmo reunidos em consílio. – explica aos recém-chegados. – O Mais Antigo está connosco. – informa, quando se apercebe da desnecessidade disso, pois já todos se curvavam perante o líder.

- Por favor, levantem-se. – pede Mais Antigo. – Não é o momento para perder tempo. – lembra. – Alguns de vocês eu conheço pessoalmente, os restantes apenas por que me foram apresentados aquando da transformação. De qualquer das formas quero ter a certeza que posso confiar em todos, tanto quanto nos que aqui estão. – introduz. – Gostaria de falar com cada um de vós. Depois então juntar-nos-emos como equipa e os planos já tratados serão partilhados com todos.

- Claro. – concorda *Solange*, apoiado com acenos positivos dos restantes. – A comunidade ainda não tem líder? – atreve-se a questionar.

- Já há um líder para ser nomeado depois de acabarmos com toda esta confusão. – responde o vampiro Supremo.

Isabel intervém, curiosa sobre o tamanho da sua sorte.

- Está para chegar mais alguém?

- Não. – garante *Solange*. - Se alguém aparecer, ou mudou de ideias, ou não é de confiança. – conclui.

...

- O número de soldados duplicou. Interrogo-me se isso é bom ou mau sinal... - comenta Vânia com os presentes, enquanto Mais Antigo conversa com os novos soldados.

- Porquê? É claro que é bom sinal. É ótimo! – diz Isabel, que não o pode imaginar de outra forma.

- Não podemos deixar de parte as hipóteses que temos. Quantos mais para lutar, mais para correr o risco? Sejamos realistas... - por momentos a jovem vampira parece deixar de lado toda a adrenalina que habitualmente a move.

- Eles vieram por vontade própria, têm uma razão, uma convicção, isso é louvável e inquestionável. – conclui Isabel, sem qualquer vontade de questionar a sorte que lhe coube. – Onde é que a Francisca costuma registar os nomes de quem chega?

- Caderno vermelho com letra dourada, no balcão. Eu vou contigo.

Na recepção, Isabel encontra imediatamente o pesado livro. Tira-o da estante abaixo do balcão e com ele cai uma rosa branca que a jovem agarrada antes que caia.

- De onde é que isso veio? – pergunta Vânia, incrédula.

Isabel sorri ligeiramente. É óbvio. Afonso está perto o suficiente para dizer que a ama, e longe o bastante para a proteger. Todos sabem que os Naturales não irão dirigir-se a Sintra, pois será o primeiro lugar onde Joseph procurará por Afonso. Desorientá-lo, é ter uma Sintra sem Afonso. Ao mesmo tempo que aquela rosa branca aquece o coração de Isabel com o amor verdadeiro do seu Afonso, os espinhos revelam-se com um aperto inevitável. O que acontecerá no dia seguinte vai mudar muita coisa, ou nada...

...

Para mesma noite, é logo marcada a próxima reunião, aquela em todos conhecerão o plano e marcharão em direcção ao futuro, pelo futuro. Decidiram fazê-lo na antiga prisão, pois Mais Antigo quer logo mostrar aos novos aliados que alguns vampiros na verdade não morreram, em vez de lhes dizer. Há também uma pequena aparição que apenas ele sabe que irá acontecer. Foi o primeiro contactado e decidiu não fazer alarido. Uma surpresa, porque ninguém a esperava bem tão cedo e porque é capaz de incentivar batalhões a investir o dobro do esforço.

Quando a hora chega alguns vampiros emocionam-se assim que avistam os amigos que julgavam mortos. Há abraços inquebráveis. E também a desilusão de ver os *novos-vampiros* na situação em que foram colocados. Depois da emoção, há a questão.

- Se eles estão vivos, porque nos engan...

- Foi uma manobra de distração para que o inimigo pense que estamos cada vez mais fracos, quando na verdade, acontece que estamos mais fortes. – Isabel não admite que questionem a ideia das mortes forjadas.

Francisca reencontra uma amiga de longa data, que conhece desde sempre, pois foram transformadas no mesmo convento, aquando do mesmo ataque.

Vasco aparece triunfante ao lado de James, descendo o corredor frio da prisão apenas iluminado pela gloriosa luz de tochas e velas. A noite lá fora está estrelada.

Mais Antigo antevê a aparição surpresa. E a Luna também nunca escapa nada.

- Ontem às portas da morte, hoje a mesma de sempre... - Vasco quase ri, recordando os velhos tempos.

- O que queres dizer com isso? – resmunga uma voz conhecida ainda no corredor, chegando a passos lentos. – Esperava muito mais da introdução que me prometeste... - diz, chegando à vista de todos, apoiada pela preocupação insistente de Cristina.

- Beatriz! – imparável no que toca aos “filhos”, Francisca abraça a vampira e ajuda-a a acelerar o passo.

Fechado na sua cela, por vontade própria, Henrique sorri abertamente e encontra-se numa discussão eterna entre livrar-se das grades de prata para abraçar Beatriz, ou engolir a noz que lhe surgiu na garganta e perceber que se o fizesse poderia ser o responsável por colocá-la novamente na mesma situação.

Continua...

Episódio 85 – “Pela Vida ”

Continuação...

- É tempo de começarmos! – anuncia Mais Antigo. – Mas antes de compartilharmos informações, eu gostaria de vos dizer umas coisas... - prepara, com o poder na voz. – Em breve, e mais uma vez, - ressalta. -...estaremos a lutar pelas nossas vidas, e por tudo aquilo em que acreditamos! Assumo que, por estarmos novamente nesta situação, chego a pensar que talvez não tenhamos sido bem claros até hoje! – silêncio, observando os que o ouvem. - Lutar contra os nossos inimigos e mostrar-lhes que estamos unidos é, e não é, o que melhor sabemos fazer. – pensativo. – Por estarmos sempre nesta posição, parece até que já nos habituámos à luta, mas a verdade é que não há meio de chegar o dia em que finalmente não tenhamos de enfrentar outra ameaça. – pausa, esperando que os ouvintes reflectam. - Eu tenho... - sorri. – Na verdade já perdi a conta à idade que tenho... - todos riem com ele. – Mas garanto-vos que me lembro de cada ameaça que enfrentámos, e não houve uma única era em que alguém viesse colocar em causa a nossa existência. Lembro-me dos Lobos, das Bruxas, dos Caçadores mais bem treinados e resistentes, até mesmo de uma jovem como tu Luna, que conheci há uns séculos, já te contei.... – ela confirma, acenando. – Infelizmente todos eles estão praticamente extintos, outros retornaram, mas ao fim de milénios, somos os únicos que permanecemos de pé. – os rostos enchem-se de memórias e emoção. – É verdade que todos nós já perdemos grandes amigos para a guerra, mas ainda estamos em número e força superior aos que nos desafiam! – insiste. - E podem ter a certeza absoluta de que se amanhã formos melhores e mais fortes que da última vez... - pausa. Então amanhã, continuaremos aqui!

– Vamos à luta! – Solange apoia, com a energia de uma guerreira.

- Mal posso esperar! – comenta Vânia.

Naquela velha prisão escura e húmida onde outrora jaziam e reclamavam os vampiros mais perigosos, criminosos assumidos, hoje ecoam pelas suas paredes de pedra clamores, não pela guerra, mas pela vida.

Entre toda a agitação e motivação, Victorious, Martha e Pilar parecem duvidar cada vez menos da sua verdadeira identidade. Tal como Jasmine, combatem a vontade de beber sangue, o que é um desafio com tantos vampiros a mover-se por ali. O facto de reencontrarem amigos que vieram por eles, ajuda. Brian puxa conversa com Henrique, procurando distrair-se.

No entanto é estendido um mapa de Portugal e Espanha no chão frio. Luna acerca-se.

- Eles vêm a caminho, consigo senti-los ... – sussurra.

Isabel, junto da filha, acaricia-lhe o cabelo.

- Luna, ... - Mais Antigo aproxima-se. – Tens a certeza que consegues saber onde eles estão, e saber onde pará-los?

- Sim. Sim. – convicta, olhando o mapa. – E também sei qual é o principal ponto fraco deles!

- Conta-nos! – insiste Verónica.

- O Joseph construiu uma ligação com todos eles, o que ele desejar, é o que eles concretizam,... - pausa, e evita olhar a mãe nos olhos. – O primeiro alvo deles é o meu pai! Eles ainda não magoaram ninguém, nem o farão, até que comecem pelo meu pai!

Isabel solta um suspiro impaciente.

- Acontece que o meu pai tem um plano, com o grupo de Naturales, – corta, para explicar aos que não sabem do que se trata. – Ou seja, os Naturales são pessoas como eu que estavam com o Joseph, até que conheceram o meu pai. – prepara-se para continuar. – O plano é estarem presentes connosco na hora do confronto, mas de uma forma diferente....

Luna explica com todo o pormenor que lhe é possível explicar. Dúvidas surgiram, como é natural em qualquer situação de risco. A hora passou, e à ruiva, seguiu-se Cristina, que expôs o pouco que descobriu sobre os *novos vampiros* através das análises que fez a Henrique. Conhecendo-lhes potenciais fraquezas, Verónica avançou com as suas ideias de armadilhas e armas. Por fim, Isabel deu as suas palavras.

- Eu não posso acrescentar muito mais àquilo que já foi dito... - começa, numa timidez nascida da ansiedade. – Aconteça o que acontecer, eu estarei mesmo ao vosso lado, assumindo a frente de batalha. – garante. - Eu vou lutar pela minha família. Que é tudo o que eu tenho. – expõe, sentindo a mão da filha na sua, e um braço de Francisca nas suas costas. – E só posso desejar que cada um de vocês tenha algo assim tão precioso porque lutar! – pausa. – Porque se realmente tiverem essa razão de viver a motivar-vos, eu garanto seremos imparáveis! – sorri, respondendo aos sorrisos restantes e atreve-se trocar um olhar com Beatriz, que sabe ser a mais semelhante a si naquele momento. – Pensem nas melhores coisas que já

viveram, e sonhem em vivê-las de novo. Porque amanhã ainda aqui estaremos! – termina, mais confiante. – Se estiverem comigo, eu estou convosco! Para sempre!

...

Beatriz sente que deve deixar as suas palavras de motivação para o momento da verdade. Sorrateira, esquiva-se da emoção e dos gritos de motivação do grupo. Não lhe apetece nada gritar com eles, quando nem sequer sabe se no dia seguinte estará em plena forma para fazer algo de jeito no campo.

- Não te aproximes! – Henrique estava-se sentado, e levanta-se para se afastar das grades da cela, quando a vê dirigir-se-lhe.

- Calma... - ela pede, caminhando pacientemente. – Depois de me teres salvo, não acredito que sequer ousasses... - não precisa terminar, ele já desviou o olhar para o chão.

- Sabes que foi um acto imprevisível e irresponsável, não sabes? – Henrique questiona, arriscando no sarcasmo.

- Como a maioria dos actos da tua vida, sim! Isso já nem é problema! – ela conclui, vencendo na ironia, sentando-se cautelosamente perto da grade de prata que os separa.

Os dois riem. Ele mantém-se afastado. Brian solta uma gargalhada ligeira que os deixa surpreendidos.

- Desculpem...

O *novo vampiro* estava apenas a pensar no que faria se estivesse no lugar do amigo. E seja o que for que tenha pensado, a ex-líder ouviu e responde, surpreendendo-o.

- Eu também faria o mesmo no lugar dele....

Brian despega a postura descontraída e afasta-se inconscientemente, com um olhar confuso.

...

A serra de Sintra está repleta de vida como é habitual. A luminosidade que atravessa as folhas verdes e frescas, dá um tom dourado à floresta. Ouvem-se passáros, a brisa ligeira que faz estremecer os ramos, e os movimentos sorrateiros dos animais que vivem por ali, reflectem-se através do movimento de arbustos e estalar de folhas secas.

- Alphonzo... - uma voz masculina cheia de vida e poder sussurra sem atormentar a natureza da serra, é Augustus. –

- Confia em mim, Augustus... - sussurra a voz de Afonso. – Ela pode ser jovem e louca, mas é fantástica, feita de amor, esperança e aventura. – descreve a filha. – Ela consegue unir as pessoas. Nós vamos conseguir!

A Serra permanece alheia às vozes, ou as vozes é que se misturam harmoniosamente com a vida que nela há.

- Aurora, escolhe alguém para ir contigo, o Joseph deixou apenas uma pessoa na mansão, e está na hora de libertar o André, o Sandro e o Akira. E não te esqueças.... Do resto!

- Sim...

Continua....

Episódio 86 – “Encontro com Fantasmas”

Continuação...

Coisas estranhas acontecem todos os dias, tão perto ou tão longe, sem ninguém dar por elas. Assim como nasce e morre gente todos os dias. Assim como uns vivem descansadamente e outros desgraçadamente todos os dias, em toda a parte do mundo.

Os bons apontam os maus, e os maus verão sempre os bons como maus também. É talvez apenas uma questão de perspectiva. E no fim de contas, todos acabamos por ser o mesmo. Bons e maus. Se somos mais de um lado e menos de outro, dependerá da forma como usamos os nossos dois lados. Mas seremos sempre, bons e maus, num só.

Como ia dizendo, coisas estranhas acontecem todos os dias, em qualquer lugar. E nesta história não será diferente.

A fronteira portuguesa no Alentejo está calma, como seria de esperar. É noite, e a vizinhança mais próxima fica para lá do horizonte, após a sombra longínqua dos carvalhos. Do outro lado, pouco muda, a não ser o país. O céu está limpo, as estrelas brilham e a maior de todas está bem lá no alto, iluminando a noite feita de brisa. Sussurros de animais selvagens ouvem-se, assim como os seus passos apressados em direcção às suas tocas ou ninhos. Eles sentem o predador. Os predadores.

E há vampiros por toda a parte.

Isabel é a cabecilha do batalhão que veio desde Sintra até ali. Mas o batalhão não se faz notar. As aparências transparecem um grupo pequeno, que nem uma comunidade inteira faria. O número aparentemente reduzido torna-os indefesos. E sabem disso, e também não o fazem parecer. Querem mostrar a segurança que à primeira vista não têm. E mal podem esperar para usar toda a sua energia ao comando de Isabel.

Mesmo atrás da nascida Jaguar, está Luna, fitando a luz intensa do astro da noite. Seguem-se Mais Antigo e Vasco. Da família Azevedo, apenas Vânia e Pedro. Restando Verónica, Cristina, Octávio, James, e a restante comunidade residente em Sintra. Não sendo assim tantos, trazem alguns dos forasteiros que chegaram há dias, dispostos a lutar ao lado de Isabel, entre eles Solange. E pela primeira vez em muito tempo, os vampiros seguram armas.

Vânia está impaciente. Olhar para ela antes de um confronto, é o mesmo que olhar para Henrique, o seu criador.

- Acalma-te. Está quase. – murmura Luna, sem tirar os olhos do céu.

No mesmo instante, Isabel passa os olhos pelo horizonte circundante. E não leva muito tempo até que surjam as sombras hostis dos *novos vampiros*.

Antes mesmo de o conseguir ver, Isabel ouve as suas gargalhadas demoradas, algo alienadas. Joseph é ainda uma sombra. Mas de um momento para o outro deixa de o ser.

Está transformado, tal como os outros. E a primeira imagem que vem à cabeça de Isabel é a recordação de já ter visto Henrique como ele. Será que aquilo tem solução? A jovem esforça um sorriso provocador, enfrentando a presença de Joseph a menos de dois metros de si.

- Coitadinhos! – ri o vampiro, e o seu sotaque diabólico apenas piorou. – Vocês parecem... como é que digo... - e gargalhada a pensar. – Minhocas num anzol!

Os *novos vampiros* que o seguem, tão assustadores em aspecto quanto ele, com as presas salientes e as veias roxas a saltar-lhes para fora do pescoço e rosto, parecem autómatos. Exactamente como Luna garantiu, autómatos que seguem as vontades de quem os criou, completamente alheios a tudo o que não seja vontade de Joseph. E a primeira vontade dele foi ordenar que Afonso morresse primeiro que todos os outros.

Isabel observa-os pelo canto do olho, sem ceder perante Joseph, e depressa percebe que eles procuram Afonso, e só a ele atacam, até que Joseph dê outra ordem. E então faz por esquecer o medo, e transforma-se naquilo que nasceu para ser. A pequena Jaguar que em tempos quase surgiu em si, dá um ar da sua graça finalmente.

- Sabes o que acontece se morderes a minhoca, não sabes? – e sorri, lançando-lhe um olhar que é tudo menos inocente e medroso.

Isabel trouxe à sua memória os últimos momentos em que esteve com o pai, e tenta imitá-lo. Conseguindo.

O vampiro não esconde uma certa surpresa na mudança repentina de atitude. Atitude, essa que lhe sente a correr nas veias.

- Os teus antepassados também eram fãs de uma boa provocação. – afirma, sedento. – É uma pena que o sangue deles corra nas veias de uma ingrata! Foste um desperdício.

A amada de Afonso aproxima-se, reinando o momento.

- Queres mesmo falar de desperdício? – questiona, olhando-o nos olhos, procurando algo.

E Luna está mesmo atrás dela, prontíssima.

- O que dizer de ti mesmo? – atira, como uma cuspidela.

E Joseph não gosta.

Em menos de nada a sua mão forte atira-se ao pescoço de Isabel.

- Não há tempo a perder... - murmura Luna, enquanto os seus olhos absorvem a cor brilhante da Lua.

Um grunhido.

Joseph dá por si no chão. Embateu com tanta força que por momentos deixou de sentir as pernas. Quando abre os olhos, qual espanto.

- Até parece que viste um fantasma...

Morgan reconhece-a. É Beatriz. Que parece ter caído do céu para o deitar ao chão e lhe espetar um punhal no estômago.

- Falhaste! – grunhe.

É Beatriz. Ou uma parte dela. Joseph não percebe a voz distorcida, até que vê nos olhos dela e na sua força impossível, duas pessoas. Como será possível?

- Eu não falhei! – ela, ou eles, levantam-se para darem espaço ao líder dos *novos vampiros*. Luna e Isabel surgem de ambos os lados. – Ainda não é momento.

- Saudades minhas? – e atrás de Joseph, surge Henrique, tal e qual como ele, mas contra ele.

Por entre os quatro, Joseph vê o batalhão de Isabel duplicar, triplicar. Vampiros que nunca viu na vida odeiam-no, Martha e Pilar estão com eles, assim como os fugitivos Brian, Jasmine e Victorious.

E os seus? O que se passa com os seus? Porque não contra-atacam imediatamente?

Luna sabe o que ele pensa.

- Agora!

E dá a ordem.

Continua...

Episódio 87 – “O castigo”

Continuação...

Não é preciso ordem para que os vampiros de Sintra e os que a eles se uniram contra Joseph e o seu exército de *novos vampiros* iniciam a luta. Aproveitam a ligeira vantagem de segundos que lhes foi dada de mão beijada, quando Joseph deu uma ordem que julgou ser aberta a perspectivas, não imaginando que seria respeitada ao extremo. E muito menos pensou que alguém a antecipasse.

- Esqueçam o Alphonzo! – ordena. Lutem! – grunhe, desapontado.

Como que acordando de uma espécie de transe em que se deixavam derrotar simplesmente porque foram ordenados a atacar Alphonzo primeiro, os *novos vampiros* contra-atacam finalmente, necessitando já de se libertarem da investida dos adversários.

Mas o que deixa Joseph realmente nervoso não é o confronto violento e injusto que está a acontecer, o confronto porque afinal há tanto tempo ansiava, mas sim os quatro que o rodeiam, - ou cinco, ainda está para se certificar – que formam uma espécie de círculo fechado, observando-o, testando-o, provocando-o, imóveis, sedentos de o ver cair e perder a guerra que ele mesmo começou e deu por vencida.

Henrique, Beatriz, Isabel e Luna. Talvez Alphonzo também. Eles não estão ali para o matar, disso Joseph tem a certeza. Todo aquele silêncio, toda aquela paciência existencial, mesmo ali junto ao caos, obriga Joseph a intervir.

E escolhe Beatriz para começar, porque no olhar dela viu duas pessoas. Ela mesma, e Alphonzo dando-lhe o poder que ela não tinha. Joseph não é louco, mas também não é céptico. Ele tem a certeza que Alphonzo está ali, como que um espírito a possuir aquela vampira, de uma forma pacífica, pouco assustadora. E pensando sobre isso conclui que precisamente dessa forma, fazendo com que Alphonzo não interviesse directamente na luta, conseguiram os tais segundos de vantagem em campo de batalha.

- Os meus homens podem até ser uns idiotas, mas eu não! Eu sei que estás aí! – afirma, aproximando-se convictamente de Beatriz, mas dirigindo-se a Afonso.

- Saudades? – responde Afonso, dando-lhe a prova que ele precisava.

Joseph força um sorriso. – De alguma forma soubeste que iríamos primeiro atrás de ti, e não perdeste tempo em arranjar uma forma covarde de lutar. – olha para Beatriz com desdém. – Ainda por cima, usas uma mulher como escudo! Covarde! – provoca.

- Achas que um homem com dois metros de altura e costas largas, seria melhor opção? – responde Beatriz, igualmente desdenhosa, e nota-se uma ligeira diferença na voz, e na expressão.

Os irmãos são distinguíveis. E ambos notam um certo receio por parte de Joseph, ao assistir à mudança.

- Covarde?! – intervém Afonso, e nota que Joseph fica então altamente desconfortável com a sensação de falar para duas pessoas que parecem estar no mesmo corpo. – Estou a proteger a minha família de ti, e vou ter sucesso. Por isso, antes um covarde, que um hipócrita.

O vampiro afasta-se inconscientemente daquela situação. Ao desviar o olhar, tenta perceber o que se passou fora daquele círculo construído à sua volta. E sem se dar conta, aproxima-se perigosamente de Isabel.

- Explica-me! – pede Isabel, quase cantarolando, numa postura enérgica. – Como é que consegues odiar a tua própria espécie desde o início, e ainda assim teres a paciência – e estupidez! - de viver séculos para criar uma versão ainda mais perigosa da mesma? Hum?! – insiste. – Seria tão mais fácil se assumisses o problema como unicamente teu, e o resolvesse! – insinua.

- Um sacrifício, por um bem maior! Apenas isso! – justifica, olhando-a de alto, acreditando realmente nas suas razões e no seu posto de salvador do mundo.

- Que bem maior? – ela goza.

- O fim dos vampiros. – diz ele, breve e falando claro.

- O fim? – interrompe Henrique, num gargalhar sarcástico. – Criando *novos vampiros*, pretendes o fim dos vampiros! – resume, saboreando o momento de troça. – Desculpa-me, a minha inteligência não dá para tanto...

Joseph ignora-o e torna a dar voltas a si mesmo. Lembra-se dos *Naturales* e de como adoraria saber onde estão agora. Abandonaram-no, como toda a gente na sua vida, aliás. Como lhe daria jeito que não o tivessem feito. Pensa na possibilidade de estarem com Afonso, “Mas onde e como?”, questiona-se.

- Estás preocupado? – interfere Luna. – Coitadinho... Deve ser difícil! – finge pena, e como finge bem. – Até as... “aberrações” te deixaram! – atira, agora sem dó algum. – É isso que pensas deles, não é? De nós?

Mas o *novo vampiro* não lhe dirige o olhar sequer, permanece em busca de entender o que se está a passar na verdadeira batalha. Os seus estão a lutar bem, a defender-se, consegue ver, e já morderam dois ou três vampiros, que não viverão muito mais, portanto. Mas repara também que os vampiros, os naturais, estão mais fortes do que seria normal, estão a dar resposta, perfeitamente à altura das suas criações. E então lembra-se de Beatriz, e de Afonso. E olha para o chão, pensativo.

- Não te preocupes, eles também estão a lutar! – esclarece Luna, ao mesmo tempo que os pensamentos de Joseph fluem. – Não a teu favor, mas...

- A lutar como cobardes! – segue-se Beatriz. – Ser covarde é uma estratégia de combate, hoje em dia, sabias. – conclui, numa indirecta ao mundo, e ri.

Joseph dá a volta.

- Chega! – grunhe de raiva, e atira-se ao pescoço de Beatriz, apertando-o, como se tentasse chegar até Afonso com isso.

A vampira apenas sorri, fitando o olhar feroz da criatura e libertando-se seguidamente sem esforço, num golpe firme, atirando-o contra o chão.

Nesse mesmo instante em que Joseph cai no chão, ouve-se um grito familiar. Francisca está em apuros e Luna afasta-se imediatamente do círculo para ir em seu socorro.

Não leva muito tempo até chegar junto da vampira, e num golpe de vontade afasta a criatura que a atacava para alguns metros dali, ouvindo o impacto de algumas partes do corpo da criatura partindo no chão. Nesse momento, Luna revelou o seu lado mau, ao orgulhar-se do som de ossos a estalar.

Mas é com assustadora rapidez que torna a ser amável.

- O que aconteceu? – pergunta.

- Nada. – responde Francisca com a voz a tremer de medo, e outra para além da sua. – Estamos bem.

Ambas estão de costas uma para a outra, protegendo-se e andando em círculos. Luna nem se apercebe, quando Francisca puxa a manga do seu casaco de malha escuro até à ponta dos dedos, e pensa para com o espírito *Naturale* que lhe dá forças, que não diga nada a ninguém.

- Como estão as coisas com Joseph? – questiona, nervosa.

- Como planeámos! – garante a ruiva. – Vai buscar o teu punhal, eu protejo-vos. – avança Luna.

E Francisca corre em busca de uma arma perdida na grama verde.

- O quê que querem de mim? – grunhe Joseph, levantando-se ainda do chão para fazer frente aos adversários. – Ainda não me mataram porquê? Vamos! É isso que querem, ou não?

- Tu sabes bem que não. – provoca Henrique, observando descontraidamente as estrelas.

- Pois sei. – assume. – Antes, vocês querem saber tudo, não é? Querem conhecer os meus planos... - fita-os, um a um. – Pena que eu não tenha nada a dizer.

- Nada mesmo? Que é tudo “por um bem maior” – refere Isabel, imitando-o na parte do “bem maior”. – Isso já se sabe! - garante. – Mas não chega! – avisa. – É bom que arranjes mais qualquer coisa...

Distraído a interpretar a provocação de Isabel, e recordando as alianças que fez com vários “Jaguar” antecessores dela, Joseph é empurrado brutalmente contra ela, por Henrique. Isabel, sábia do que está a acontecer, controlou os movimentos do corpo surpreendido de Joseph, e segura-o agora de frente para Henrique, exibindo um punhal encostado ao seu pescoço.

- Diz-me! – pede Henrique com bruta exigência. – Como exactamente pensas terminar tudo? – e olha-o nos olhos, como se fosse possível invadir-lhe a alma. – Quando já não houver vampiros, o que acontece aos que tu criaste? A ti, e a mim?

Isabel fere ligeiramente o pescoço de Joseph. Beatriz e Afonso observam, num misto expressivo de emoções, satisfação dela e apreensão dele.

- Então é isso! – lança um sorriso. – Vocês querem saber o que acontece quando já não houver vampiros para alimentar as minhas criações... - conclui, com prazer nisso. – *Idiots!* – profere, no seu inglês altivo. – O sangue humano irá saciar-nos por uma ou duas semanas, pouco mais. Com o tempo vamos enlouquecer, fraquejar, provavelmente matarmo-nos uns aos outros... - resume, prevendo a angústia nas almas de Henrique e da sua *famíliazita*. – Em suma, vamos morrer também! – termina, feliz.

A verdade, é que o horror passou mesmo pela cabeça de Henrique, e um medo terrível pela de Beatriz, tal que quase afastou o poder de Afonso, o *irmão* que protege e que a protege.

Com ódio, Isabel torna a ferida no pescoço de Joseph um pouco mais profunda, e sussurra-lhe algo ao ouvido.

- Queres saber porque não te matamos? – questiona. – Não há pior castigo para ti, que o de viver amarrado à natureza de vampiro. E para te ver viver, vamos até ao fim do mundo, meu querido... - goza, numa quase sedução, maléfica.

- Não vai ser preciso ir ao fim do mundo! – uma voz feminina, jovial, que apenas Afonso reconhece, surge. – E olha, Jo, pena que tenhas preparado todo esse discurso. E que o tenhas proferido com tamanho drama. – é Aurora, a única *Naturale* que se revela, pois não estava entre eles até agora. – Logo agora que encontrei o antídoto e sei como reverter o que fizeste!

Continua...

Episódio 88 – “Quem somos”

Continuação...

Por essa Joseph não esperava. Transparece-lhe nos olhos, sem que o queira, uma terrível surpresa, e uma sensação de sobressalto e perturbação é evidente. A expressão do seu rosto, trai completamente o acento da sua voz.

- Um absurdo! – afirma, num tom convicto. – Não há antídoto, nem coisa alguma que vos devolva a miserabilidade de ser o que eram.

Luna sorri ligeiramente, cedendo à vontade de lhe invadir o pensamento.

- Não é bem isso que estás a pensar. – intervém, altiva. – E deixa-me que te diga que os teus pensamentos são bastante barulhentos! – garante. – Quase consigo ver tudo, como se estivesse lá, nas tuas memórias... - termina, num tom misterioso, que o deixa impotente.

Ele rodopia à volta de si mesmo, a tropeçar, para conseguir encarar aqueles olhos de um azul impossível, e mostrar que não fica sem resposta.

Mas ela não o deixa falar.

- Recordas agora o dia em que festejaste sozinho o sucesso da composição. – descreve a ruiva. – O mesmo dia em que decidiste avançar com os restantes planos de salvação do mundo. – continua. – O mesmo, - insiste. - ...em que começaste a preparar-te para acolher as tuas últimas cobaias, e para te vingares do meu pai.

Numa escolha precipitada, *Morgan* incentiva-os então a tomar o antídoto.

- Força! – grita, numa falsa gargalhada. - Tomem essa porcaria! – incita. - Vão morrer todos! – garante, rodopiando para gesticular em direcção à multidão, e gargalhando de novo. – Foi para isso mesmo que eu o criei, - inventa. - ... para vos matar! Caso o meu plano falhasse, eu matava-vos a todos!

- Mentira! – contraria Luna, mais sábia do que ele gostaria.

E com alguma raiva em mente, o seu olhar azul do céu, transforma-se num buraco negro de poder incógnito, e invade violentamente a cabeça de Joseph.

A sensação é apavorante para o criador dos *novos vampiros*.

Joseph sente que Luna, sem dúvida uma criança com talentos acima de si própria, uma aberração da natureza, lhe rouba a privacidade e autenticidade dos seus pensamentos. E dói. Como dói! Tanto que as suas veias salientes parecem ameaçar explodir.

Luna diverte-se quando vê Joseph atirar-se de joelhos para o chão, numa dor insuportável. E não se inibe em expressar no rosto essa diversão.

- Que tal é a sensação, Joseph? Dói? – surge André, com ar cansado mas persistente, e atrás de si vêm Sandro e Akira, os três foram libertados por Aurora. – Se alguma vez tivesses tomado aquela maldita droga que nos destes... - e ajoelha-se a seu lado, puxando-lhe a cabeça para trás, pelos cabelos, para lhe falar ao ouvido. – ... e te fechasses naquela maldita cave, hoje saberias que isto nada é comparado com o que mereces. – e atira-o violenta-me.

Joseph sente dor. Uma dor quase tão intensa como aquela que sentiu no dia em que perdeu tudo. O dia em que perdeu o pai, e perdeu a única herança de valor que este lhe deixou, porque se tornou vampiro, sem sequer poder recusar a mudança. E essa dor só desapareceu, ou quase, após o juramento que fez a si próprio e à memória do seu pai, sobre o extermínio dos vampiros.

O desaparecimento dessa antiga dor dependia dele mesmo, mas a que sente actualmente, não obedece à sua vontade. E numa tentativa desesperada de arrancar a dor, e *novo vampiro* esmurraça a própria cabeça.

- Ajudem-me! – pede finalmente.

E as suas criações ouvem o seu pedido.

A luta que se desenrolava em torno deles, termina subitamente. Os vampiros, que dão ainda corpo ao poder dos *Naturales*, aproveitam a inesperada deixa para novas investidas, mas acabam empurrados, atirados brutalmente, e ignorados. Os *novos vampiros* não vêm mais nada para além daquilo que Joseph lhes pede, e por isso mesmo, avançando no campo de batalha, apressam-se a atacar e destruir o círculo fechado em torno do seu líder.

- Augustus – chama Aurora, num murmúrio a uma entidade superior. – Acho que chegou o momento certo... - e quase gagueja.

- Luna, pára. – pede a ternura de Afonso, mas é Beatriz quem segura a mão da bela ruiva.

Luna ainda estava concentrada na dor de Joseph, e não tinha intenções de parar.

Rapidamente, e como se a ocasião já tivesse sido planeada, os vampiros e os *Naturales* dão as mãos. Todos os que lutam ao lado do grupo de Sintra, todos os que lutam por paz, por amigos e por família.

A energia flui com as respirações sincronizadas.

A grande corrente está quase formada, e os *novos vampiros* investem alguma violência contra eles. E gradualmente a violência torna-se mais bruta e plena de raiva, precisamente porque aquela corrente permanece imóvel, paciente.

- Parem! – grita Joseph para os seus, não suportando mais tamanha brutalidade e estupidez.

Eles param, observando, com as suas veias salientes e caninos afiados tornando-os algo superiores naquela postura de quem apenas espera para ver o que acontece.

- Quem somos nós?

É a voz endeusada de Augustos, incitando cada individualidade daquele cordão de energia a pensar no que realmente os trouxe ali, porquê que lutam, para quê que querem viver...

Joseph tem a cabeça ainda a latejar, e dá-se ao luxo de perder tempo a pensar nisso.

Em parte incerta das redondezas, por instantes, alguém com uma grande insónia pensou ver o nascer do Sol através da janela do quarto. Uma jovem adolescente, que tentava há horas adormecer enquanto lia um dos livros da saga *Twilight*, deixou-se ficar a observar o fenómeno. Sabia que era demasiado cedo para o nascer do Sol, embora a Lua estivesse já a descer desde o seu ponto mais alto em direcção ao horizonte, e também sabia que o Sol não nasce em Oeste. Neste impasse de raciocínio, a criatura adormeceu, longe da realidade que dominava lá fora.

Continua...

Episódio 89 – “Alma”

Continuação...

A energia que flui através daquela corrente de almas é pura e ilumina o espaço. É brilhante, ofuscante, quente, e é indolor, inexplicavelmente acolhedora como um abraço.

Através da luz, Augustus é o único que pode abrir os olhos e ver para lá dos corpos dos *novos vampiros*, ver-lhes a alma. Para sua tristeza, eles irradiam escuridão à sua volta. À exceção daqueles que se afastaram de Joseph porque tinham algo verdadeiro porque lutar e viver, todos os outros estão vazios.

A Mãe Natureza decide levar consigo toda aquela escuridão e todo aquele vazio, e Augustus vê.

Ele tem a capacidade para sentir tudo o que está verdadeiramente acontecer, e ter a certeza de que todas aquelas almas terão outra oportunidade, outro propósito. É esse um dos seus dons, ver para lá desta vida.

Não é mentira, ou mito, ou invenção, que na Natureza nada desaparece ou se destrói, mas tudo se transforma.

No entanto, Joseph é um caso diferente. A sua aura não está negra, nem vazia, como as do exército que criou. Está cinzenta, triste, doente, e por isso mesmo ainda é uma alma. E as almas podem mudar, se quiserem, com ou sem ajuda.

A Natureza sabe que ele não tem nada, nem ninguém, porque não soube ser capaz de amar. Ele não soube sequer estimar a vida que lhe foi dada, porque imediatamente a recusou e tudo o que com ela viesse. E Augustus percebe então que a história daquela criatura está incompleta, e que deste dia em diante não continuará a ser escrita da mesma forma.

...

- Estão mortos? – sussurra Luna, quase emocionada, claramente detestando a ideia de morte.

- Não. – apressa-se Augustus.

Ouvem-se apenas as vozes de ambos e as respirações forçadamente calmas dos restantes.

- A morte não é mais que uma transformação. – esclarece, ensinando a primeira de muitas coisas àquela jovem menina. – Eles são agora algo melhor, e têm um novo propósito.

- Qual? – questiona ela, insaciável.

- Aquele que lhes for entregue. – termina.

Interrogando-se sobre a resposta, Luna aceita-a ainda assim.

...

Resta então Joseph, de olhos esbugalhados, de joelhos sobre o relvado, perdido na sua loucura, como sempre, e agora sabendo que é observado por todos.

O silêncio permanece, por enquanto.

Isabel sente o calor da mão que aperta, a de Luna, e encara Joseph, interrogando-se com alguma indignação sobre o porquê de ele não ter sido levado como os outros, já que não faz falta.

Ele ergue-se, acompanhando o pensamento dela, e os seus olhos numa outra direcção, não mais perdidos.

- Tu! – grunhe, e corre em direcção a Beatriz.

Mas é para Afonso que ele está a olhar, e atravessará Beatriz e todos os que surgirem para chegar até ele.

Na incógnita, Beatriz recua para trás, sensata, agora que já não tem o poder emprestado de Afonso e voltou a sentir os músculos a latejar no lugar onde foi ferida e as náuseas do consequente envenenamento.

Quando Henrique estava próximo de se colocar entre eles, repara em Afonso, que surge repentinamente vindo de trás de Beatriz e empurra o irmão, afastando-o também de Joseph.

Já não se viam há tanto tempo... Mas o momento de pensar sobre isso ainda não chegou.

O olhar de Isabel brilha ligeiramente. Finalmente põe os olhos em Afonso, e ainda que todas as preocupações não tenham terminado, todas estrelas do céu não chegariam para descrever o brilho do seu olhar.

Luna, olha em redor, e satisfazendo a sua curiosidade vê os *Naturales* surgirem gradualmente atrás dos vampiros a quem emprestaram energia.

Por sua vez, Augustus surpreende Joseph a poucos centímetros de conseguir agarrar brutalmente o pescoço de Afonso, segurando-o pelos cabelos da nuca.

Mesmo sabendo que está sozinho e que perdeu, Joseph manifesta-se.

- O quê que vocês lhes fizeram? – grita. – Para onde é que eles foram?

- Como se isso te preocupasse... - comenta Augustus.

- Preocupa-me perceber porquê que não me levaram também! – manifesta-se, lutando contra a força de quem o arrasta.

Augustus ignora, e persiste em levá-lo até Verónica, que se aproxima já conduzindo a carrinha escura.

- Eu ainda vou acabar contigo, Alphonzo! – grunhe, inquebrável. – Com todos vocês!

Em meio à gritaria de Joseph, Isabel corre para alcançar os braços de Afonso, alheia a tudo. Este abraça-a com quanta força possui, aninhando-a no seu peito e beijando-lhe o cabelo. Ela quase desvanece de alegria e paz.

Verónica arrasta então correntes de prata pelo gramado verde, usando luvas claramente, e fica surpreendida ao reconhecer uma cara na multidão. André também a vê, e sente uma súbita saudade, mas tem dúvidas sobre se é mesmo quem pensa, ou uma ilusão. Verónica também se mantém concentrada no que deve fazer.

- Ouve, Augustus... - Joseph lembra-se de iniciar uma conversa amigável. – Os vampiros são monstros, tu sabes disso. Ajuda-me. – pede, atropelando-se nas palavras. – O mundo será melhor sem eles, e...

- Não, Jo. – interrompe o sábio. - O mundo será melhor no dia em que o ódio e a guerra não passarem de memórias ridículas num livro de história.

Entretanto, Henrique surpreende Beatriz com um abraço discreto. Um risco que decide tomar por necessidade. Ela sorri e encosta a cabeça no seu ombro.

Já Francisca limita-se a observar com imensa gratidão e recebendo as mãos de Vânia e Pedro nas suas, pensa no seu breve destino.

...

Aurora surge, sorradeira, junto de Augustus, depois deste ter atirado com um Joseph desesperado para dentro de uma carrinha revestida a prata no seu interior (cortesia de uma Luz Eterna extinta).

- Podíamos ter resolvido logo isto. – afirma, numa ilusão de interrogação. – Porquê que os deixaste lutar?

Augustos sorri como raramente, pensando que nada escapa mesmo à jovem, e responde em tom de brincadeira, apenas para lhe satisfazer a curiosidade insaciável.

- Nunca ouviste dizer, que só se conhece verdadeiramente uma pessoa, quando se luta com ela?

Ela ouve e aceita a resposta contrariadamente.

- Olha que é bem verdade! – insiste Augustus. – E aquelas criaturas não tinham mais do que um instinto de ódio irreversível e ingênuo a cada movimento. – terminando, mais sério.

Aurora, então, sorri.

Francisca desmaia.

Continua...

Episódio 90

Parte 1 “A Eternidade”

Continuação...

Francisca desmaia.

Foi como se de repente, tudo se desvanecesse em serenidade, e uma ofuscante luz atingisse os seus pensamentos, fazendo-os pairar e quase desaparecer. O chão pareceu fugir-lhe dos pés, mas ao contrário do que esperava, não sentiu a queda. Uma figura implacável, doce para si, pareceu segurá-la. Francisca está nos braços de alguém.

Não o vê, mas sente-o.

Na realidade, foi Vânia que a amparou primeiro, antes que um enchente de gente preocupada o fizesse também.

Momentos seguem-se, e a vampira recomeça a ouvir sons confusos, vozes em turbilhão. Quando decide forçar os olhos a abrir, vê apenas manchas de cor, e apenas segundos depois vê rostos que tão bem conhece.

Pedro, o seu filho mais novo, que a escolheu. Vânia, de cuja verdadeira mãe nem se fala. Afonso, finalmente vê Afonso com olhos de ver, depois Beatriz ao lado de Henrique, os seus três primeiros filhos, que não a escolheram, mas aceitaram-na. Do outro lado estão Isabel, uma menina dócil e sonhadora quando a conheceu e tão poderosa agora, e Luna, o mais próximo de neta que alguma vez teve.

Eles pensam que Francisca não está lúcida, mas está. Ela apenas reserva uns segundos e memoriza cada um dos rostos à sua frente para poder guardá-los e levá-los consigo para a verdadeira eternidade. Ignora as perguntas, e dá-se ao luxo de ficar ali, num êxtase imperceptível. Se tivesse forças, sorriria. Se pudesse, ergueria a mão para tocar em cada um deles e dizer que nunca esteve tão bem.

- Ela foi mordida, nós temos que sair daqui e ajudá-la! - Vânia parece engolir as palavras enquanto tenta dizê-las.

Sim, está. Mas a ferida não dói. Outras doeram mais e não foram visíveis. Mentalmente, descreve o resumo da sua vida.

Nem o que Beatriz diz seguidamente, ou a força bruta de quem a ergue na tentativa de a salvar, a demove da ideia de sentir que já viveu e foi feliz.

- Achas que consegues fazer outra vez, aquilo que me fizeste? – atreve-se a ex-líder a perguntar a Henrique, sem olhar a meios, dirigindo-se a ele, agarrando-lhe o braço com desespero, mesmo sabendo que ele ainda evita o toque.

Também sem olhar a meios ele responde que vale a pena tentar, e afasta-se, com medo de si próprio. Vai de encontro a Augustus.

- Conseguiram o que procuravam? – questiona, com pressa de se corrigir.

- Já falamos! – diz o *Naturale*. – Tu consegues, és forte. – tranquiliza-o.

O grupo encaminha-se imediatamente em direcção a Sintra.

...

No regresso a Sintra, Francisca deixa-se levar, seguindo num carro, junto à médica Cristina, e a Vasco, que conduz velozmente em direcção a Sintra, acelerando para chegar o mais longe possível, no menor espaço de tempo.

Todos os restantes tentam acompanhar, numa corrida contra o tempo.

Luna segue bastante pensativa relativamente a Francisca, adivinhando o que está para acontecer, mas ignorando-o, permitindo-se a ter alguma esperança e a estar enganada.

Tentando aproximar-se, Augustus percebe imediatamente que é cedo para se mostrar compreensivo e amigo, ou para lhe ensinar o que quer que seja sobre ser o que é.

Mais Antigo, acompanha o rasto do automóvel sem muito esforço, indo à frente de todos os outros.

Vânia tenta acompanhar o criador, de quem claramente sentia saudade, mas ele evita-a, tal como a todos, incluindo Beatriz. A sua natureza permanece a mesma, e a seguir ao estado de Francisca, essa é a sua grande preocupação.

Afonso e Isabel avançam sozinhos, próximos, com tanto para dizer, e sem tempo para isso, limitam-se a fazer o que sabem melhor, ser um par.

Muitas coisas poderiam ter acontecido no regresso, se tudo já tivesse de facto terminado. Mas o regresso está a ser pior que o início daquele mesmo dia.

Chegam entretanto.

...

Aos soluços, Luna é a primeira a sair.

- Porquê que isto nos está a acontecer? – revoltada, entre dentes, ao mesmo tempo que abandona sala.

Francisca está deitada no grande sofá da sala da casa onde reconstruiu a família Azevedo, em Sintra, depois de terem estado em Londres, há anos atrás.

Mais pálida do que é habitual, mais serena do que seria de esperar, e incrivelmente bem conformada com a decisão que tomou e que acabou de anunciar, mesmo contra a vontade e forças de todos.

- Não, não, não... - Pedro atira-se ao chão junto do sofá, agarrando-se à mão quase inerte da vampira. – Tu não podes querer uma coisa dessas, não podes... - e chora, escondendo o rosto.

Ela olha-o com doçura e uma sabedoria superior.

- Francisca, nós podemos resolver isto. – intervém Vânia. – Tu sabes que sim! – insiste, com um nó na garganta. – Deixa-nos tentar! – implora.

E a vampira espera simplesmente por mais protestos.

Um deles, sem direito a palavras de revolta. Vasco sai da sala, visivelmente descontrolado, recusando-se a assistir a tudo aquilo. Francisca entristece por ele.

Isabel dá a mão a Afonso, que está prestes a desmoronar, e encosta a cabeça no seu ombro.

Beatriz dá um passo em frente, senta-se no sofá, olhando Francisca nos olhos, lutando para ser forte e racional como todos esperam que seja.

- Porquê? – questiona. – É só isso que quero saber... - aparentemente calma, mas a desabar por dentro.

Henrique observa, afastado, revoltado, sem saber o que dizer ou fazer, mas desejando poder obrigar aquela vampira teimosa a mudar de ideias.

- Porque... - começa Francisca, com uma voz frágil, mas sincera. - ... eu sei que é o momento. – no seu olhar, está tudo claro. - Eu já fui muito feliz, já vivi tudo o que queria viver, sonhei, viajei, lutei por tudo aquilo em que acreditava, construí uma família, tive muitos filhos... - pausa, e sorri. – Dá para acreditar? – comenta, em ironia. – Amei e fui amada. E eu sei que chegou a minha hora. – admite. – E não haverá melhor forma de partir, do que após lutar para vos ver todos juntos de novo.

Como raramente, uma lágrima de sangue desliza no rosto da ex-líder.

Afonso aproxima-se da “irmã”, colocando-lhe uma mão no ombro, e a outra na de Francisca.

Permanecendo afastada, Isabel sabe que aquele momento é só deles. Dos Azevedo.

Henrique arrisca a proximidade, finalmente.

Formam um círculo, de mãos dadas, todos rodeando Francisca.

Francisca sorri e fecha os olhos.

- No final, tudo o que eu quero é ver-vos juntos e felizes...

Até Mais Antigo deixa transparecer uma réstia de emoção, que parece surgir dos confins da sua alma milenar.

Como se fosse mesmo o destino, o vírus actua mais depressa do que o normal. Francisca deixou-se consumir por ele. E a sua figura esbelta, ternurenta, transforma-se em cinza prata, de um brilho raro.

A família perde o seu principal membro, mas permaneceram juntos até ao fim.

...

- Eles vão superar isto... - uma voz com sotaque sussurra junto de Francisca. – E ainda vão viver muitos e bons anos.

- Máximo!

Francisca olha em seu redor. Consegue vê-los todos juntos, debruçados sobre o seu corpo inerte. Ao seu lado, está Máximo. E tudo parece normal.

- Vamos? – questiona ele. – Estive só à tua espera.

Francisca estende a mão sobre a que Máximo ergueu em sua direcção. E confia.

- Onde?

- Aqui, “onde” e “quando” não existem. Voltámos a ser parte de um todo, e em breve teremos um novo propósito.

...

Observando-os, emocionada, Isabel sente um arrepio e pensa de imediato em ir procurar a filha.

No jardim, junto à piscina, Luna chora compulsivamente. Não basta apenas a sua tristeza, e ainda tem de ser sensível à de todos os outros. Sente-se louca. E quase preferia ser louca, desde que fosse uma humana normal.

Permitiu que Augustus se sentasse a seu lado, mas ignora-o.

Ele está há algum tempo ali, procurando o momento certo para intervir.

Isabel encontra-os e num impulso decide ficar a observá-los à distância, por enquanto.

- Sabes? – ele decide finalmente arriscar. – Nada neste mundo existe para ser eterno...
- afirma, tomando-lhe a atenção. – Principalmente as coisas boas.

- O quê que isso significa? – replica a ruiva, com os olhos vermelhos e inchados de tristeza.

- Que nem mesmo o amor dos teus pais foi feito para a eternidade. – atira, arrependendo-se logo a seguir, sempre foi muito frontal e por vezes culpa-se por isso.

Quase ofendida, Luna encara-o finalmente.

Isabel também pensa em intervir com indignação, mas espera para ouvir o resto.

- Não está a ajudar! – garante Luna, despedaçada.

- Desculpa. – há muito que o homem não falava com alguém fora do seu círculo de conhecidos. – Os teus pais vão amar-se sempre, vão lutar juntos, rir juntos, até ao fim. Mas haverá sempre um fim. Para tudo, minha querida. Só não sabemos quando ele chega, mas ele existe e há-de vir.

Luna mantém-se calada, continua a desprezar aquelas tentativas.

- A vida é uma dádiva e o destino dos bons está nas suas próprias mãos. – explica- da melhor forma que consegue. - A vossa amiga escolheu como partir, e garanto que partiu feliz. – sorri, ele pode mesmo garantir, não está apenas a fazê-lo para agradar.

Luna percebe isso, mas mantém-se defensiva.

- Ela era mais que uma amiga. – afirma.

- Eu sei. E é por isso mesmo que espero que se recuperem disto, que a percebam, que a respeitem sempre, e que façam aquilo que ela mais deseja... - pausa, para perceber se está ou não a ser ouvido. - Que sejam sempre uma família.

Luna entristece um pouco mais, mantendo-se melancólica.

A sua mãe, mesmo à distância, percebe que aquela entidade vai ser muito importante na vida da sua menina. Isabel tem um vislumbre de alegria e alívio nos olhos, ao perceber que Luna em breve irá começar a aprender coisas novas sobre si mesma e o que veio fazer a este mundo. A resposta está naquele homem e em todos os outros *Naturales*. Decide então voltar para junto dos “irmãos”.

- A Francisca era feita de puro amor. Consegui sentir isso no primeiro segundo em que me cruzei com ela. – continua Augustus, para Luna. – Foi capaz de amar incondicionalmente sem querer nada em troca. Amava e pronto. – pausa. – A Natureza desafiou-a, testou-a... «Ela era toda amor e bondade em humana, mas será que ela permaneceria a mesma noutra condição?» Sim, ela superou o desafio. E hoje a Natureza deu-lhe a escolher entre continuar apenas por vós e viver num estado quase inanimado

de conformação, ou seguir em frente... - enquanto fala, ele parece olhar o horizonte em busca de imagens da vida de Francisca.

Luna ouve, embora se esforce por fingir não dar importância. Mas ouve atentamente, e pensa sobre tudo. Até que ganhar coragem para comentar, enquanto limpa as lágrimas que teimam em escorregar dos olhos até ao pescoço.

- Você fala da Natureza como se estivesse a referir-se a uma espécie de Deus... - e mantêm-se inexpressiva.

- Tens razão! – surpreende-a ao responder. – E talvez me refira mesmo. – e lança-lhe um sorriso desafiador. - Eu não sou ninguém para dizer o que é verdade e o que não é, o que existe de facto e o que não existe, sou apenas mais um com uma opinião. – esclarece, honesto. – Mas eu gosto de pensar neste planeta como um cérebro gigante, que através da sua energia excedente criou todo este mundo que conhecemos. Não há nada mais maravilhoso e poderoso do que isto. Ele dá-nos tudo o que precisamos, e tira-nos o que já não precisamos. Tudo nele existe com um propósito, e esse propósito tem de ser cumprido. – suspira. – E o Universo? Esse pode ser o cérebro mãe. E as estrelas? Imagina quantas vidas tão diferentes da nossa há para além daquilo que sentimos? – sorri. – Desculpa, já estou a divagar...

Mantendo-se inexpressiva, Luna já não tem medo de mostrar que o ouve atentamente.

- Não faz mal...

Augustus retorna à verdadeira questão.

- A Francisca está bem... - repete. - Acredita em mim. – insiste.

- Eu acredito. – e é sincera nas suas palavras, e ao dizê-las, sente-se mais liberta de todo o peso que carregava.

- A eternidade só é uma ilusão se vires o fim como uma coisa má e verdadeiramente finita. – termina o homem, mesmo sabendo que Luna já se refugiou novamente nos seus próprios pensamentos.

Dizem que as pessoas só morrem, quando nos esquecemos delas.

Outros, como este Augustus, pregam sabiamente a ideia de que há sempre um fim, mas também uma continuação para lá desse fim, ele chama-lhe um “novo propósito”. «Partindo daí, talvez o fim não seja uma coisa má», pensa Luna.

«Mas enquanto o fim continuar a roubar-nos pessoas que amamos sem justificação, porque haveremos de respeitá-lo?», contradiz de seguida o seu próprio pensamento, permitindo a persistência do dilema.

A ruiva decide então voltar à primeira constatação, enquanto não arranja verdadeiras respostas sobre esse tão afamado “fim”, e cheia de coragem, sente a necessidade de acreditar na conclusão que escolheu.

«A Francisca não será esquecida.»

Continua...

Episódio 90

Parte 2 “A Origem”

Continuação...

- O quê que está a acontecer, porquê que o ambiente está tão pesado? Eles conseguem salvá-la não conseguem? – questiona André, após um reencontro inesperado com a sua última relação humana.

- Ela não quis ser salva. – responde Verónica, muito séria, escondendo a tristeza que sente.

O reencontro foi tudo menos normal, foi constrangedor. Ambos terminaram vampiros, ambos poderiam ter tido um futuro como humanos, ambos poderiam ter sido muita coisa, e inclusive aquele reencontro poderia ter sido diferente. Mas o dia ainda não terminou, a guerra pode ainda não estar vencida, e uma pessoa acaba de escolher morrer.

Ao mesmo tempo que se sente culpada pela falta de entusiasmo em reencontrar André, Verónica também está de luto.

- Estás há muito tempo com eles? – atreve-se André, curioso, evidentemente menos ligado aos problemas.

O grupo de *novos vampiros* que ficou à espera de tomar o antídoto, está reunido junto da carrinha que transporta Joseph, dentro da propriedade dos Azevedo, esperando um desfecho. Mas ambiente está pesado.

- Desde que a Luz Eterna se uniu aos vampiros contra o Jaguar e os dissidentes. – esclarece, sem perder tempo. - Aproximei-me deles e escolhi esta vida, acreditas? – questiona, experimentando a ironia, para quebrar o constrangimento.

- Acredito. – diz, sério, ambos falam distantes, quase a sussurrar. – Eu não escolhi esta vida, mas acabei por me habituar.

A ex-líder da Luz Eterna em Sintra preparava-se para dar resposta, quando uma voz robusta e revoltada intervém.

- Podem calar-se? – Vasco está bastante apavorado, Francisca foi a sua última e mais longa paixão, e pensar que ela escolhe deixar de existir deixa-o completamente descontrolado.

Mais Antigo surge e repreende-o apenas com um olhar.

- Vamos para a cripta! – ordena.

Todos sabem porquê e para quê.

Henrique, ainda um *novo vampiro*, segue o líder superior visivelmente amargurado. No entanto a mágoa não o cega, e obedece à necessidade de resolver o problema da sua actual natureza.

Aurora estava um pouco afastada do grupo, mas aproxima-se agora.

- Tens a certeza que encontraste? – implora Cristina.

- Trouxe aquilo que o *Alphonzo* viu. – garante, jovial e altiva. – E sim, é um antídoto! Tenho a certeza – lança.

...

Na cripta, Mais Antigo reúne-se então com o grupo de *novos vampiros* disposto a mudar a sua condição em troca de qualquer coisa. Mas antes de iniciar a conversa sobre a suposta existência de um verdadeiro antídoto, dirige-se a um dos seus Guardas, presente ali, condenando Joseph à cela mais segura, fechada e escura da antiga prisão da zona de Sintra. Salientando que futuramente o seu destino e possível recuperação será próximo da actual residência do líder superior, numa masmorra a ele adequada.

Também ele tomará o antídoto se o for possível.

O Guarda acata a decisão e sai imediatamente da cripta.

Joseph está adormecido em dor, devido à imensa manta de prata a cobri-lo, cortesia de uma Luz Eterna, que de facto não o foi.

Verónica é quem conduz a carrinha e é acompanhada por um dos Guardas de Mais Antigo, aguardando ambos a chegada do segundo Guarda com as ordens.

- Quanto a vocês! – começa, dirigindo-se aos presentes.

Henrique está encostado a um dos pilares da cripta, quase distraído, visivelmente amargurado, e ninguém o repreende por isso, naturalmente.

Seguidamente, lado a lado, os recém-chegados Akira, Sandro e André, pensando mais no reencontro com Verónica do que no futuro. Depois Pilar e Martha, esta última algo inquieta, enquanto Viktorious admira a desconstracção da outra. Ao lado deste, Jasmine reparando que não gosta de o ver reparar noutra e culpando-se por existirem problemas maiores, e por último Brian, simplesmente aguardando um desfecho favorável.

À frente destes, Cristina aguardando, ao lado de Aurora, a única dos *Naturales* presente ali dentro, e sentindo-se deslocada.

- Esta jovem... - começa, apontando para Aurora. - ...encontrou de facto aquilo que parece ser um antídoto, tal como o Afonso o descreveu. Irei entregar esse achado à Cristina,... - e explicando aos recém-chegados. – Ela foi médica quando humana, e actualmente dedica-se à ciência de uma forma mais livre e alargada. Tem estudado

imenso e já fez algumas descobertas, confio nela para analisar o alegado antídoto e multiplicá-lo, caso não seja suficiente para todos. – termina, tentando ser rápido. – Quanto tempo precisas? – questiona a própria.

- Uns dias, seguramente. – responde Cristina imediatamente.

Ocupando o trono vazio de um chefe de zona local, Mais Antigo, sempre inexpressivo, está no entanto inquieto com a súbita ausência de Vasco, que se desviou do grupo no trajecto até ali. Rapidamente, retorna ao presente assunto e toma mais uma decisão.

- Até que esta situação se resolva com boas notícias e pela segurança de todos, incluindo vocês, necessito de vos propor uma permanência breve na antiga prisão... - lança, com o melhor cuidado que encontra, e ainda assim expressando insensibilidade.

Os presentes não ficam surpreendidos, mas nos seus íntimos esperançavam algo melhor. Os olhares erguem-se, corajosos, concordando.

- Ficarão bastante afastados do Joseph, garanto! – acrescenta. – Não ficarão sozinhos, nunca, e serão alimentados, controladamente... - assegura, com calma nas palavras. – Espero que compreendam a necessidade... - finalmente mostrando um pouco de emoção.

Inesperadamente para todos, Henrique intervém como que numa explosão de energia.

- Sim, percebemos. Mas vão alimentar-nos, como? – rápido, directo. – O nosso principal problema é precisamente o da alimentação... - algo sarcástico, mesmo com Mais Antigo.

Sem o repreender pela contestação, Mais Antigo parece ter tudo pensado.

- De vez a vez, um pouco de sangue humano... - e respira antes de afirmar o seguinte. - ...e um pouco de sangue de vampiro, apenas para vos manter conscientes.

A surpresa instala-se e imediato o vampiros mais velho responde, elevando a voz.

- Eu mesmo doarei um pouco do meu sangue se mais ninguém se dispuser! – termina.

Pelo menos esta questão já está tratada, até que o derradeiro problema se fine de vez.

...

O corpo de Francisca, tal como o de todos os vampiros foi levado até ao mar por alguém que lhe era quase desconhecido, James.

De um modo geral, os vampiros não têm um ritual de funeral, há uma despedida, e o resto são cinzas, o que importa é o que de facto fica.

Em casa, Afonso fechou-se no seu quarto, até que alguém se dignasse a arrombar-lhe a tristeza e trazer-lhe um pouco de luz novamente.

- Como é que estás?

Isabel arrisca finalmente. Abriu a porta, silenciosamente, e ganhou coragem para finalmente ter a conversa do reencontro, que infelizmente não será como imaginou. A partida de Francisca, entre todas as tragédias, parece ser a que mais afectará a família, e será, principalmente por ter sido uma escolha.

Afonso não consegue responder. Tem um nó na garganta, e quanto mais tempo passa mais o nó aperta.

- Tenho a certeza que ela sabia o que fazer. Vai ficar tudo bem. – senta-se a seu lado, num sofá, e tenta aproximar-se para um abraço, mas a postura rígida dele é difícil de amolecer.

Passados são alguns segundos, que parecem minutos, aceitando o silêncio.

- Sabes o que me custa mais? – a voz de Afonso estremece. - É saber que a compreendo... - diz finalmente. – E acho que me sinto culpado por compreende-la, e não quero deixa-la ir.

Lágrimas brilham nos olhos castanhos de Isabel, e ameaçam escorregar.

- As pessoas só deixam de existir quando nos esquecemos delas. – Isabel diz isto pensando no dia em que ficou órfã. - Ninguém vai esquecê-la.

Ficam alguns minutos em silêncio e necessitam de mais nada.

- Compreendo-a, porque seria insuportável para mim viver num mundo, existir, onde a pessoa que eu mais amo já não existe... - suspira, chorando também. - Isabel, - reinicia Afonso. – Olha para mim! – pede, rodando o corpo para a encarar e agarrando-lhe as mãos. – Prometo que a partir de hoje, nunca mais te escondo nada sobre mim, nunca mais faço nada sem ti, que não vou deixar nada por dizer, ou fazer, e que acima de tudo vou estar contigo, simplesmente estar e fazer tudo por ti. – as palavras saltam da sua boca como se há muito as tivesse estudado. – Eu amo-te. – e é puramente, genuíno.

Uma lágrima de emoção e felicidade dança no rosto de Isabel, e brilha.

- Eu também prometo. – ela diz, e sorri. - E também te amo!

Abraçam-se intensamente.

Porque um amor assim, simples, já não se faz apenas de paixão e êxtase, mas de companheirismo.

Só depois se beijam. Finalmente.

...

Beatriz abandonou a casa, atormentada com a despedida inesperada a Francisca, e interrogando-se sobre o possível fim da família. Não se fala muito do assunto, mas foi Beatriz quem teve a ideia, há quase sessenta anos, de ficcionar uma família e tentar viver em liberdade entre os humanos.

Na avalanche de recordações, desejando chegar à cripta rapidamente, cruza-se com um Vasco tenebroso a espancar inutilmente uma árvore.

Mesmo sem paciência, mesmo sem lhe nutrir qualquer carinho, intervém. Mas ele manifesta-se primeiro.

- Não percebo. – roucamente. – Não consigo perceber porquê! Porquê que ela desistiu, porquê que deixou tudo isto? – enraivecida e triste em simultâneo.

- Pensas que ela desistiu? – questiona, mantendo-se inexpressiva, o quanto pode. – Talvez não esteja mesmo ao teu alcance perceber... - comenta, desiludida há muito.

Ele fica calado, reflectindo, enquanto olha o persistente musgo na árvore.

- Ela foi a minha paixão mais longo, mais forte... - começa, com lágrimas secas. – Não me exijas que entenda isto! Não me peças que aceite! – grunhe. – Talvez eu até mereça.

Beatriz gostaria de não ter que o ouvir.

- Talvez mereças. – concorda ela.

- Não estás a ajudar! – reclama ele.

- Mas ela não seguiu em frente porque tu merecias ou deixavas de merecer o que quer que fosse! – continua, ignorando-o, ralhando-lhe. – Ela gostava de ti, adorava a família que tinha, e amava uma pessoa mais do que possas imaginar, alguém que já existe! – elevou a voz a cada palavra, e pausa agora. – Consegues imaginar isso? Se amas assim como dizes, deves conseguir... - termina, forçando a calma.

Vasco reflecte, e sente-se humilhado por tantas coisas.

- Vieste aqui para quê? De certo não foi para me ajudar...

Ela interrompe, e enquanto se afasta, desejosa de continuar o seu caminho, lança-lhe a realidade como a uma batata quente.

- Há uma comunidade à espera de um líder! – lembra-lhe. – Estavam a contar contigo, mas acho que vou ter de intervir e dizer que não estás apto para a responsabilidade... - diz, apenas estimulando-lhe um pouco de responsabilidade e altruísmo.

...

- Luna, ...

Augustos está novamente a falar. Luna teve uns momentos para si e antes que homem se fosse embora, saturado do silêncio, começou a fazer-lhe perguntas, às quais sabe que ele tem resposta.

- Todos nós servimos um propósito. – continua ele. – Todas as criaturas deste mundo têm uma missão a cumprir, quer acreditem quer não, quer o saibam quer não. Algumas espécies existem mesmo para destruir outras. E há ainda as que não cumprem a sua missão.

Ali se encontram na conversa já há um longo momento, e parece-lhes que só passaram alguns minutos. Entretanto Luna ficou a saber que em tempos existiram, de facto, criaturas como Lobisomens, Sereias e Bruxas. Questiona incansavelmente aquele homem que tanto sabe, e por vezes, ele dá-lhe respostas mesmo antes de ela as pedir.

- Vou explicar-te muito brevemente as características gerais dessas criaturas. – avança, Augustus. – Começemos pelos Vampiros, que te são familiares... - sorri. – Não me perguntes como é que nasce o primeiro exemplar de cada espécie, porque isso ninguém sabe... - esclarece já. – Ora, os Vampiros surgiram precisamente numa altura em que os humanos se multiplicaram e pareciam ameaçar tudo à sua volta. Sim, é isso mesmo que estás a pensar! Os novos predadores, retornaram ao estatuto de presas. A Natureza assim quis, e creio que continua a querer. Mas hoje em dia, é tudo tão diferente. E a verdade é que se os Vampiros ainda existem, é precisamente devido à sua inteligência. Souberam esconder-se e proteger-se, quando os humanos se revelaram contra. A invenção das armas foi crucial.

Luna escuta atentamente.

- Na mesma época em que foram criados os Vampiros, também surgiram os Lobisomens. – continua. – Inicialmente, os Vampiros tornaram-se um exagero inconsequente da Natureza e os Lobos estavam encarregues de lhes fazer frente, protegendo não apenas os bons humanos, mas principalmente a fauna das florestas. Os Vampiros atacavam tudo sem pensar, eram controlados pelos próprios instintos muito mais avidamente.

- Como eram os Lobisomens, aparentemente e socialmente? – apressa-se Luna a questionar antes que o assunto prossiga.

- Eles viviam em matilha, tal como os lobos normais. Tinham um senso de lealdade muito apurado, mas também o da violência. – explica, notando a desilusão na sua espectadora. – Eles nasciam com o gene, e na adolescência eram atraídos naturalmente para uma situação de perigo em que eventualmente matariam alguém. – pára, vendo Luna engolir em seco. – Na Lua Cheia seguinte, transformavam-se. – continua. – Mas depois conquistavam um certo autocontrolo incrível. E eram muito fortes, estavam sempre a ajudar os mais fracos... Resumindo: matavam vampiros e humanos, mas matar uma mosca? Fora de questão.

E é aqui que arranca o primeiro sorriso à jovem ruiva.

- Depois há as Bruxas... - inicia, pausadamente. – Acredito que ainda existam algumas, mas são cada vez mais obrigadas a esconder-se, estão desacreditadas, e não se livram da fama de impostoras!

- O quê que elas fazem?

- Estabelecem um elo de ligação entre as pessoas e a energia à sua volta. – rápido. – Dizer “é só isto” é rude, mas é o que é. Elas nascem com sensibilidades especiais, sentem o outro mais profundamente e têm acesso a fontes de energia que poucos sabem explicar.

- Uhm... - Luna, procura questões. – E as Sereias? Falou nelas...

- Ah! As Sereias! – parece lembrar-se Augustus. – São quase exactamente como as histórias as descrevem, mas não tão violentas. – enquanto fala, não encara Luna, olha o horizonte, como se fragmentos da história lhe passassem diante dos olhos. – Quando os humanos começaram a explorar tanto o mar, como já exploravam a terra, a Natureza criou essas mulheres-peixe incríveis. Diria que eram uma mistura da inteligência e inocência dos golfinhos, do poder das baleias, e da violência de um tubarão.

- Protegiam os Oceanos! – completa Luna, e não esconde o fascínio.

- Exactamente. – responde ele, e cala-se.

Alguns segundos passam em silêncio.

- E nós?!

Finalmente Luna fez a questão que Augustus esperava dela. Deixa então de fixar o horizonte e dirige-lhe um olhar poderoso e generoso em simultâneo.

- Nós somos uma versão sobrenatural e muito mais poderosa das Bruxas. – diz, sem rodeios. – E viemos ao mundo com alguns defeitos, o principal é o excesso de poder, o excesso de conexão à Natureza, às energias, a tudo! O que nos destrói se não aprendermos a controlar... - resume, sem medo da reacção da jovem. – Alguns de nós morreram, não te vou mentir... - revela. – Alguns mesmo nos meus braços... - e demonstra o primeiro reflexo de emoção. – Mas como vês, um grande grupo sobreviveu, e agora tu estás aqui! Eu acredito que sejas uma actualização nossa! – diz, forçando a graça.

Luna não esconde a preocupação, a confusão, o medo. Mas decide mudar de assunto, sabendo que terá muito tempo para aprender coisas sobre si mesma.

Augustus deixa que o assunto flua noutra direcção.

- Será que há alguma possibilidade de essas criaturas extintas de que me falou, ainda andarem por aí, escondidas? – avança ela, nervosa.

- Possibilidade? Há. – atira, sabendo que vai atear a curiosidade de Luna. – Mas o facto de os humanos acreditarem cada vez menos na magnificência de se ser diferente e

especial, e de ignorarem que todas as criaturas do mundo merecem viver nele de igual para igual, dificulta as coisas... Mas quem sabe? – torna a lançar a semente. – As Bruxas necessitam de desenvolver as suas capacidades ou acabam por perdê-las, e como te disse, acredito que ainda existam... - lembra. – Os Lobisomens, esses teriam de se esconder muito bem, a vertente da violência é-lhes muito vincada, e dariam muito nas vistas, acho que se andasse um por aí os Vampiros saberiam. E se houver um por aí, garantidamente haverá mais que um, eles não sobrevivem sozinhos. – conclui. – Já as Sereias, essas são as que têm provavelmente mais hipóteses de resistir à brutalidade humana, têm as profundezas do oceano para se esconderem...

- Devíamos investigar! – sugere Luna. – E devíamos ajudá-los, se ele se encontrassem sozinhos e com problemas.

- Posso concordar!

E termina assim a primeira de muitas conversas entre Luna e Augustus.

Ele não lhe disse ainda, mas há-de vir a dizer, que o seu principal poder é ver as coisas que já aconteceram, a História, mas acredita que há certos momentos e existências que a Natureza não lhe permite invadir.

Mais tarde, Augustus dir-lhe-á também que, a fim de controlar melhor a sua energia, terá de escolher apenas um dom em que se concentrar. Ela irá questioná-lo sobre isso, e ficará a saber que, sendo a primeira de uma nova geração, aparentemente acumula toda uma energia que deve ser controlado e talvez partilhada um dia.

...

Entretanto, Cristina faz progressos na sua investigação, com a ajuda de Verónica.

- Não há dúvida que aquele vampiro é um génio! – comenta Verónica, entre dentes.

- E precisamente por isso, não arriscou criar um exército mortífero, sem também criar a sua destruição... - concorda Cristina, observando através de um microscópio, e erguendo-se de seguida. – Isto é, destruição é uma palavra incorrecta para a circunstância. Ele criou algo que lhe permitisse fazer-los voltar ao normal, para mais tarde aperfeiçoá-los. Será isso?

Verónica concorda.

Poucas horas depois começam a fazer réplicas o conteúdo que Afonso havia encontrado e que Aurora trouxe até Sintra num pequeno frasco.

A imensa mansão onde Joseph se escondia com os seus soldados e prisioneiros também já foi escrutinada por um grupo de vampiros sedentos de respostas e de justiça.

Enquanto isso, em Sintra, Mais Antigo faz planos para nomear Vasco o novo líder de zona. Este, depois do impacto das palavras de Beatriz, decidiu assumir responsabilidades.

Quanto a Beatriz, é obrigada a aceitar o facto de Henrique se recusar a receber visitas, principalmente a sua, enquanto não voltar a ser um vampiro normal. Junta-se então a Mais Antigo e faz questão de doar sangue, são os únicos a fazê-lo.

Henrique há-de descobrir que tem tido uma dieta diferente da dos colegas, e ficará furioso. Mas Jasmine, na cela ao lado, questiona-o.

- Se estivesse no lugar dela, e ela no teu, permitirias que outra pessoa lhe desse sangue?

...

Alguns dias depois, Isabel e Afonso terminam as limpezas e arrumações na casa que ambos foram obrigados a deixar devido ao perigo constante. Tais tarefas têm sido como uma terapia para os dois, e os momentos sozinhos, para conversar, rir, discutir, e voltar a rir, têm sido o reencontro porque desejavam ambos.

Logo no primeiro dia, combinaram não falar sobre os problemas mais recentes, e viver simplesmente.

Isabel disse, “um dia, quando vierem ao acaso, falamos deles”. E Afonso concordou.

Entretanto, Isabel foi ver se havia correspondência na caixa do correio e regressou, entrando triunfante na sala de estar para anunciar novidades ao seu regressado marido.

- Tu não vai acreditar!

- O que foi?

Nas suas mãos, encontra-se um convite de casamento.

- O Filipe e a Rita lembraram-se de nós! – anuncia, com um sorriso de orelha a orelha.

Afonso também esboça um sorriso largo, enquanto dá uma vista de olhos.

- Se não quiseres ir, eu percebo... - garante ela, conhecedora da discrição máxima dos Azevedo. – Eu posso ir sozinha.

Ele franze o sobrolho, quase incrédulo com a suposição.

- Achas que eu vou faltar a um evento deste? – questiona. – Romântico, humano e normal? – insiste. – Isto é tudo o que precisamos, Isabel!

Radiante, ela abraça-o como uma criança entusiasmada, e beija-o na face.

Eis que Luna entra em casa, com expressão de quem traz polémica.

- O que se passa? – todas as mães cheiram problemas à distância, Isabel não é excepção.

Nesse instante, Luna cruza os braços atrás das costas e olha em direção ao chão, como uma menina envergonhada.

- Queria dizer-vos que vou embora... - diz, quase num murmúrio.

- Para onde? – apressa-se Afonso, assustado, soltando-se do abraço de Isabel.

- Calma! – a jovem eleva a voz. – Não vou para longe! – garante. – Só preciso de passar mais tempo com os *Naturales*, e vocês sabem que eles estão a construir um acampamento só para eles, e...

- Opunha-me, se não soubesse o quanto vai ser importante para ti! – Isabel, de coração apertado também reconhece o que é melhor para Luna.

Um momento de silêncio, surge, enquanto Afonso pensa no assunto.

- Tu és quase perfeita, miúda! – atira, enquanto lhe surge um sorriso. – Para seres perfeita, não devias ter crescido tão depressa... - lamenta, mantendo o sorriso.

Não sabe explicar porquê, mas Luna deixa que uma lágrima se manifeste no seu rosto e corre para abraçá-los enquanto diz, «Amo-vos».

Os três ficam naquele abraço por tempo indeterminado.

...

Outras vidas se resolvem também.

Pedro, que foi transformado muito jovem e por isso arriscou voltar a ser humano para envelhecer, acaba de pedir autorização ao Mais Antigo para voltar a ser vampiro. O vampiro mais velho não esconde o desânimo em relação às escolhas do jovem, mas consente.

Já Henrique, com muito tempo para pensar na prisão, decidiu que Vânia merece a libertação. Gostaria de ter sido melhor criador, mais presente, mas a verdade é que a jovem nasceu para ser o que é, e não necessitou de muita ajuda. A jovem salta de alegria com o novo estatuto de vampira independente, embora triste, pois o seu criador não lhe pôde vir dar a notícia, cara a cara. Mais Antigo foi quem a trouxe, e aproveitou para convidar Vânia a fazer parte da sua Guarda oficial num futuro próximo.

- Obrigado, mas por agora acho que vou ficar com a família. – respondeu ela.

Outros, como Octávio e Cristina, fazem planos para mudar de região. Assim como os jovens Joel e Daniela, vampiros à pouco tempo, mas com sucesso.

Verónica e André já conversaram, e demonstraram interesse em se encontrarem mais vezes, talvez até a trabalharem juntos.

James visita a sua amiga Jasmine todos os dias. Viktorious não o suporta até ao dia em que o repara interessado em Brian.

- Ainda não me disseste quem é ele, Jas! – lembra.

- Mas já te disse o que acho! – retorque ela. - Ele não faz o teu género! – sorrindo.

Assumindo o controle da conversa, James retribui a afabilidade da amiga.

- E eu já disse o que acho? – questiona, sarcástico. - Eu acho que aquele ali, o Viktorious,... - afirma, lentamente. - ... encaixa perfeitamente nos teus perfis.

Akira lança uma gargalhada incómoda.

E naquele preciso segundo, a antiga prisão é invadida por Mais Antigo, Cristina e Verónica.

- Conseguimos! – impaciente, Cristina adianta-se na notícia.

Os olhos dos prisioneiros brilham perante uma mala cheia de frascos com a solução para o seu problema. Se pudessem, atirar-se-iam àquelas grades de prata, e atacariam o conteúdo sem pensar duas vezes.

- Já que se adiantou, explique o resto! – ordena Mais Antiga.

Sem problemas, Cristina assim faz. – Ora, vocês vão tomar o frasco inteiro, e provavelmente vão ficar adormecidos durante algumas horas. – esclarece.

- No pior dos casos, ficam com febre, mas vamos acreditar que nada falhará. – intervém Verónica.

Uma sombra surge, e com ela Beatriz, contrariando a vontade do namorado, que se afasta imediatamente, inconsciente das grades da cela.

Mais Antigo consentiu a sua presença e ela não vai desistir de estar ali.

Pega num dos frascos e na chave da cela de Henrique.

- Não achavas que eu te ia deixar fazer isto sozinho... - sussurra, enquanto abre o frasco e lho entrega.

Pilar é a primeira a ter coragem de arriscar e tomar o antídoto. Segue-se Martha, em apoio, e tal como Cristina preveniu, adormeceram.

Os restantes seguiram o exemplo.

Henrique adormeceu no colo de Beatriz.

Horas depois, foram acordando, pela mesma hora em que adormeceram.

Cristina testa-lhes os sentidos.

Mais Antigo alimenta-os com sangue verdadeiro, humano.

Henrique é o último a abrir os olhos.

- Então, estás de volta? – a vampira, mostra-se presente e ansiosa.

- Tenho sede. – é a única coisa que ele diz.

Outros tantos dias mais tarde, já em casa, e como dois vampiros que são cheios de energia, farão jus ao tempo perdido e não se vão largar.

- Estive a pensar... – diz a ex-líder, com um sorriso como há muito não esboçava, sentando-se no sofá da sala, bebendo sangue sintético e oferecendo outro ao namorado.
- ... e acho que devíamos começar a aproveitar a vida!

- Quê? – ele expressa incredulidade.

- Depois de tudo o que aconteceu, e principalmente pela Francisca, pensei muito sobre o facto de não sabermos se este será o nosso último dia... - desabafa, menos animada.

Como é habitual, ele lança o seu melhor sorriso sarcástico para cortar a tristeza.

- Não estarás a ficar velha...? – murmura.

- Eu não envelheço! – lembra, retribuindo o sorriso. – Nunca! – realça. – E estando tão jovem, apetece-me dar a volta ao mundo em menos de um ano! – sugere.

- Queres companhia, é isso? – questiona, já sorrindo e preparando-se para a beijar.

...

Se não fosse vampiro, dir-se-ia que Joseph apodrece literalmente na cela mais profunda e escura e fria da prisão em Sintra.

Depois de ter sido obrigado a tomar o antídoto, sendo torturado para que lho conseguissem impingir goelas a baixo, tem-se sentido ainda mais sozinho no mundo do que habitual, ainda mais reprimido, e ódio embora tenha perdido forças físicas, parece ainda maior.

Uma segunda grade de prata, revestida com madeira, mesmo à frente da sua cela, abre-se. A luz que entra afecta-lhe a visão, não é suficiente para não conseguir contar as silhuetas. São quatro.

- Nem te vou perguntar como é que estás... - começa Afonso. – Pareces péssimo.

Henrique sorri de satisfação com a imagem que se lhe apresenta.

- Não nutrimos qualquer respeito ou carinho por ti, nem piedade temos, mas viemos desejar que fiques melhor, e que recuperes o que provavelmente nunca tiveste... - continua Beatriz. – Juízo. – termina.

- Eu vim só mesmo dizer «adeus», com este ar triunfante. – segue Henrique.

Afonso é o primeiro a virar-lhe as costas, Henrique segue-o, fixando na memória o olhar frágil do homem que lhes causou um dos maiores problemas da vida.

Beatriz também manifestou vontade de sair, mas ao ver Isabel ficar, esconde-se atrás da porta.

Joseph, ao ver Isabel insistir em observá-lo, levanta-se e aproxima-se da grade. Os seus olhos vermelhos poderiam assustá-la, mas não chegam perto disso.

- O meu maior desejo é que apodreças no Inferno. – atira ela, impiedosa. – Mas alguém achou que valias a pena para alguma coisa... - comenta, olhando-o de baixo a cima com desdém. – Boa sorte!

O vampiro mostra as presas.

- Eu devia tê-lo matado! – rosna, quase num murmúrio. – E depois àquela criaturinha ruiva adorável... Nem imaginas o que eu gostava de lhe fazer... - provoca.

Respondendo à provocação, Isabel aproxima-se demasiado da grade que os separa, e é surpreendida com um ataque impiedoso. Joseph prepara-se para lhe arrancar a cabeça, quando Beatriz entra de rompante e lhe marca o rosto com as unhas, fazendo-o largar Isabel, sem o soltar, a vampira torce-lhe o pescoço, sabendo que ele dormirá por horas até voltar à vida.

Ambas trocam olhares.

- Tenho medo de pensar assim, mas... - começa Isabel, assustada.

- Devíamos matá-lo. – termina, Beatriz.

Entreolham-se, sorriem uma para a outra, e ouvem os namorados regressar.

- O que aconteceu? – questiona Afonso, observando Joseph caído.

Ambas continuam em sintonia e ignoram a questão.

- Talvez um dia... - incita Beatriz.

- Assim que fizer por merecer! – acrescenta Isabel, fatal.

Afonso e Henrique levarão tempo até perceberem aquilo.

...

Semanas passaram e ao regressar do casamento para o qual foram convidados, Isabel inicia uma conversa cuidadosamente, como se duvidasse do que diz, e acreditasse que Afonso acharia absurdo.

Atirando com os saltos altos, e se instalando confortável na cama, cansada, começa.

- A Beatriz e o Henrique já partiram há uns dias, e eu tenho andado para aqui a pensar que também devia fazer alguma coisa por mim, por nós, por alguém... - é pausada nas palavras.

Depois de despir o casaco e a gravata, abrir alguns botões da camisa, e atirado igualmente com os sapatos, Afonso responde enquanto se estende ao seu lado.

- Vai directa ao assunto! – pede, sorrindo, adivinhando algo grande.

- Está bem. – concorda, e respira fundo. – Eu quero usar tudo aquilo que aprendi ao longo da minha vida, e ajudar meninas perdidas, como eu fui um dia. – ajeita-se na cama, olhando nos olhos de Afonso, preparando-se para os detalhes. – Quero construir uma espécie de escola, ou academia, de preferência quase secreta, e quero que meninas especiais, a quem a vida foi cruel de alguma forma, tenham oportunidade de aprender sobre tudo, e principalmente aprender a defender-se.

Afonso está a perceber tudo, mas mantém-se inexpressivo, intervindo antes que ela continue.

- Queres inclusive ensiná-las a lutar? – questiona.

- Talvez...

- Queres treiná-las para, eventualmente, terem o poder de mudar o mundo para melhor... - começou como uma questão, mas terminou como uma afirmação.

- Sim. – assume ela.

Ele começa a esboçar um sorriso, e acariciando-lhe o rosto, beija-a na testa.

- Tens o meu apoio! – garante. – Agora, descansa. – pede. – Se vamos concretizar esse projecto, necessitamos de muita energia.

Abraçam-se, e como nas últimas noites, fingem ser normais, ficando ali simplesmente, como se dormissem mesmo. Na realidade, estão apenas concentrados em manter as respirações sincronizadas, e a ouvir os corações um do outro.

Durante muitos anos, Afonso e Isabel passam as noites assim. Com a excepção regular, de umas horas mais animadas de vez a vez.

O amor acontece.

E o deles aconteceu no dia em que Isabel foi abandonada pelos tios num colégio desconhecido, com pessoas desconhecidas, e se apaixonou pelo primeiro vampiro que encarou.

...

O que vocês não deviam saber, leitores, mas eu vou contar-vos, é que enquanto tudo isto acontecia em Sintra, o mundo deixava-se renovar.

Na Alemanha, um jovem rapaz de dezasseis anos, vítima de bullying nos últimos cinco da sua vida, perdeu o controle e contra-atacou quem o agrediu, mais uma vez, num beco, enquanto regressava a casa.

Chorou durante horas perante o corpo inerte do seu agressor, não com pena, ou remorsos, mas precisamente por não sentir nenhum dos dois.

Na Lua Cheia que se seguiu, um lobo descontrolado saiu do seu quarto enquanto a mãe o chamava. Causou o pânico, destruiu metade das coisas com que se cruzou, pois a sua consciência lhe disse para agredir tudo menos os pais. Estava perdido, não sabia porque de repente estava cheio de pêlo e porque lhe doíam os ossos. Fugiu de casa. E não voltou.

A muitos quilómetros de distância, em New Orleans, uma jovem de treze anos, desde sempre com características físicas muito especiais, refiro-me aos olhos claros como cal, é insultada na escola, chamada de “bruxa” e “aberração” quando, inocentemente, ressuscitou à frente dos colegas, uma flor morta. Naquele dia, levou horas a regressar a casa, quando chegou, a mãe mais uma vez era espancada pelo seu padrasto. Mas ele não viveu muito mais tempo para contar os motivos porque agredia a mulher. A doce menina desejou que ele morresse, e ele caiu no chão. Não morreu, mas a jovem fugiu e nunca mais ninguém a encontrou.

No Oceano Pacífico, onde o horizonte é mar e céu, um naufrago desesperado, único sobrevivente de um submarino que se afundou mais que o suposto, foi surpreendido pela aparência bela e ilusória de uma mulher esbelta, nadando como um peixe, sendo um, de cabelos esverdeados como algas e olhos azuis como tom do oceano. Ela levou-o até à costa, arrastando-o por horas no oceano, e desapareceu. Na cama de um hospital, ele ainda pensa que foi ilusão.

FIM

OBRIGADO PELO APOIO!

É com muito gosto que aviso que **NÃO VOU** abandonar o Blog!

Até ao meu regresso, podem seguir novidades, aqui

<https://www.facebook.com/luavermelha.2.3.fanfic>

ou podem seguir a minha pessoa, aqui

<https://www.instagram.com/claudiasilvart>

RETORNAREI COM MAIS LUA VERMELHA
E quem sabe, novas histórias num novo
Blog!

PS: O Facebook do Blog (acima apresentado) é actualizado com frequência.